

Esta edição é dedicada ao som da língua.

ISSN 2237-9762

iátrico

nº32



Sabor da prosa



4 ESTILISTA DO PONTO E VÍRGULA

O Centenário de Rubem.

6 ODE AO AMOR

Poetinha e sua sensibilidade.

8 SABOR DA PROSA

Ler é fazer amor com as palavras.

12 SER AMIGO

Não é tudo, mas é muito!

14 SINATRA & COCKER

Das trilhas imperdíveis.

24 NOTAS DE UM IGNORANTE

Humor para escudar vaidades.

26 QUEM VIVER, LERÁ

As prosas que correm soltas.

34 LEITURA NAS ARTES

Galeria de estilos.

49 VIDA DE MÉDICO

"Negolima" ou "hemolima"?

54 ORIGINALIDADE INEXISTE?

Criptominésia criando verdades.



A CAPA

A capa desta edição do **IÁTRICO** sugere uma questão: o que é mais importante, ler a realidade, ou seja, ter um ver treinado, a tal observação; ou ter um ensinamento por palavras. Claro que é uma falsa questão. Aprender a ver, à parte o componente genético, é um exercício que deve ser exercido desde tenra idade, e quanto mais formos estimulados a discriminar pelos sentidos mais aptos estaremos a fazer do ensinamento linguístico algo profundo. Noutras palavras e em duplo sentido, nos categoriza a assimilar melhor essa realidade e a refletir sobre a mesma. Não somos tabula rasa ao nascer, já que a genética importa e muito; mas, quando embebidos no caldo da cultura humana exposta nos livros, mais alicerçados estaremos para escrever o livro aberto de nossas próprias vidas, sempre inconcluso e com fim incerto, mas único e rico à maneira de cada qual. Portanto, às leituras. 📖

EXPEDIENTE

PUBLICAÇÃO CIENTÍFICO-CULTURAL DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ - EDIÇÃO Nº 32 CRM-PR - Rua Victório Viezzer, 84 | Vista Alegre | Curitiba-PR | CEP 80810-340 | Fone: 41 3240-4026 | Email: iatrico@crmpr.org.br | Comissão de Comunicação: João Manuel Cardoso Martins, Carlos Roberto Goytacaz Rocha, Alexandre Gustavo Bley (presidente do CRM-PR), Miguel Ibraim Abboud Hanna Sobrinho, Luiz Sallim Emed, Donizetti Dimer Giamberardino Filho, Hércio Bertolozzi Soares, Ehrenfried O. Wittig e Hernani Vieira | Editor-coordenador: João Manuel Cardoso Martins (Membro da Academia Paranaense de Medicina e Professor da PUC-PR) | Coeditor: Hernani Vieira (CTRS 993/06/98v - SINDIJOR 816) | Projeto Gráfico e Diagramação: Leonardo Escorsim | Impressão: Graciosa Gráfica e Editora | Tiragem: 24.000 exemplares | Edição Junho/2013.

TEXTOS SABOROSOS

Certa vez, Rubem Braga, príncipe da crônica, listou em texto as boas coisas da vida. Foi uma resposta a uma revista frívola que instou algumas pessoas a dizerem as “dez coisas que fazem a vida valer a pena”.

À sua maneira, entre recordatórios prosaicos e específicos de infância a instantâneos surpreendentes da adultícia, discorreu sobre o particular de si ao universal de todos.

O singular é de cada um; para os outros, raramente vale a pena recordar. Costuma ser intromissão indébita. Afinal, quem se sensibilizaria ao saber de seu gosto por aipim cozido, ainda quente, com melado de cana que vinha numa garrafa cuja rolha era um sabugo de milho? Muito distante da maioria dos médicos que prezam sua vida cidadina. Agora, coisa

nossa, partilhada, é ler pela primeira vez aquele poema que nos tocou. Ou um pedaço de prosa, daquelas que dão inveja na gente e vontade de reler. Ou, como escreveu o velho Braga, sentir que de um antigo amor resultou uma grande amizade – ou que uma grande amizade virou, de repente, amor. Sentir que você deixou de gostar de uma mulher que, em última instância, para você, era apenas aflição de espírito e frustração da carne – a mulher não te deu e nunca te dará, e ponto. E viajar? Partir é ótimo... Melhor ainda é voltar. E por derradeiro, pensar que, por pior que estejam as coisas, há sempre uma solução: a morte – o assim chamado descanso eterno.

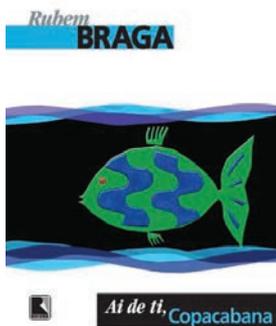
Rubem era assim. Fazia do simples uma memória, do complexo uma epifania. E nos derretíamos ao sabor do verbo. De Rubem e de tantos outros, dos quais esta edição dá conta. ❶





200 CRÔNICAS ESCOLHIDAS

Com uma linguagem sensível e poética, Rubem capta flagrantes da vida cotidiana que ele próprio viveu ou testemunhou. O livro traz seus melhores textos, produzidos entre 1935 e 1977, numa escolha feita pelo próprio autor, baseada na seleção original feita pelo amigo Fernando Sabino.



AI DE TI, COPACABANA

Reúne crônicas escritas de abril de 1955 a março de 1960, selecionadas pelo próprio autor e impregnadas com o amor do autor à vida simples, dos humildes e sofredores. Abordam assuntos do dia a dia, da infância, da mocidade e dos primeiros amores.

SABOR DA PROSA

“Envelhecemos nisto, não naquilo; este trecho ainda é verde aque-loutro quase apodreceu; aqui há selva estuando, além é coisa murcha. A infância não volta, mas não vai – fica recolhida, como se diz de certas doenças. Pode dar um acesso.” Este trecho é feito de memória e vivência, e muita sensibilidade. O que jamais faltou ao cronista capixaba Rubem Braga, que elevou a crônica ao patamar de literatura. Neste ano de seu centenário, credores de sua prosa única e saborosa, o homenageamos. 📖

RUBEM: PONTO E VÍRGULA

Este seria o centenário de Rubem Braga. Colheu-o um câncer de pulmão em 1990, graças ao cigarro companheiro de uma vida. Mas o príncipe de nossa crônica semeou muito, tornou clássica sua forma de escrever.

Sabemos que *chronos* em grego significa tempo. Mas, ao contrário da tradição europeia que revestiu a crônica sempre de um caráter histórico, longo, geralmente contando as proezas dos poderosos, Rubem deu-lhe um modo curto, mais adequado à modernidade da prensa, da rapidez sem sentido, sem tempo para reflexão. E aí está seu paradoxo, apesar da efemeridade, o cronista faz um recorte do cotidiano vivido que, apesar de conciso, convida o leitor a pensar sobre sua própria vida; sim, estabelece um contrato de minutos, mas que deve ser preenchido com uma reflexão sobre a banalidade de sua vida. Como o faz? Explorando o fragmento vivencial com ironia, melancolia, humor, ou dando-lhe uma vertente lírica. Enriquecendo esse momento de emoção. Tanto pode ser o *spray* de barbear quanto uma memória de infância, tudo vale, desde que descrito com uma intuição linguística que torne o vulgar memorável, às vezes cortejando a eternidade, elevando a crônica à condição de alta literatura. Para isso usa a experiência pessoal e a sensibilidade; e o resultado é que nos faz sentir seu tempo com significado. E, em nós, o recorte prosaico torna-se memória. O estilista do ponto e vírgula, que nos parece sempre necessário – embora destinado a desaparecer –, nos oferece não um manjar comum, mas sempre um banquete que não nos fartamos de consumir, cuja desgustação vai além do tempo. Impregna nossos sentidos com o sabor da prosa: “O lombo era o essencial, e a essência era sublime. A faca penetrava nele tão docemente como a alma de uma virgem pura entra no céu. A polpa se abria levemente enfibrada, muito branquinha, desse branco leitoso e doce que tem certa nuvens às quatro e meia da tarde na primavera.”

Rubem deve estar cozinhando bem assim no Olimpo. Só escreveu crônicas. E precisava mais? 📖

Foto: Acervo Roberto Seljan Braga



O MILAGRE DA PINTURA

Estou sozinho em casa, por preguiça e prazer. Leio um livro; depois me canso e começo a ler outro. Mas tenho uma hora inteira à minha frente. Começo a escolher um disco, dos pouquíssimos que tenho; mas reparo que não é isso que estou querendo.

Abro um álbum de reproduções de quadros. Vou folheando devagar, bem devagar, reparando aqui e ali coisas que não tinha reparado antes; volumes que se compensam, linhas que se correspondem, cores... Fico a imaginar o que o pintor pensava ou sentia ao começar o quadro; o motivo que o guiou na escolha de uma figura, e como ele conseguiu criar essa atmosfera com meios tão simples; procuro o motivo além do assunto, o enredo íntimo, o sentimento pessoal que ele deu ao tema, o que ele conta de si mesmo nesse quadro.

Abstraio os detalhes da fatura e me deixo ver o quadro, como se o visse pela primeira vez, renovo em mim essa impressão primeira sem indagar se ela vem do claro-escuro ou do jogo de cores, se do arabesco do desenho

ou do espaço criado pela perspectiva, do modelo ou da composição. Deixo-me ver o quadro com inocência, recebo a sua revelação virgem como se fosse uma bela desconhecida, que apenas achamos digna e triste, ou leve e tímida, sem sequer poder dizer a forma do seu nariz ou a cor de seus cabelos.

E de repente compreendo que minha música interior não a recebo pelo ouvido, impreciso e deseducado, mas pela visão das linhas e das cores. É de ver pintura e desenho que tenho saudade e fome quando o jogo da vida me cansa; é a pintura que me apazigua e me faz sonhar. Sou, entretanto, um viciado quase grosseiro e me culpo de não ter nunca afinado melhor essa regular sensibilidade que nasceu comigo. Apenas sei que de algum modo já aprendi a ver, pois me espanto com o gesto rudimentar de algum amigo menos interessante em pintura. Mas, quando leio uma página de Venturini, por exemplo, sobre algum quadro que conheço e amo, sinto-me invejoso e humilde, porque vejo que ele sabe amá-lo melhor que eu, exatamente como se ele tivesse notado um detalhe lindo da mulher que eu amo, um detalhe que eu nunca tivesse reparado. A boa crítica de arte o que é, se não um ato de amor?

E de repente tenho pena de tantos pintores que se agarram a teorias e escolas, do concretista apaixonado ou apenas acompanhador da moda que se proíbe à delícia que lhe poderia causar uma figura ou uma paisagem, do neorrealista para quem fica sendo um pecado gostar de uma composição abstrata – de todos os que amputam, por causa de teorias de momento, de paixões estranhas à arte, à própria sensibilidade e limitam sua alegria íntima nesse mundo maravilhoso da pintura. Mundo maravilhoso do qual sempre voltamos com um respeito maior pela dignidade e liberdade humana, um respeito por essa pobre coisa, o indivíduo que permanece fiel a si mesmo e procura contar sua tristeza, sua maravilha ou sua ânsia de infinito.

São coisas em que no fim fico pensando à toa quanto estou em casa sozinho. Sinto que elas são quase vulgares, ou mesmo vulgares, tanto que já foram sentidas e ditas. O que nunca é vulgar – e aqui está o misterioso poder da natureza – é o objeto de arte em si mesmo, a curva de um ombro mais forte que a outra, o traço um pouco mais alto de um olho esquerdo sobre o direito, um nada qualquer que em si mesmo não diz nada e, entretanto, sugere o misterioso clima de beleza.

Dezembro, 1990

Rubem Braga, em Um cartão de Paris, da Record.

SOBRE O AMOR

A vida é a convivência de contrários, portanto, inexistente sem o conflito. E a grande arte da vida é aprender a lidar com os sentimentos contraditórios, a consumi-los com harmonia e amor.

Ah, o amor, se não existisse teria que ser inventado para o bem dos homens, e para poder elevar a prosa e a poesia a um patamar de sabores que façam da língua uma junção uníssona: a prosa-poética. Ou seja, que gere o enamoramento pela palavra.

A seguir damos exemplo de prosa e de poesia que remetem a sabores especialíssimos, as especiarias da língua. ❶

À SOLTA

Para fazer meu tempo e rumo sem compromisso, a não ser o da hora, me entrego a um papo imprevisto, a uma visão de requiebro erótico, a uma estranheza que não decodifico na errância da gestualidade.

Já solto para não misturar sentimentos, apenas suscetível às surpresas da descoberta, me cubro de palavras e moralidades vãs, naufragadas pela força do destino.

Agora solto para exercitar tempo sem custo, lento, como lentas devem ser as curvas do amor; como atenta deve ser a escuta. De um ruído, de um pingo, do farfalhar de lençóis cúmplices, do pio que ignoro mas cujo voo elíptico imagino, enquanto entretido nas coisas do lugar, puro e simples. E que me permito usufruir à nossa maneira, do nosso jeito, amável em sentido e significado. Celebrado no borbulhar transparente, comungado nos odores únicos, úmidos de afeto, encarnados de história.

À solta para expressar o indizível, e para sentir o inefável, para flutuar na imponderabilidade das belezas procuradas e vistas, para ir ao encontro do pasmo revelado, e que estava perto, muito perto, cegos ao que é essencial. E sorrir para o abismo das emoções. Fugazes, mas de alcance azul. E se derramar, sem medo.

Dr. Emanuel Sá (PR).



POETINHA

O título nada tem de diminutivo. Na verdade foi exagerado em tudo: mulheres, poemas, música e álcool. E encontros, muitos encontros, nada recusando à vida, embora a sua própria terminasse num grande desencontro. Ou seja, a paixão o dilacerou. Mas durante o percurso criou, e como criou, esbanjando seu talento na paixão dos suicidas que se matam sem explicação, diria Drummond, o contido. Claro que não se matou de moto próprio, gostava demais da vida para fazê-lo. Matou-se pela incontinência; e o edema agudo pulmonar aos 66 anos foi o epílogo desse derramamento do qual somos beneficiários. Poetinha, o diminutivo é sua marca de sensibilidade, e você sabia que é inútil resistir à vida. Neste seu centenário de nascimento, agradecemos tua dedicação à música popular brasileira e a elevação que lhe deste, afinal, não é qualquer um que observa a menina, que vem e que passa, num doce balanço, a caminho do mar. Tua obra, Vinícius, ainda será celebrada. Precisamos de mais anos, como em teu poema *Epitalâmio*: “Foi preciso um ano/ de namoro fechado, irmão presente,/ Para me dares, louco, de repente/ Tua mão, como um pássaro assustado.” Só assustaste, porque de homem te tornaste menino, e brincaste com a vida. E nós curtimos a brincadeira, poetinha. ❶

PARA VIVER UM GRANDE AMOR

Para viver um grande amor, preciso é muita concentração e muito siso, muita seriedade e pouco riso – para viver um grande amor.

Para viver um grande amor, mister é ser um homem de uma só mulher; pois ser de muitas, poxa! É de colher... – não tem nenhum valor.

Para viver um grande amor, primeiro é preciso sagrar-se cavalheiro e ser de sua dama por inteiro – seja lá como for. Há que fazer do corpo uma morada onde clausure-se a mulher amada e postar-se de fora com uma espada – para viver um grande amor.

Para viver um grande amor, vos digo, é preciso atenção com o “velho amigo”, que porque é só vos quer sempre consigo para iludir o grande amor. É preciso muitíssimo cuidado com quem quer que não esteja apaixonado, pois quem não está, está sempre preparado para chatear o grande amor.

Para viver um grande amor, na realidade, há que se compenetrar da verdade de que não existe amor sem fidelidade – pra viver um grande amor. Pois quem trai seu amor por vanidade é um desconhecedor da liberdade, dessa imensa, indizível liberdade que traz um só amor.

Para viver um grande amor, *il faut*, além de fiel, ser bem conhecedor de arte culinária e de judô – para viver um grande amor.

Para viver um grande amor perfeito, não basta ser apenas bom sujeito; é preciso também ter muito peito –

peito de remador. É preciso olhar sempre a bem-amada como a sua primeira namorada e sua viúva também, amortalhada no seu finado amor.

É muito necessário ter em vista um crédito de rosas no florista – muito mais, muito mais que na modista! – para aprazer ao grande amor. Pois do que o grande amor quer saber mesmo é de amor, é de amor, de amor a esmo; depois, um tatuzinho com torresmo conta ponto a favor...

Conta ponto saber fazer coisinhas: ovos mexidos, camarões, sopinhas, molhos, estrogonofes – comidinhas para depois do amor. E o que há de melhor que ir pra cozinha e preparar com amor uma galinha com uma rica e gostosa farofinha, para o seu grande amor?

Para viver um grande amor é muito, muito importante viver sempre junto e até ser, se possível, um só defunto – pra não morrer de dor. É preciso um cuidado permanente não só com o corpo mas também com a mente, pois qualquer “baixo” seu, a amada sente – e esfria um pouco o amor. Há que ser bem cortês sem cortesia; doce e conciliador sem covardia; saber ganhar dinheiro com poesia – para viver um grande amor.

É preciso saber tomar uísque (com o mau bebedor nunca se arrisque!) e ser impermeável ao diz-que-diz-que – que não quer nada com o amor.

Mas tudo isso não adianta nada, se nesta selva oscura e desvairada não se souber achar a bem-amada – para viver um grande amor.

Vinicius de Moraes.

A propósito do tema na página ao lado, À Solta, cantou mais e melhor o poeta Vinicius de Moraes; perante seus versos líricos parecemos todos liliputianos, minúsculos prosadores.

SONETO DO AMOR TOTAL

Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com
mais verdade...

Amo-te como amigo
e como amante
Numa sempre
diversa realidade.

Amo-te afim, de um
calmo amor prestante
E te amo além, presente
na saudade
Amo-te, enfim, com
grande liberdade
Dentro da eternidade
e a cada instante.

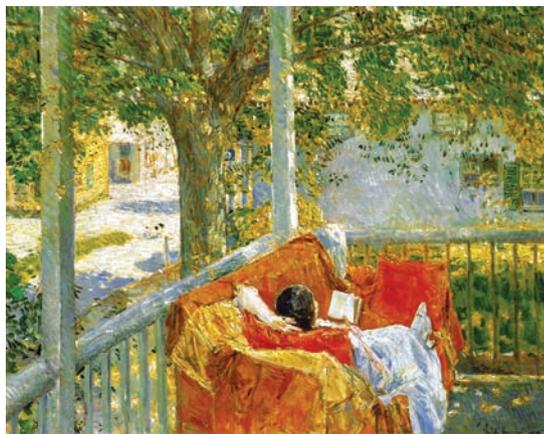
Amo-te como um bicho,
simplesmente
De um amor sem mistério
e sem virtude
Com um desejo maciço
e permanente.

E de te amar assim,
muito e amiúde
É que um dia em teu
corpo de repente
Hei de morrer de amar
mais do que pude.

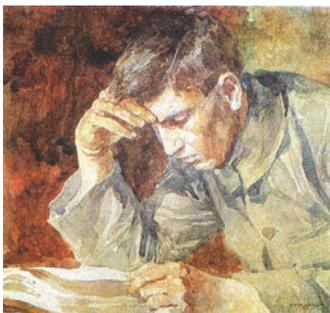
Vinicius de Moraes.



A leitora, Jean-Honoré Fragonard (1732-1806).



Couch on the Porch, Cos Cob, Frederick Childe Hassam (1859-1935).



Jovem rapaz lendo, Ignat Bednark (1882-1963).



The Reader, Federico Zandomeneghi (1841-1917).

SABOR DA PROSA

“Ler é fazer amor com as palavras”.

Médico é um caminhante. Caminha ao longo do corpo e do espírito com trabalho e observação. E pelo menos nessas coisas, o que deveria ser paixão e beleza, vira obrigação. Muito trabalha porque o ganho é pouco e, por isso, precisa fazer o milagre da arborescência. E o trabalho vira um ato contínuo; os pacientes, séries informatizadas, pois há muito a consertar nesse vale de lágrimas, dores e solidão. Daí o olhar nítido como o olho do girassol, a separar sintomas e catalogar sinais. Pois disso é feita sua vida, de fragmentos, que inteira tecendo a rede de segurança em que se apoiam os doentes, peregrinos da esperança. E é da prosa alentadora que saem conselhos, recomen-

dações, reparos e consolos. Que se descamam os cristais da tecnologia. Tornando os bosques vivenciais menos sombrios e fundos, e mais belos. Adiado o sono etéreo e colorindo a fantasia, encarnando as palavras. Transformando a observação em verbo e ação. E a mão que pousa imprecisa reduz o mistério da impossibilidade, dá à memória sentido no incompreendido, dá ao momento a serenidade precisa. A palavra exata. E correm aberturas, imagens, sangue, soros, remédios, e a tradução incorporea do ritmo. E ouvimos a notícia do nosso desejo... e uma parte de nós deixa de ser solidão e estranheza. E o tempo deixa ser conta, e a prosa vira poesia. **❶**

PROSA A DOIS

*"Minhas mãos e as tuas,
perdidas, estão reunidas
após muitas luas."*

As mãos estão sempre reunidas, congaçadas, em busca do que há de verdadeiro em mim e em ti. Em mim, não sei bem, é sempre algo provisório, se desenhando de uma maneira etérea, nada concreta, imaterial. Mas quando vejo o resultado de tuas mãos, em letra precisa, iluminando um texto carente de leitura, sinto um choque de reconhecimento. Não é apenas meu estilo que fica menos ruim, é meu entendimento que se alastra, desanuvia pensamentos embrionários, fazendo desabrochar uma concretude até então só delineada, vaga em sua sombra. Sim, ao te ler, surge em

mim a evocação da analogia, a certeza do conceito, a incerteza da prova, a esperança da clareza. Pois, teu texto me conquista, me dá liberdade, me torna mais solidário. E aí, meus alinhavos gráficos ganham proporção, reduzida é certo, mas claros e concisos para mim mesmo, e me espanto com o milagre da prosa, operando transformações, ditando o ritmo de meu próprio destino, incerto, mas carregado de significado. E dizer que são apenas símbolos, referências para lugares, coisas, ideias e seres. Tua prosa une nossas mãos, e mentes. **❶**

Menina lendo, Vladimir Ezhakov (1975).



Reading by a Window, Federico Zandomeneghi (1841-1917).

Menina lendo, Vladimir Ezhakov (1975).



Paul Barthel (1862-1933).

amor

CONFIDÊNCIAS DE UMA ROMÂNTICA

Houve duas pérolas na vida de Cecília Meireles: silêncio e solidão. Se juntaram ao temperamento doce, embora firme, para tecer um repertório poético que educa o leitor a percorrer caminhos originais e belos, claros e concisos, sem deixar de lhe dar a opção das escolhas, o isto ou aquilo. Não à toa, sua poesia virou música de clássicos e populares, e sua melodia poética, muito nossa, atravessou continentes e se tornou língua de muitas gentes. Para dar ao leitor do **IÁTRICO** uma amostra grátis de sua poesia e de sua prosa, engalanamos seu verbo perene. ⓘ

JANTAR À LUZ DE VELAS

A luz das velas é cheia de delicadezas. O adamascado das toalhas transfigura-se em brocado precioso; qualquer pequeno desenho dos talheres ou dos cristais adquire primores novos: a mesa resplandece, concentrada no halo dessa claridade ao mesmo tempo intensa e discreta, simples e sobrenatural.

É então que se pode verdadeiramente ver o que há de veludo nas rosas, e de sementeiras e searas na crosta dourada do pão. Caminhos brancos de seda e quartzo se abrem nos peixes, desfolhados como malmequeres. Festas muito antigas estacionam espelhadas nos claros vinhos.

As mãos passam a ter outro sentido, com suas cores e suas linhas, à luz das velas, muito macia, porém maravilhosamente exata. As unhas róseas desmaiam, com suas meias-luas alvas, e os gestos e a sua sombra têm outra eloquência, imperceptível ao clarão das grandes lâmpadas. Qualquer pequena joia desabrocha sua riqueza oculta: o ouro é muito mais límpido e os sons da prata parecem não apenas audíveis, mas visíveis.

E os rostos deixam de ser umas máscaras: seus contornos autênticos apresentam modelações de cera e transparências de alabastro. A luz das velas insinua-se com muita sua-

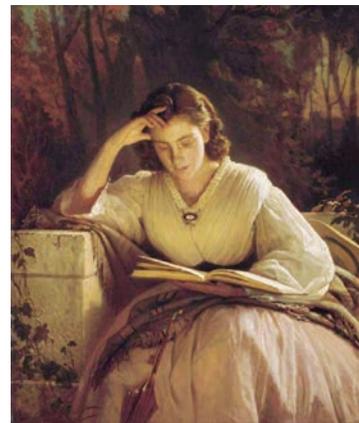
vidade pelo desenho dos lábios, pela curva das narinas, passa pelas pestanas, fio a fio, para, enfim, descansar nos olhos, pequenos mares convexos, líquidos e móveis como se fosse mesmo um aglomerado de lágrimas. E avista-se o horizonte das almas.

Louras, negras, prateadas, esfumam-se as cabeças, fora do halo das velas. Palavras-sorrisos vêm de jardins submarinos, com arbustos de coral, som de água, lembranças de pérolas. As paredes estão muito longe, no fim do mundo.

A pequena chama ondulante mostra o que raramente se vê: as voltas que dão os fios, na invenção das rendas; a textura das sedas e dos linhos; a irisação do nácar dos botões. Nas uvas translúcidas, descobrem-se tênues fibras, em torno das sementes baças, como nublosas pupilas.

A luz da vela vai descendo verticalmente, imperceptivelmente: silenciosa e morna. Parece uma pequenina pluma, azul, negra e dourada. E na noite redonda de cada xícara de café, reflete-se como lua minúscula, incerta, oscilante, fragmentada. Até que dessa luz e de sua límpida coluna reste apenas um pouco de pavio; um pedacinho de carvão caído na cera quente, como um inseto afogado.

Cecília Meireles.



Whistler Reading - A Portrait of Sofia Kramskaya, the Artist's Wife. Ivan Kramskoy (1837-1887)

É PRECISO NÃO ESQUECER NADA

É preciso não esquecer nada:
nem a torneira aberta
nem o fogo aceso,
nem o sorriso para
os infelizes
nem a oração de cada instante.

É preciso não esquecer de
ver a nova borboleta
nem o céu de sempre.

O que é preciso é esquecer
o nosso rosto,
o nosso nome, o som da
nossa voz, o ritmo
do nosso pulso.

O que é preciso esquecer é
o dia carregado de atos,
a ideia de recompensa
e de glória.

O que é preciso é ser como
se já não fôssemos,
vigiados pelos
próprios olhos
severos conosco, pois o
resto não nos pertence.

Cecília Meireles.

SER AMIGO

"Ser amigo é relevar falhas, desde que não sejam as de caráter".

Woman Reading in a Forest, Gyula Benczúr (1844-1920).



Spannende Lektüre, Walther Fille (1859-1929).



Ser amigo não é para qualquer um. Exige presença e lealdade, no momento incerto, fidelidade e proximidade.

Ser amigo não é estar entre muitos, melhor poucos e bem conhecidos. Afinal, ter amigo cinza é mais perigoso do que um desafeto sábio. Este, não atira a esmo, é parcimonioso na munção, critica com argumentos, é para ser levado a sério. Mesmo inominado não é tolo, provoca sem ferir, eleva nossa argúcia.

Amigo presunçoso é bala perdida de trajeto errático, não poupa o escondido. Sem pudor, é dissidente de espírito, inconfidente ao sol de abril.

Ser amigo é relevar falhas, desde que não sejam as de caráter. Se existentes, melhor criar uma zona de transição com prudência. Amigo que não protege a intimidade é vírus letal, irreversível no dano, bastardo da confiança.

Ser amigo é como obra-prima, está onde está, à vista, nítido nos propósitos, oculto nos mistérios que nos eternecem, nas virtudes que nos emudecem.

Ser amigo não é para qualquer um. É ser conciliador sem ser acomodaticio. É ser como velhos livros relidos e carregados de pessoas, e que sempre nos inspiram. Sempre colocados à esquerda do peito para ditar o ritmo da consciência, o voo da verdade, a profundidade do bem, a simetria do belo. É ser único na maneira de sê-lo. É ser muito na exiguidade da vida. É tornar-se assemelhado na compreensão, solícito à compaixão; é ser ponderado quando nos assalta a passionalidade.

Ser amigo não é para qualquer um, é não nos dar o desgosto da ingratidão. Para isso, melhor a distância no silêncio. Mas é também saber que a mudez faz parte de muitos que não se sabem nossos eleitos.

Enfim, ser amigo é compartilhar saúde e doença em prol da afetividade, mesmo na ausência de sãbença.

Sim, ser amigo não é tudo, mas já é muito. Muito porque nos deixa ser como somos: imperfeitos! Mesmo bem-intencionados. 📖

LUXO E SILÊNCIO

"Tempo e silêncio se desfrutam na ocultação, que parece ser um pecado mortal em tempos de ruído e ostentação".

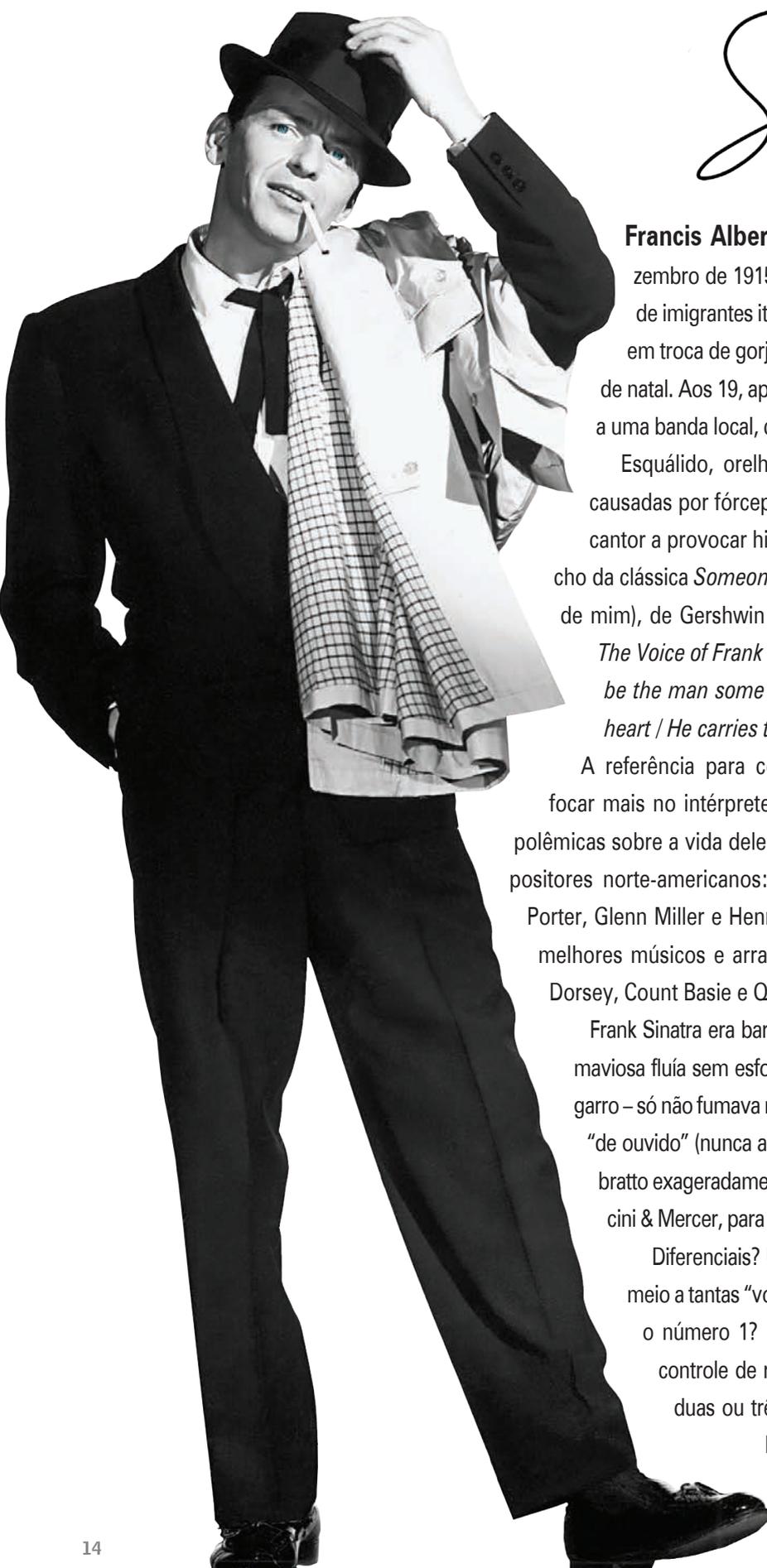
Na sociedade pós-industrial algo se rompeu na velha tradição do luxo, a ponto do filósofo alemão Hans Magnus Eisensberger elaborar uma lista com o que considera a verdadeira curtição atual, que é dar-se ao luxo de ter: tempo, autonomia, espaço, silêncio, segurança e um ambiente não poluído. Outros vão mais longe e acrescentam: convivência, ambiente criativo e acesso às belezas, mesmo simples e baratas. Como vedes, algumas como tempo e silêncio se desfrutam na ocultação, que parece ser um pecado mortal em tempos de ruído e ostentação. Bem-estar, hoje, é quem disso pode usufruir

com serena modéstia; significando não ser escravo do consumo e da grife. Ser luxuoso é o que está pleno de si, sem afetação nem submissão. Ou seja, a cada um o que lhe basta e cabe, sem a subversão do desejo. A propósito: já viu como os hospitais hoje são barulhentos? Quando comecei se proibiam a visita de crianças, e os hospitais eram religiosamente silenciosos. Hoje nem as igrejas!

Conforte-se, o luxo e o silêncio estão ao seu alcance; estão ligados ao saber, aos ritmos ponderados à convivência e, sobretudo, à introspecção. Que é inteiramente sua. **❶**

Woman Reading in a Forest, Gyula Beniczúr (1844-1920).





Sinatra

Francis Albert "Frank" Sinatra, nasceu em dezembro de 1915, em Hoboken, Nova Jérsei (EUA). Filho de imigrantes italianos, começou a cantar aos nove anos em troca de gorjetas, perto de um *night club* de sua cidade natal. Aos 19, após pedido de emprego feito por sua mãe a uma banda local, começou a cantar profissionalmente.

Esquálido, orelhas de abano, com cicatrizes no rosto causadas por fórceps e surdo de um ouvido, foi o primeiro cantor a provocar histeria nas plateias. Como bem cai o trecho da clássica *Someone to Watch Over Me* (Alguém vai cuidar de mim), de Gershwin & Gershwin, que ele inseriu no álbum *The Voice of Frank Sinatra* (1946): "*Although he may / Not be the man some / Girls think / Of as handsome / To my heart / He carries the key*".

A referência para colocá-lo em perspectiva, pois melhor focar mais no intérprete e distanciar-se um pouco das muitas polêmicas sobre a vida dele. Gravou, entre tantos, a nata dos compositores norte-americanos: Irving Berlin, Irmãos Gershwin, Cole Porter, Glenn Miller e Henry Mancini. Também trabalhou com os melhores músicos e arranjadores da época, entre eles Tommy Dorsey, Count Basie e Quincy Jones.

Frank Sinatra era barítono, tinha uma dicção perfeita. Sua voz maviosa fluía sem esforço, apesar do uso excessivo álcool e cigarro – só não fumava no banho, como ele mesmo dizia. Cantava "de ouvido" (nunca aprendeu a ler música) e não utilizava o vibrato exageradamente – vide o início de *Moon River*, de Mancini & Mercer, para ouvir a utilização adequada dessa técnica.

Diferenciais? Um lugar-comum – era *the voice* –, e em meio a tantas "vozes", por que entrou para a história como o número 1? Bem, entre tantas virtudes ele tinha um controle de respiração esplêndido, que o fazia cantar duas ou três estrofes antes de respirar novamente.

Fruto de muito treinamento de apneia em piscina. Todavia, sem considerar a téc-



Três fases da vida de Sinatra: ao alto à esquerda, ainda jovem, quando cantava em troca de gorjetas; ao lado em 1938, quando foi preso por "conduta imoral"; e abaixo com Grace Kelly, no filme *Alta Sociedade*.

nica, para mim e para muitos o seu segredo estava no lirismo nato, expresso, por exemplo, na utilização de pausas, inflexões e junções das palavras. Ouçam (leiam) o verso: *"Come to me/tenderlylin the June night"*, de *Moonlight Serenade*, de Glenn Miller e Mitchel Parish.

Sinatra tinha, sobretudo, um excelente gosto musical, com algumas concessões comerciais ao público (mesmo odiando *Strangers in the Night*), incluindo vários discos de Natal. A versão belíssima de *White Christmas* (Irving Berlin) eu acredito ser melhor do que a de Bing Crosby e algumas patriotadas (*The House I Live In*). Verdade seja dita, essa absorção comercial tornou-se comum no pós-guerra envolvendo intérpretes com vasto repertório, muitos anos de carreira e que passaram por diversos modismos musicais, perenes ou não.

Quando gostava da música, Sinatra conseguia extrair emoção e sutileza de cada palavra. Sabia ser, como seus amigos "italianos", doce e melancólico como Dean Martin; e técnico e virtuoso como Tony Bennet, o cantor preferido dele. Frank Sinatra era mais. Era completo. A melhor descrição dele foi definida pelo próprio: *"Whatever else has been said about me personally is unimportant. When I sing, I believe. I'm honest"*.

Dr. Caio de Castro (PR).

SINATRA SONGS

- 1. GRANADA**
(A. Lara/ D. Dodd)
- 2. ALL THE WAY**
(S. Cahn/ J.V. Heusen)
- 3. WITCHCRAFT**
(C. Coleman/ C. Leigh)
- 4. MY WAY**
(J. Revaux/ G. Thibault/ C. François/ P. Anka)
- 5. I GET A KICK OUT OF YOU**
(Cole Porter)
- 6. CYCLES**
(Gayle Caldwell)
- 7. NIGHT AND DAY**
(Cole Porter)
- 8. THAT'S LIFE**
(D. K. Thompson/ K. Gordon)
- 9. THE SUMMER KNOWS**
(A. Bergman/ M. Bergmen/ M. Legrand)
- 10. YOU WILL BE MY MUSIC**
(Joe Raposo)
- 11. SEND IN THE CLOWNS**
(Stephen Sondheim)
- 12. NICE "N" EASY**
(Spence/ Keith/ Rehbein/ Sigman)
- 13. SOFTLY AS I LEAVE YOU**
(Shaper/ Devita/ Calabrese)
- 14. FROM BOTH SIDES, NOW**
(Toni Mitchell)
- 15. THE WAY YOU LOOK TONIGHT**
(J. Kern/ D. Fields)
- 16. DREAM A WAY**
(Willians/ Willians)
- 17. YOU MAKE ME FEEL SO YOUNG**
(J. Myrow/ M. Gordon)
- 18. I'VE GOT YOU UNDER MY SKIN**
(Cole Porter)
- 19. WHAT ARE YOU DOING THE REST OF YOUR LIFE?**
(A. Bergman/ M. Bergman/ M. Legrand)
- 20. MY WAY OF LIFE**
(Kaempfert/ Rehbein/ Sigman)
- 21. SUMMER WIND**
(H. Meier/ J. Mercer)
- 22. BEWITCHED**
(R. Rodgers/ L. Hart)



Quando em 1969 ouvi pela primeira vez *With a Little Help From My Friends* dos Beatles, na voz de Joe Cocker, imaginei tratar-se de um cantor negro. Tive também a percepção, desta vez correta, do que significava a palavra “feeling”.

Ninguém até então, para mim, tinha sido tão visceral. E a guitarra de Jimmy Page completava a sensação de coesão, de organicidade, que conseguia alterar meu estado de consciência. Quando vi sua apresentação em Woodstock, entregando o contorcionismo de seu corpo à voz, foi espanto e defesa, e depois entrega. E me lembrei de Aldous Huxley, citando Burroughs, a propósito da mescalina mexicana, que se se abrissem as portas da percepção tudo pareceria como realidade infinita. Nada mais psicodélico do que isso para época. Cocker não era só drogado, funcionava

como uma droga. Depois, bem, depois deu no que deu. Afundou-se em álcool e outras drogas, e o destino não quis que morresse. Ao contrário, deu-lhe nova chance nos oitentas para expressar seu “feeling” e se consagrar definitivamente. E misturar melancolia com júbilo de espírito, sensibilidade com tonicidade, para nos fazer comungar um sentimento único, o amor que se despedaça para voltar inteiro.

O **IÁTRICO** selecionou uma trilha imperdível, a do homem que finalmente se encontra em sua sede infinita. Comungue. 🎧

FEELING

1. YOU ARE SO BEAUTIFUL
(Dennis Wilson & Billy Preston)

2. THE MOON IS A HARSH MISTRESS
(Jimmy Webb)

3. AIN'T NO SUNSHINE
(Bill Withers)

4. THAT'S ALL I NEED TO KNOW
(Eros Ramazzotti, Vladimiro Tosetto & Graham Lyle)

5. DON'T LET ME BE MISUNDERSTOOD
(Bennie Benjamin, Gloria Caldwell & Sol Marcus)

6. UNFORGIVEN
(David Hodges, Kara DioGuardi, Nick Lacchey & Mitchell Allan Scherr)

7. DON'T YOU LOVE ME ANYMORE
(Diane Eve Warren & Albert Louis Hammond)

8. UP WHERE WE BELONG
(Will Jennings, Jack Nitzsche & Buffy Sainte-Marie)

9. UNCHAIN MY HEART
(Clyde Otis & Bill Sanford)

10. SORRY SEEMS TO BE THE HARDEST WORD
(Elton John & Bernie Taupin)

11. ONE
(Maurice White, Philip James Bailey, Carlton Douglas Ridenhour, Hank Shocklee & Clifford Harris)

12. WITH A LITTLE HELP FROM MY FRIENDS
(John Winston Lennon & Paul James McCartney)

13. I WHO HAVE NOTHING
(Jerry Leiber & Mike Stoller)

14. JEALOUS GUY
(John Winston Lennon)

15. EVERYBODY HURTS
(William Berry, Michael Stipe, Peter Buck & Mike Mills)

16. FEVER
(Eddie J. Cooley & John Davenport)

17. LET IT BE
(John Winston Lennon & Paul James McCartney)

18. COME TOGETHER
(Hank Snow)

Confira as trilhas sonoras do **IÁTRICO** no Portal do CRM-PR.



*"A guiding light that shines in the night
Heavens gift to me
You are so beautiful to me"
John Robert Cocker*



O HOMEM DE SEIS MINUTOS

"Não havia urgências, um estado de prazer sem custo que certamente durou mais do que seis minutos."

Saíra de casa atrasado. O trânsito estava difícil

e a expectativa de encontrar a sala de espera do consultório repleta de pacientes olhando no relógio com impaciência o incomodava.

Manhã difícil, diagnósticos inevitáveis, avaliação sem fim de exames e comportamentos. A concentração era mantida com esforço e responsabilidade. Dedicava-se ao máximo.

Almoço rápido ainda que observando uma dieta frugal (a pressão andara oscilando...), inúmeras ligações a fazer, um batalhão de representantes vestindo camisa Dudalina, oferecendo as novas fórmulas do mercado.

Tarde de emergências, hospitais lotados, calor desconfortante – a refrigeração parecia estar com defeito. Não houve tempo sequer de olhar pela janela à procura do céu. Quando isto aconteceu, já estava escuro.

Durante o trajeto de volta para casa, o cérebro em movimento buscava resposta para um caso de particular gravidade.

Mais um dia...

A casa soava estranhamente quieta. Ao aproximar-se do sofá bege, um bilhete:

"Após o banho encontre-me na sala de jantar."

Parecia promissor...

Dirigiu-se à suíte máster e roupas limpas e confortáveis aguardavam de modo organizado sobre a cama. Neste momento sorriu. Tomou uma ducha prolongada, ainda sentindo um leve, embora incômodo desconforto na região cérico-escapular que o acompanhava há

dias, mas preferia ignorar. Dirigiu-se à sala de jantar.

Meia luz, música clássica suave, mesa bem posta, toalha e porcelana branca, cálices de cristal refletindo a luz das velas e um estupendo arranjo de rosas vermelhas ao centro da mesa, definindo a posição de travessas e talheres.

Essa não! Será que havia esquecido alguma data importante?

Aniversário de qualquer coisa...???

Consultou mentalmente as datas e nada.

Foi quando sua mulher entrou com um olhar convidativo e serviu um Dom Perignon na temperatura ideal.

Agora parecia sério mesmo. Mas estava cansado demais para pânico.

Ela sorriu serenamente, comentou sobre as pesquisas recentes de Nicolellis, qualquer coisa a respeito do filme *Amour* do diretor austríaco Michael Haneke e voltou a sorrir com mansidão.

A refeição estava divina. Não havia urgências, um estado de prazer sem custo que certamente durou mais do que seis minutos.

Virou discretamente a cabeça para o lado a fim de observá-la cuidadosamente. Aquela mulher nunca havia lhe parecido tão bela, sensual, elegantemente simples. A noite estava ficando a cada instante mais interessante. Encantamento puro.

Foi quando sentiu um leve toque em seu braço que o fez retornar à realidade. Um tanto constrangida, a enfermeira falava pausadamente:

– Doutor, chamado urgente na Unidade de Terapia Intensiva.

Abriu bem os olhos e percebeu que havia adormecido no sofá da Sala dos Médicos. Era sua noite de plantão.

Suspirou profundamente, ajeitou o cabelo com as mãos, vestiu o jaleco enquanto um pensamento não lhe saía da cabeça:

Seis minutos, precisava de apenas mais seis minutos...

Deisi Casarin (SC).

COMO SERIA, SE NÃO FOSSE

"Há livros que esperam anos e anos até ser descobertos. Originais há que nunca saíram da gaveta do autor."

Vamos imaginar, por exemplo, que a opinião negativa do Gide tivesse calado para sempre o Proust. Podia, não podia? O Gide era uma opinião de peso. Nome feito, ninguém ousaria contestá-lo. E o Proust, quem era? Um grã-fino ocioso, meio sofisticado. Um dileteante, fechado com sua asma entre sufocantes lembranças de gente frívola. Podia ter desistido, quando se viu recusado pelo Gallimard. Podia não ter pago do seu bolso a edição *Grasset de Du Côte de Chez Swann*.

Na literatura francesa, ou em qualquer outra, não é difícil encontrar exemplos assim. Escritores que no momento decisivo da partida podiam ter sustado o desejo de se publicarem. Também no Brasil, claro, não faltavam hipóteses. A Academia, em 1936, premiou *Magma*. Poemas de quem mesmo? De João Guimarães Rosa. O autor escondeu o livro premiado. Não teve ânimo de prosseguir. Desistiu da poesia.

No finalzinho de 1937, já diplomata, Rosa concorre ao Prêmio Humberto de Campos com um volume de contos. Não conhecia ninguém no meio literário. A comissão julgadora era atraente: Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Prudente de Moraes Neto, Dias da Costa e Peregrino Júnior. Estava na hora de testar a receptividade de sua ficção. Com o pseudônimo de Viator, Rosa perde o prêmio com *Sagarana*, que reescreve e só pu-



Lady Reading, Carl Meichers (1860-1932).

blica em 1946. Edição modesta, de amador. Podia ter desanimado, não podia? Dez anos depois, em 1956, não teríamos então *Grande sertão: veredas*.

Há livros que esperam anos e anos até ser descobertos. Originais há que nunca saíram da gaveta do autor. Ou não convenceram um editor que não lê mais tem faro. E erra. Quantos erraram! Erraram muitos críticos. Alguns de boa fé; outros nem tanto. A vida que podia ter sido e que não foi. O verso do Manuel Bandeira sugere um mundo de possibilidades, que todavia não se tornaram reais.

O próprio Bandeira pagou a edição do seu livro de estreia. Duzentos exemplares de *A cinza das horas*. O poeta está condenado a não fugir do seu destino? Independente de estímulos? Sim, há uma compulsão de escrever, mas não de publicar. Um escritor pode também não escrever. Um direito seu. Por que não? Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido? O verso de Fernando Pessoa tem lógica. Será essa, diz ele, se alguém a escrever, a verdadeira história da humanidade.

Otto Lara Rezende,

em *Bom Dia Para Nascer*, Cia das Letras – 1993.

O MILAGRE DAS FOLHAS

"Fui obrigada a chegar à conclusão de que sou daqueles que rolam pedras durante séculos, e não daqueles para os quais os seixos já vêm prontos, polidos e brancos."

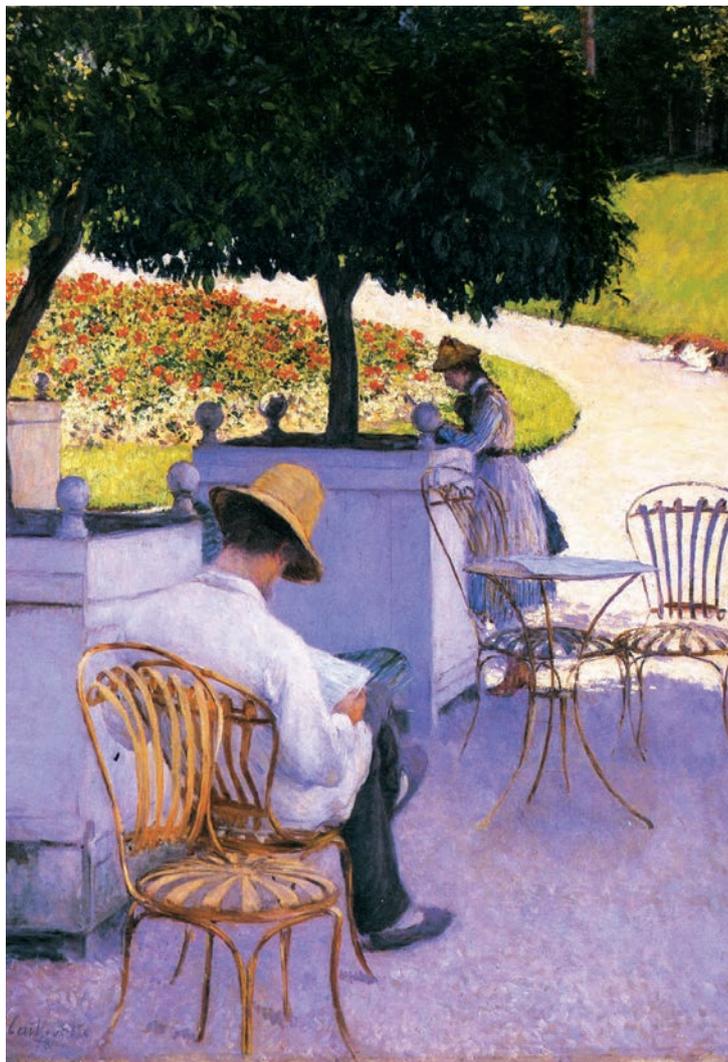
Não, nunca me acontecem milagres.

Ouçõ falar, e às vezes isso me basta como esperança. Mas também me revolta: por que não a mim? Por que são de ouvir falar? Pois já cheguei a ouvir conversas assim, sobre milagres: "Avisou-me que, ao ser dita determinada palavra, um objeto de estimação se quebraria."

Meus objetos se quebram banalmente e pelas mãos das empregadas. Até que fui obrigada a chegar à conclusão de que sou daqueles que rolam pedras durante séculos, e não daqueles para os quais os seixos já vêm prontos, polidos e brancos. Bem que tenho visões fugitivas antes de adormecer – seria milagre? Mas já me foi tranquilamente explicado que isso até nome tem: cidetismo, capacidade de projetar no campo alucinatório as imagens inconscientes.

Milagre, não. Mas as coincidências. Vivo de coincidências, vivo de linhas que incidem uma na outra e se cruzam e no cruzamento formam um leve e instantâneo ponto, tão leve e instantâneo que mais é feito de pudor e segredo: mal eu falasse nele, já estaria falando em nada.

Mas tenho um milagre, sim. O milagre



Les Orangers (The Orange Trees). Gustave Caillebotte (1848-1894).

das folhas. Estou andando pela rua e do vento me cai uma folha exatamente nos cabelos. A incidência da linha de milhares de folhas transformadas em uma única, e de milhões de pessoas a incidência de reduzi-las a mim. Isso me acontece tantas vezes que passei a me considerar modestamente a escolhida das folhas. Com gestos furtivos tiro a folha dos cabelos e guardo-a na bolsa, como o mais diminuto diamante. Até que um dia, abrindo a bolsa, encontro entre os objetos a folha seca, engelhada, morta. Jogo-a fora; não me interessa fetiche morto como lembrança. E também porque sei que novas folhas coincidirão comigo.

Um dia uma folha me bateu nos cílios. Achei Deus de uma grande delicadeza.

Clarice Lispector.

REFÊNS DA PALAVRA

"Existe uma velha piada sobre um acadêmico moderno comentando o currículo de Jesus: ótimo professor, mas não publicou."



Reading Aloud, Julius Leblanc Stewart (1855-1919).

No seu livro *Lessons of the Masters*, George Steiner lembra que nem Sócrates nem Jesus Cristo, que ele chama de as duas figuras "pivotais" da nossa civilização (de pivôs, como no basquete ou nos crimes passionais), deixaram qualquer coisa escrita. São mestres cujas lições sobreviveram no relato de outros; Platão no caso de Sócrates e os evangelistas no caso de Jesus. Não existe nem evidência de que os dois soubessem escrever. A única enigmática referência da Bíblia a um Cristo escritor está em João 8:1-8, quando, indagado pelos fariseus sobre o destino da mulher flagrada em adultério, Jesus finge que não ouve e escreve logo no chão com o dedo – ninguém sabe o que ou em que língua. Existe até uma velha piada, que Steiner cita, sobre um acadêmico moderno comentando o currículo de Jesus: "Ótimo professor, mas não publicou".

O legado literário de Sócrates, via Platão, é em forma de mitos, o de Jesus, em forma de parábolas. Dois meios de organização e transmissão oral de memória que a escrita diminui, transformando narrativa aberta em cânone e lição em dogma. Nos diálogos de Platão o pensamento vivo de Sócrates já se coagulou em filosofia, nos textos bíblicos a verdade poética de Cristo se petrificou em verdades sagradas, irrecorríveis. Mas o maior defeito da escrita seria o de ter sabotado a memória como guia, roubando a sua função

civilizatória de "mãe das musas".

Durante muito tempo, os gregos desconfiaram da palavra escrita como a linguagem cifrada de um mundo obscuro que só levava à danação, diferente do que se aprende "de cor", ou com a linguagem do coração. Homero o inventor da literatura ocidental, era maior porque também nunca escrevera nada e suas estrofes inaugurais tinham sido transmitidas oralmente, de coração em coração. Mas isto pode ser outro mito. "Omeros" em grego, descobri agora, quer dizer refém. Homero, como o primeiro escritor do nosso mundo, seria o primeiro prisioneiro da maldita palavra grafada.

Meu convívio forçado com o computador, sua convivência, seus mistérios e seus perigos, me faz pensar muito sobre a precariedade da palavra. Pois um pré-eletrônico como eu estava sempre na iminência de ver textos inteiros desaparecerem sem deixar vestígios na tela. O computador nos transforma todos em refêns sem fuga possível da palavra e pode acabar, num segundo, com um dia inteiro de trabalho da pobre musa dos cronistas em trânsito. Que, como se sabe, se chama Ritinha, é manicure e faz trabalho de musa como bico. Ao mesmo tempo, nos transformou na primeira geração na História que tem toda a memória do mundo ao alcance dos seus dedos.

O computador resgata a memória como mestre da História ou, ao contrário, nos exime de ter memória própria, e decreta o domínio definitivo da escrita sobre quem a pratica? Sei lá. É melhor acabar aqui antes que este texto desapareça.

Luiz Fernando Verissimo,
em *Diálogos Impossíveis*,
Ed. Objetiva, 2012.

TERAPIA DO JOELHAÇO

"Você tem coragem de desprezar a essência do que faz você existir de fato?"

Un jeune enfant regardant des figures dans un livre, Anne-Louis Girodet de Roussy-Trivison (1767-1824).



Sentado em sua poltrona de couro marrom, ele me ouviu com a mão apoiada no queixo por 10 minutos, talvez 12 minutos, até que me interrompeu e disse: "Tu estás enlouquecendo".

Não é exatamente isso que se sonha ouvir de um psiquiatra. Se você vem de uma família conservadora que acredita que terapia é pra gente maluca, pode acabar levando o diagnóstico a sério. Mas eu não venho de uma família conservadora, ao menos não tanto.

Comecei a gargalhar e em segundos estava chorando. "Como assim, enlouquecendo??"

Ele riu. Deixou a cabeça pender para um lado e me deu o olhar mais afetuoso do mundo, antes de dizer: "Querida, só existe duas coisas no mundo: o que a gente quer e o que a gente não quer".

Quase levantei da minha poltrona de couro marrom (também tinha uma) para esbravejar: "Então é simples desse jeito? O que a gente quer e o que a gente não quer? Olhe aqui, dr. Freud (um pseudônimo para

preservar sua identidade), tem gente que faz análise durante 14 anos, às vezes mais ainda, 20 anos, e você me diz nos meus primeiros 15 minutos de consulta que a vida se resume ao nossos desejos e nada mais? Não vou lhe pagar um tostão!"

Ele jogou a cabeça pra trás e sorriu de um jeito ainda mais doce. Eu joguei a cabeça pra frente, escondi os olhos com as mãos e chorei um pouquinho mais. Não é fácil ouvir uma verdade à queima-roupa.

"Tem gente que precisa de muitos anos para entender isso, minha cara". Suspirei e deduzi que era uma homenagem: ele me julgava capaz daquela verdade sem precisar frequentar seu consultório até ficar velhinha. Além disso, fiz as contas e percebi que ele estava me poupando de gastar uma grana preta.

Tá, e agora, o que eu faço com essa batata quente nas mãos, com essa revelação perturbadora?

Passo adiante, ora. Extra, extra, só existe o seu desejo. É o desejo que manda. Esse troço que você tem aí dentro da cachola, essa massa cinzenta, parecendo um quebra-cabeças, ela só lhe distrai daquilo que realmente interessa: o seu desejo. O rei, o soberano, o infalível, é ele, o desejo. Você pode silenciá-lo à força, pode até matá-lo, caso não tenha forças para enfrentá-lo, mas vai sobrar o que de você? Vai restar sua carcaça, seu zumbi, seu avatar caminhando pelas ruas desertas de uma cidade qualquer. Você tem coragem de desprezar a essência do que faz você existir de fato?

É tão simples que nem seria preciso terapia. Ou nem seria preciso mais do que meia dúzia de consultas. Mas quem disse que, sendo complicados como somos, o simples nos contenta? Por essas e outras, estamos todos enlouquecendo.

Martha Medeiros.

NOTAS DE UM IGNORANTE

"Quem está a meu lado sempre leu mais livros do que eu, conhece mais política do que eu, já esteve em mais países do que eu."

Entre as coisas que me surpreendem e humilham, figura esta, fundamental, que é a cultura de meus amigos e conhecidos. Não só a cultura no sentido clássico, mas também o conhecimento imediato das coisas e fatos que lhe estão sob os olhos no dia a dia da existência. Quem está a meu lado sempre leu mais livros do que eu, conhece mais política do que eu, já esteve em mais países do que eu, já teve mais casos sentimentais do que eu, estudou mais do que eu, praticou e pratica mais esportes. Paro e me pergunto o que fiz dos meus anos de vida. Já fui atropelado e sofri alguns acidentes, como explosão, queda e afogamento. Mas entre os acidentados não estou na primeira fila. Tenho vários amigos que já caíram de avião, outros de cavalo, alguns sofreram pavorosos desastres de automóveis, um esteve preso num armário enquanto uma casa (não a dele, é claro!) se incendiava, outro ajudou a salvar o navio Madalena em meio a tremendas ondas que ameaçavam arrebentar sua lancha a todo momento.

Que fiz eu de minha vida? Em matéria de cultura encontro imediatamente quinhentas pessoas, só entre as que eu conheço, que sabem mais línguas do que eu, leram mais, falam melhor e mais logicamente, conhecem mais de teatro e citam com precisão escolas filosóficas, afirmando que tal pensamento pertence a esta e contradiz aquela. Que fiz eu? De esportes ignoro tudo, não sei sequer contar os pontos de vôlei, só assisti até hoje a uma partida de polo, nunca joguei futebol e quando vou ver esses jogos desse esporte, só consigo reconhecer os jogadores mais famosos. Esqueço o nome de todos, e no domingo seguinte já não sei mais o escore da partida a que assisto neste. Nado

mal, corro pedras, jamais consegui me levantar num esqui aquático, não guio lancha, joguei golfe uma vez, tênis seis meses, não entendo de velejar (o que já me causou uma grande humilhação diante de esportivíssimas americanas de quinze anos que me conduziram num passeio lá na terra delas), e, em matéria de mares, nunca lhes sei os ventos e fico parvo com o senso de direção de muitos e muitos de meus amigos que jamais supus tomassem nada de brisa e tufões. Guio, mas o motor de meu carro é para mim um mistério indevasável. Sei apenas abrir o capô e contemplar a máquina, atitude metafísica que até hoje não pôs carro algum em marcha.

Seria eu então um homem dedicado à cultura propriamente dita, aos livros, ao estudo, ao amor da leitura e do pensamento? Não, pois meu pensamento é confuso e minha leitura parca. Conheço homens, dos que não vivem de escrever, que pensam muito melhor do que eu e leram muito mais, sem contar os especialistas, que conhecem livro pelo cheiro.

Entre os que viajam também não sou dos que tenham viajado mais. Com o agravante de que nunca sei bem onde estou, não conheço a distância que vai de Roma a Paris, nem sei se Marselha está ao Sul ou ao Norte da Itália. Fico boquiaberto quando vejo amigos meus apontarem estátuas e falarem sobre os personagens que elas representam com uma facilidade com que falaria de si próprios. Mesmo o conhecimento de nomes, pessoas e fatos adquiridos em viagens eu o esqueço em três semanas. Mas não adianta o leitor querer me consolar, dizendo que talvez eu seja um bonvivã, porque nunca o fui dos maiores, tendo minha vida sido conduzida sempre numa certa disciplina, ne-

cessária a quem veio de muito longe. Donde o amigo poderá concluir então que eu sou um trabalhador in-fatigável, um esforçado, um detonado. E isso também não é verdade porque, com raras exceções, nunca trabalhei demasiadamente e cada vez procuro trabalhar menos, numa conquista ao mesmo tempo prática e filosófica. Bebo? Bebo mal e ocasionalmente. Não sei quando a bebida é boa ou falsificada. Não sei o nome dos vinhos mais triviais e sempre me esqueço qual é o restaurante em que eles fazem um prato que certa vez eu adorei. Por mais jantares a que tenha ido e por melhores alguns lugares que tenha frequentado, devo sempre esperar que alguém se sirva na minha frente para não pegar o talher errado e o copo idem. Além do que não como muito, nem tenho nenhuma particular predileção por comer. Gosto então da vida calma, sou um praticante da meditação e do ioga? Nunca dos que mais o são. Por outro lado a extrema agitação também não me é familiar.

Que fiz da minha vida? Quando há um acidente de rua, vem-me o pavor de tomar partido, pois nunca tenho realmente a convicção do lado certo. Se fala o mais poderoso eu sou inclinado a ficar de seu lado por uma tendência a defender os que hoje são mais comumente acusados de todos os males, vítimas do tempo. Se fala o mais humilde sinto-me inclinado a defendê-lo por um ancestralismo que me faz seu irmão, por ideias arraigadas que fazem com que todo homem queira lutar instintivamente pelo mais fraco. Por quê? Não sei. Sou bom de guardar nomes, caras, datas? Já disse que não. Sempre esqueço o nome dos conhecidos e troco o dos amigos mais íntimos num fenômeno parifásico que só a loucura mesmo explicaria ou então a bobeira nata que Deus me deu. E política meu conhecimento chega ao máximo de saber que o Sr. Plínio Salgado pertence ao PRP, o Brigadeiro à UDN e Jango ao PTB e creio que

"Sempre esqueço o nome dos conhecidos e troco o dos amigos mais íntimos num fenômeno parifásico que só a loucura mesmo explicaria."

há alguns outros partidos também. Mas mesmo essas convicções não são inabaláveis e, se alguém me pegar desprevenido e fizer dessas letras e nomes outras combinações, lá vou eu a aceitá-las, embrulhado e tonto, até que outro interlocutor crie para mim novas combinações e novas confusões.

Mas peguem um puro e simples crime e eu nunca sei quem matou a empregada e em meu peito jamais se chegou a criar uma suspeita sólida a respeito do poeta de Minas. Isso, aliás, é o máximo a que vou – sei que houve um crime em Minas Gerais, alguém matou alguém. O morto não está na lista de minhas lembranças, não sei de quem se trata. Sei que o indiciado assassino é um poeta, vi sua cara barbada e meio calva em muitos jornais e revistas. Mas meus conhecidos sabem de tudo. As mulheres de meus conhecidos então

nem se fala. Que fiz eu de minha vida? – me pergunto de novo, honestamente, com a surpresa e a amargura com que o Senhor perguntava: "Caim, que fizeste de teu irmão?" Pois boêmio não sou, embora tenha gasto milhares

de noites solto pelas ruas. Mas os boêmios me consideram um arrivista da boemia assim como os homens cultos me consideram um marginal da cultura. E os esportistas a mesma coisa com relação aos parques esportes que pratico. Todos com carradas de razão.

E nem a maior parte do meu tempo foi gasta em conquistas amorosas, pois nesse terreno o Porfírio Rubirosa, se me conhecesse, me olharia com o mesmo desprezo com que me olham conhecidos galãs nacionais.

Dessa mente confusa, dessa existência confusa, dessas mal-traçadas-linhas de viver creio que só resta mesmo uma conclusão a que durante anos e anos me recusei por orgulho e vergonha – sou, por natureza e formação, um humorista.

Millôr Fernandes.

QUEM VIVER, LERÁ!

"Boa prosa é aquela que deixa o caboclo de queixo duro na beira do barranco a conversar com os peixes incautos para morder a isca."

Menino que revelava boa e futurista prosa era

o padre José de Anchieta que, em suas cartas à Companhia de Jesus, nos idos de 1554, com letras quase bordadas, vislumbrava a esbórnica em que se transformaria a aldeia dita hoje a maior cidade da América Latina. Anchieta escrevia aos jesuítas de além-mar abrigados na Ordem, em Roma, que neste local dos trópicos as tempestades e as águas raivosas arrancavam nacos das beiras dos rios, árvores, animais e ocas dos nativos que, nus como Deus os pusera no mundo, continuavam bebendo e cantando, pouco se lixando para raios e a borrasca. Anchieta, pioneiro da santa prosa, e os indígenas, pioneiros dos engarrafamentos. São Paulo, São Paulo, quanto amor! Nua e pura prosa.

Outro menino, Paulo Leminski, este mais contemporâneo e agnóstico, também futurista e das beiradas do Pilarzinho, embora escrevesse para o mundo, sabia muito dos borrachos neste primeiro planalto do Paraná, em seus catacaus: O Rio é o mar. Curitiba é o bar! Um previu os engarrafamentos paulistanos e o outro, curitibanos. Santa prosa.

Nada de subversão do gênero.

Nada melhor que uma boa prosa. Mesmo muda. Nunca surda. Pode ser olho no olho. Grudados. Ou olhos nas letras. Grudados. Prosaica, torrencial, feito Rosa, genial, começo, meio e fim ou dúvidas semeadas a cada signo, palavras criadas e recriadas. Prosa poética e/ou dura feito grito. Berro no escuro. *Spray* no muro.

Substantiva ou plena de adjetivos, mas sedutora. Uma prosa que seduz é uma prosa que produz. Loucura ou paz. Com ou sem rima. Metafórica, sim, lânguida, sim, aguda, sim. Prosa escrita ou falada. Assim como uma boa conversa pode ser de voltagens diferentes, tanto em uma igreja como em um boteco de fim de linha. Em uma praça, em um consultório, em uma esquina, em um metrô ou em uma casa, dos prazeres ou da avó. Ou em um livro.

Ordem e desordem não são contrastes, nem escritura sagrada para os proseadores. Exemplos? Há prosa barroca e há prosa nos barracos. O parágrafo fica por conta do freguês. Não há conflito a movimentar academias nesta terra do sol e das geadas sobre este versículo bíblico dos puristas. Há bons textos e textos desgraçados de ruínas. Mas, há gostos diversos. Há quem goste de Tom Jobim e quem prefira Michel Teló. Quem atira a primeira letra?

A cartilha que resume o que é uma boa prosa – e concordo – diz que obra-de-arte literária deve ter alto quilate estético e ético. Ser muito bem escrita, leia-se. Este é o resumo da ópera antes e depois de *Ulysses*, de James Joyce, considerado o marco zero do romance moderno. As belas letras merecem e requerem um campo vasto. Estético. Escrever (e bem) parece ser um verbo cada vez mais especial para pobres diabos que teimam em sobreviver de literatura. Ler, que é imprescindível ao bicho homem desde o papiro, igualmente. Ou seja, nas cátedras, nas academias, nas escolas, nas Redações, tanto um verbo quanto o outro deveriam ser exigidos: o primeiro para quem se mete a escritor e o segundo, para todo mundo. Porém, parece existir uma plateia de 200 Maracanãs torcendo contra.

Escrever? Ler? Parem com isto, seus iátricos!!!

Voltemos ao tema já que o trema não existe. Boa prosa é aquela que deixa o caboclo de queixo duro na beira do barranco a conversar com os peixes incautos para morder a isca. Ou dos amigos a esfregar umbigos no balcão reprisando sonhos e paixões antigos, com olhos embaçados por uma prosa decorada e descorada. Prosa boa é aquela que não tem horário marcado, nem pro fim e nem pro começo.

Prosa boa é aquela que no livro tem visgo, dramática, plena, visceral, mansa, espiritual, sintética, prolixa, fluida, suave, invasiva, irrequieta, encantadora, tanto faz o adjetivo desde que o substantivo seja bom. Bom não,

ótimo. Prosa boa é aquela, caudalosa ou light, que entra pelos sete buracos de nossa cabeça. Jogue fora a teoria sobre o assunto se assim lhe parece mais fácil entender a prosa. É muita filigrana pra pouca grana. Melhor, pouca prosa. Essencial é o texto ser/estar bem escrito na busca do contar. E o leitor/interlocutor, contaminado pelo vírus das letrinhas/palavras.

Meus dedos formigam para citar exemplos desta maiúscula literatura em prosa paranaense, além da já (de)cantada dobradinha Leminski & Trevisan. Há nomes para nenhuma Minas Gerais e seus gênios da escrita botarem defeito: Domingos Pellegrini, Miguel Sanches Neto, Fábio Campana, Roberto Gomes, Cristóvão Tezza e nossos queridos finados Wilson Bueno, Jamil Snege, Manoel Carlos Karam, Valêncio Xavier... Há também uma arraia miúda escrevendo graúdo: Marco Cremasco, Otto Vinck, Ricardo Corona, Luci Collin, Guido Viaro, Rodrigo Garcia Lopes, Rogério Pereira, Maurício Arruda Mendonça, José Pedriali, Paulo Briguët, Márcio Renato dos Santos, Edilson Pereira dos Santos, José Carlos

Fernandes, Paulo Venturelli, entre outros. Claro que há omissões e por elas peço perdão *per omnia saecula saeculorum*... É muita gente, uai!

Igual a dois compadres, gente rural, vida desbotada, em conversa no azulão de 17 de julho friorento em um dos bares de Londrina. Pitando paiero, um deles estica os olhos no frio, depois de talagada de pinga:

– Ouvi no rádio, compadre, uma prosa que a madrugada de amanhã vai ser braba, vai ter gelo. Peloamordeus, tamo morto!

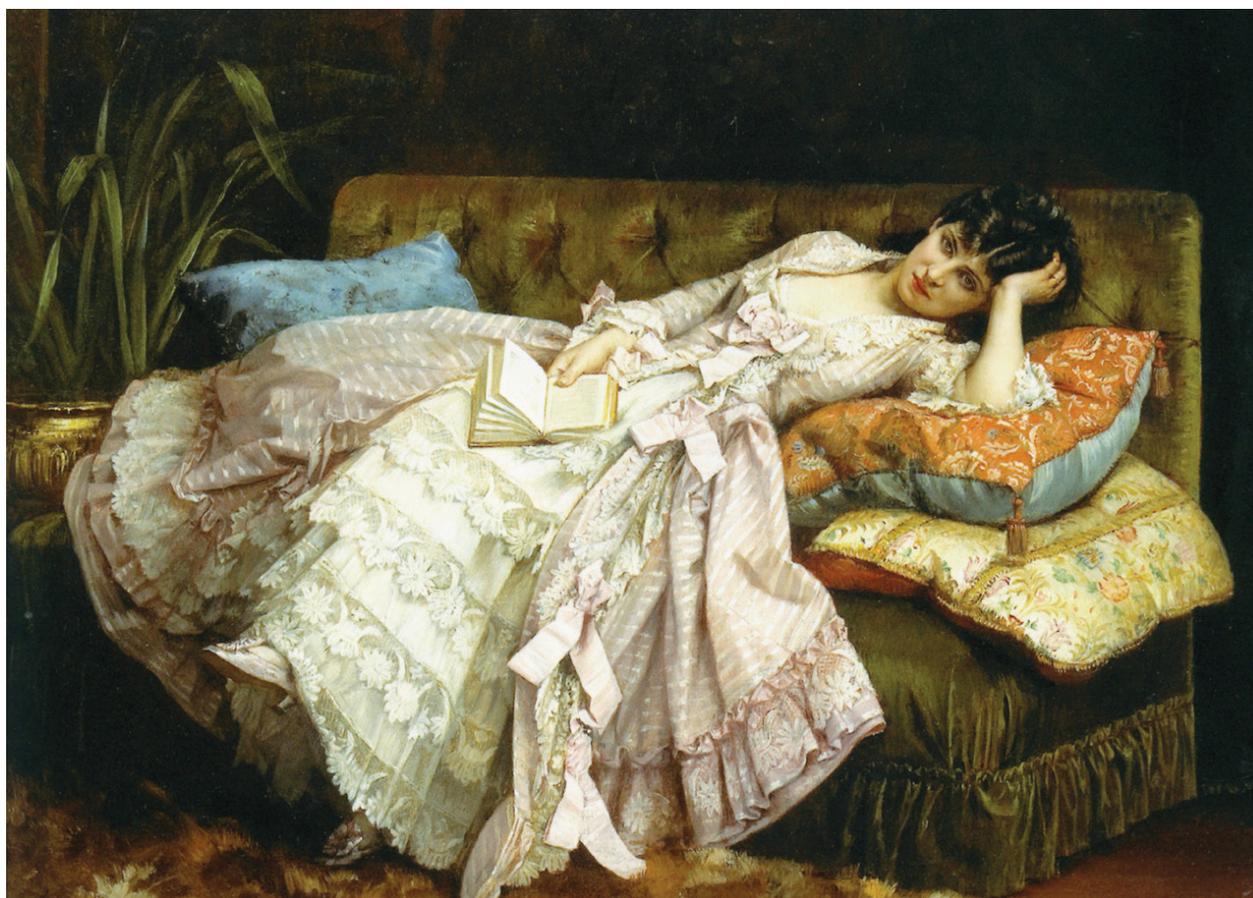
– Que nada compadre. É tudo prosa ruim de jornal, de rádio. O senhor vai ver que eles aumentam tudo, ficam criando abobrinha...

No dia 18, no mesmo bar, em manhã mais azulada e tétrica, toda a cafeicultura e seus homens torrados no Paraná, os compadres olham para o nada gelado. Um deles, escorado em seu paiero, brasa nos lábios:

– Prosa ruim, né compadre? Prosa ruim, né? O senhor que é muito proseador...

Nilson Monteiro (PR).

Dolce Farniente, Auguste Toulmouche (1829-1890).



BURGUESES E ARTISTAS

"Não existe imagem mais patética do que ver o ódio do artista rebelde contra o exato mundo burguês que sustenta e promove a sua rebeldia".

Vive como um burguês para que possas reservar toda a radicalidade para a tua arte. Eis o espírito de uma conhecida frase de Flaubert. Haverá conselho mais sábio para qualquer artista ou candidato a? Duvido. Ele transporta duas grandes verdades – e uma grande inferência.

Começemos pelas verdades. Não existe arte, grande arte, sem ordem, grande ordem. Não falo apenas de um mínimo de ordem pessoal, embora isso ajude: escreve-se melhor quando não existe a angústia suplementar de não haver dinheiro para pagar o uísque das crianças.

Mas também se escreve melhor quando não existe a angústia suplementar de podermos ser perseguidos, presos ou mortos. Exceções?

Sempre houve: casos pungentes de criatividade humana no meio do lodaçal. Mas quem deseja ser essa exceção?

Como dizia o estimável Saul Bellow, eu não conheço o Tolstói dos zulus. Ou o Proust do Sudão. Ofensivo, dizem as brigadas politicamente corretas. Pena que não apresentem esse Tolstói ou esse Proust. Sem provas, ofensiva é a inteligência das brigadas.

Os artistas "boêmios", ou pretensamente "boêmios", só marcham contra a civilização burguesa precisamente porque existe uma. Sem uma civilização burguesa, o lugar deles era a irrelevância, o anonimato ou coisa pior.

E não existe imagem mais patética do que ver o ódio do artista rebelde contra o exato mundo burguês (ou capitalista, tanto faz) que sustenta e promove a sua rebeldia. Flaubert, que nunca morreu de amores por esse mundo, teve pelo menos a honestidade de expressar a sua ambivalência perante ele.

Mas a frase de Flaubert transporta uma segunda verdade: é a tua arte que conta, não a tua vida. É a arte que deve ser julgada, não a tua relação problemática com o



Classical women reading by a temple, Henry Thomas Schaefer (1873-1915).

sabão ou com as maneiras.

Anos atrás, lembro-me de um velho professor de estética que me contava, maravilhado, que a primeira vez que conhecera o grande escritor e artista português Almada Negreiros, o autor estava sentado no sofá da sala, assistindo ao noticiário, como qualquer "pater familias" depois de mais um dia de labuta.

Almada, o modernista Almada, o futurista Almada, que pintou Fernando Pessoa e deixou *Nome de Guerra*, um dos mais primorosos textos do século 20 lusitano – de pantufas em casa! Quem nunca escreveu de pantufas, ou de robe, ou até de pijama, não pode saber o que existe de conforto espiritual no exercício. Recomendo, recomendo.

E recomendo uma inferência suplementar a partir de Flaubert: se não fores um gênio, não te esforces tanto por parecer um. Os gênios não se esforçam. Eles são. A es-

sência precede a aparência, não o contrário. Quando se começa pelo fim, normalmente é porque não há grande coisa no princípio.

Conheço casos. Gente que acredita que a ausência de um livro recomendável, de um quadro recomendável ou de um filme recomendável pode ser compensada com a pose certa de escritor, pintor ou cineasta.

Não pode, meu bem. Quando não existe obra digna desse nome, não é boa ideia uma pessoa apaixonar-se pelo próprio nome. Até porque há paixões que podem não ser correspondidas.

É por isso que o destino usual do artista falsamente inusual é um poço de ressentimentos. Ou, melhor dizendo, a exigência infantil de que o mundo em volta reconheça o tamanho do seu ego. Risível. Não é o ego que tem de ser grande. É a obra. Sempre a obra. Só a obra.

Vive como um burguês para que possa reservar toda a radicalidade para a tua arte. Que o mesmo é dizer: abandona a tua pose no latão de lixo. Não simules conhecimento que não tens. Aprende com quem sabe. Não queiras ser "transgressivo" na tua vida. Aprende primeiro a usar os talheres. E quando quiseres ser "transgressivo", vai lavar os pratos (e os talheres). Isso passa.

Não esperes que o mundo se curve à tua passagem. És tu que te deves curvar à passagem do mundo. E antes de abrires a boca para te rires do que não entendes nem és capaz de fazer – "Woody Allen está a ficar repetitivo, não?" –, cala a boca, ri de ti próprio e pergunta quando foi a última vez que fizeste um filme razoavelmente decente. Ou um romance. Ou um quadro.

E se achares que já fizeste esse filme, ou esse romance, ou esse quadro, então esquece. Podes ir buscar a tua pose no fundo do latão.

João Pereira Coutinho (PT).

AS PALAVRAS DESCANSADAS

Algo que me fascina é o dom de certas palavras em nos transportar para algum lugar, imaginário ou não, e nos trazer nesse lampejo sensações, odores, emoções. Lendo o romance *Éramos Seis!*, de Maria José Dupré, tive um abalo sísmico quando uma das personagens, dona Genu, diz para sua velha amiga: "Ché, dona Lola..." Obviamente não me lembro da frase, somente isso, por causa do "ché". É um dizer tão sem significado, mas que carrega nele um mundo inteiro de opacas lembranças. Ecos da minha infância, da caipirice que forma meu universo. Tenho uma irmã que de vez em quando solta esse "ché" e rompe barreiras do passado para o momento presente, e lá vem dona Genu, o livro lido na adolescência, sensações de um tempo aprisionado em mim – ou eu nele –, algo difuso, sem imagens precisas, tão-somente sarabanda de sentimentos.

Digo isso para trazer à baila a palavra "prosa". De tanto divisar versos e prosas, acostumei-me a ela quando transito por esses terrenos específicos, mas é só sair deles para que tudo que se relacione ao ato de prosear me faça voltar a caminhos que existem nos meus recônditos. Aí fico a pensar como é lindo o convite para prosear, ou seja, trocar ideias, planejar, pensar juntos.

Ao contrário das expressões atuais – por vezes modernas, dando ao interlocutor a tola sensação de um diálogo inteligente –, o verbo transporta-me a outro momento, sugere lentidão, acomodamento, paz. "Vamos prosear?": eis aí uma porta aberta para jogar conversa fora, não ter a angústia de ver o tempo passando, as horas aflitivas, compromissos gritando aos nossos ouvidos. Dá-me a impressão de que, quem proseia, ingressa num mundo mais gentil, onde as pessoas se dão ao prazer de melhor se conhecerem usando as palavras e os silêncios, que são a continuidade daquilo que é dito. As silenciosas pausas permitem mergulho, pensamento. Nada é mais triste que uma vivência de espelhos, aparências, superfície.

Daí explica-se meu gosto pelas palavras descansadas, praticamente em desuso pela sua simplicidade. O ato do encontro, a ciência da conversa sem compromisso, ultrapassa comportamentos e modernismos. É uma necessidade indelével do ser humano, penso eu, forma carinhosa das pessoas exercitarem a magia do diálogo sem precisarem estar armadas. Basta expressar-se e ouvir.

Zeca Corrêa Leite (PR).

O QUE PODE FAZER A DIFERENÇA NA SUA CARREIRA

“Quer crescer na carreira e fazer diferença na profissão, comece a ler”

A carência de um bom vocabulário faz a estagnação de carreiras promissoras. Para os cargos de maior relevância é preciso ir além do conhecimento técnico. Para ser líder é preciso saber se exprimir com clareza e de maneira lógica, dominar a arte de criar e contar histórias para poder indicar propósitos e fornecer senso de direção e pertencimento aos seus comandados e entender um pouco deste mundo em todos os seus contextos. Só uma sólida formação cultural pode lhe fornecer estas características e o hábito da boa leitura pode ajudá-lo.

O que faz a diferença entre um bom profissional, o essencialmente técnico, e outro considerado um eminente na sua profissão, em qualquer área, é a formação humanística do segundo. E isto se dá somente pela leitura. Como alguém de fora da área médica, arrisco-me a dizer que os médicos Adib Jatene e Ivo Pitanguy, por exemplo, são o que são pela formação cultural que conquistaram ao longo das suas carreiras. Percebe-se isso ao ler suas entrevistas, artigos e livros.

Uma das maiores dificuldades da comunicação interpessoal, principalmente em ambiente de trabalho, é a falta de verbalização, ou seja, a falta de vocabulário. Muitos profissionais são ótimos no domínio técnico das suas matérias, mas péssimos na hora de explicá-las porque lhes faltam palavras para dar entendimento.

Observamos excelentes engenheiros, bons laboratoristas e ótimos médicos que, na hora de passar conteúdo, travam. É fácil identificá-los, pois eles tentam explicar o que precisam tatibitateando em busca de palavras que não existem dentro de si. Os reflexos são claros: olham para cima remexendo os olhos, repetindo palavras e frases sem conexão, numa sucessão de pensamentos desarticulados. “Eu sei que sei, mas não sei explicar porque me fogem as palavras”. Dizem quando

necessitam esclarecer algo, principalmente em público.

Não é só para se expressar bem que precisamos de vocabulário: a posse de muitas palavras permite aumentarmos nossa criatividade. Com mais informações na memória, podemos fazer o que chamamos de polinização cruzada criativa, que é pegar uma informação de um lado, levar para o outro, cruzar com uma terceira e criar uma nova ideia. Quanto mais leitura, mais criativo você será. Quanto mais vocábulos dominar, mais dominará as relações do trabalho.

Sempre que converso com jovens, aconselho: “Quer crescer na carreira e fazer diferença na profissão, comece a ler”. No início leia de tudo, com o tempo aprenderá a fazer as melhores escolhas. Mas não se iluda: os resultados só virão a longo prazo; a leitura precisa de sedimentação para começar a fazer diferença na vida das pessoas. Mas, uma vez adquirido o hábito e incorporados os conteúdos, os resultados serão para o resto da vida.

As maiores desculpas para a não-leitura é a falta de tempo e o “eu não gosto de ler”. A solução é começar devagar, para criar o hábito, escolhendo os livros fáceis de serem digeridos. Leve-os consigo aonde for, leia no ônibus, nas salas de espera e no banheiro – o melhor lugar para uma leitura tranquila. Arranje tempo, leia de madrugada quando perder o sono. Troque algumas horas dedicadas à televisão e à internet por algumas de leitura. Para pegar gosto descubra e frequente os grupos de leitura da sua cidade, leia os cadernos culturais e as resenhas literárias dos jornais e revistas. E para transmitir o prazer da leitura aos seus filhos, leve-os a frequentar livrarias, deixe ao alcance das suas mãos livros e revistas apropriadas à idade de cada um e, principalmente, conte histórias para eles na hora de dormir.

Eloi Zanetti (PR).

Tempo

Lembre-se de que um dia
já fomos jovens
e livres para brincar com o Tempo.
Sem pressa para dúvidas, com
vontade no pensamento.
Fomos livres, para viver nosso Tempo.
Livres para sermos nós mesmos.
E agora, tentamos
sustentar este sorriso.
Crescemos querendo
muito mais do que é preciso.
Hoje, só temos o sonho,
que deixamos cair no chão.
Sangrando e tristonho,
deixamos o nosso coração.
Da vida, trazemos, esta doce ilusão.
Não dá mais para brincar,
lutamos por um mundo que
está na contramão.

Dr. Túlio Ravelli (PR)



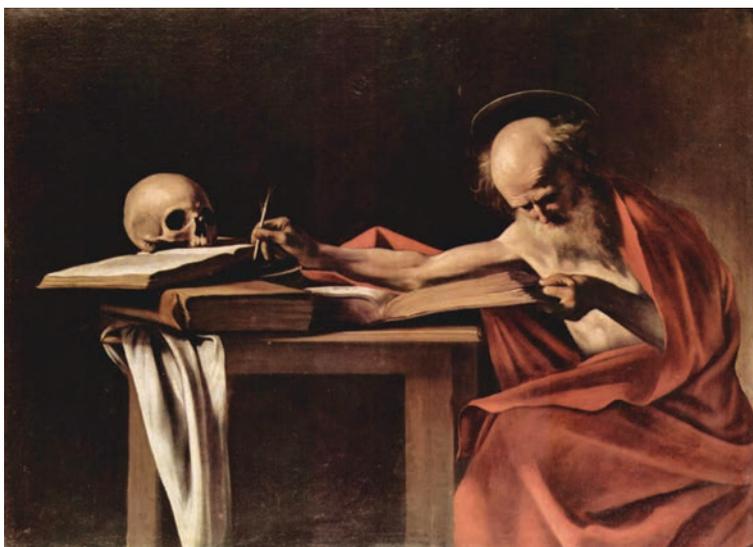
LER OU NÃO LER: EIS A QUESTÃO

"Nem Disney, nem Louvre. Prefiro os livros. É neles que aquela se torna cultura e este, ponto turístico."

Discutir questões de gênero com Capitu. Elencar direitos humanos com Paulo Honório e Madalena. Questionar-se sobre a união homoafetiva com Riobaldo. Os personagens célebres da literatura incutem valores, despertam a ira, apoderam-se de verdades absolutas e nós, meros espectadores, limitamo-nos a escutar. Eis a vantagem da leitura.

Somos apassivados mas sujeitos da oração principal. Somos só ouvidos. Naquele momento, apenas ressoam os ecos do filme produzido por nossa consciência. E talvez seja por isso e nisso que a leitura nos afeta. Tolerância e justiça, valores pouco ocupados por nossa mente (pois refrigerantes sabor cereja e desinfetantes com cheirinho de limão estão em evidência), ganham papel de destaque.

É com os livros que o caos se assenhora. As maiores pressões da vida, racionalidade e fidelidade, saem do centro das atenções. E no lugar delas há um cangaço apaixonado por um comparsa, uma escola de bruxos, um bilionário aos pés de uma virgem, a criação do mundo, a convivência atrelada ao inferno.



São Jerônimo escritor, Caravaggio (1571-1610).

Os tons de cinza dão vazão ao colorido e ao preto e branco em segundos. O inferno são os outros e nós mesmos. Viver pode ser mais perigoso. O dia pode ser criado antes do sol. E olhar para trás pode fazer você virar estátua de sal.

Na literatura, ensaia-se a cegueira e inventa-se o Moréu. Nela há o crime e o castigo além de um médico que narra a vida de um encarcerado. Só lá o ódio ao filho eterno ganha sentido e o admirável mundo novo é reinventado a cada dia. Na prosa e na poesia imortalizam-se Marilias e Dirceus. Nelas é permitido que uma freira sofra pela perda de seu amante.

A vida é seca e o cachorro é Baleia. O sertão é uma grande verdade. Os círculos do inferno? Uma divina comédia. E a hora máxima da estrela, seu atropelamento. Choramos mais com Clarices do que com Marias. Até o bêbado se equilibra.

Nem Disney, nem Louvre. Prefiro os livros. É neles que aquela se torna cultura e este, ponto turístico.

Dom Casmurro? São Bernardo? Não. Quero o conjunto da obra. Fico com o filme que eu invento. Ler é realmente muito perigoso.

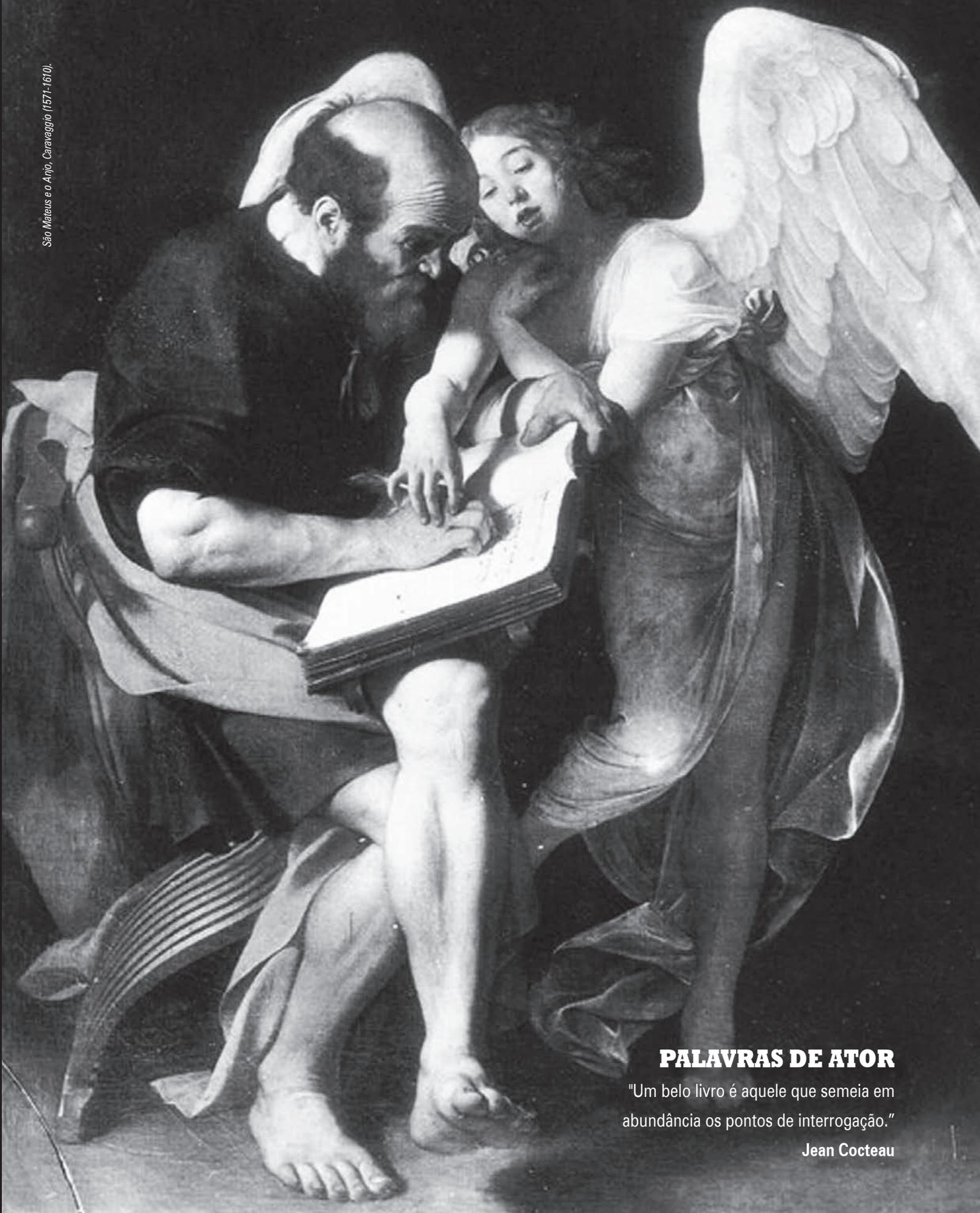
Candice Almeida (PR).



PALAVRAS DE POETA

"Os homens não entendem os livros até que tenham vivido um pouco, ou melhor, nenhum homem entende um livro profundo, até que tenha visto ou vivido pelo menos parte de seu conteúdo."

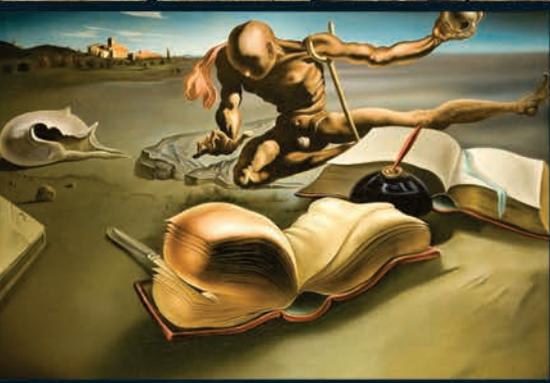
Ezra Pound



PALAVRAS DE ATOR

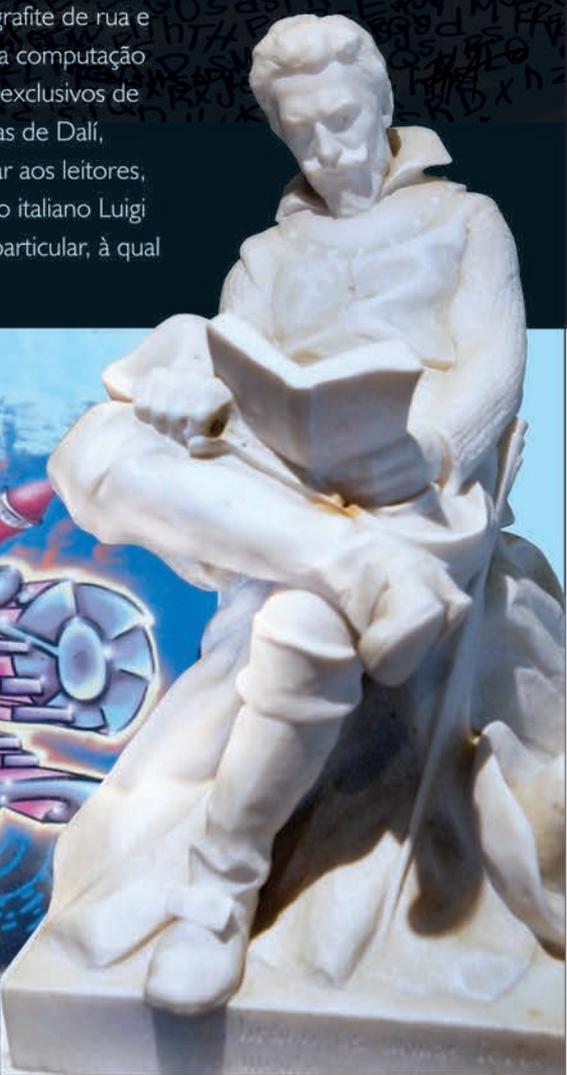
"Um belo livro é aquele que semeia em abundância os pontos de interrogação."

Jean Cocteau



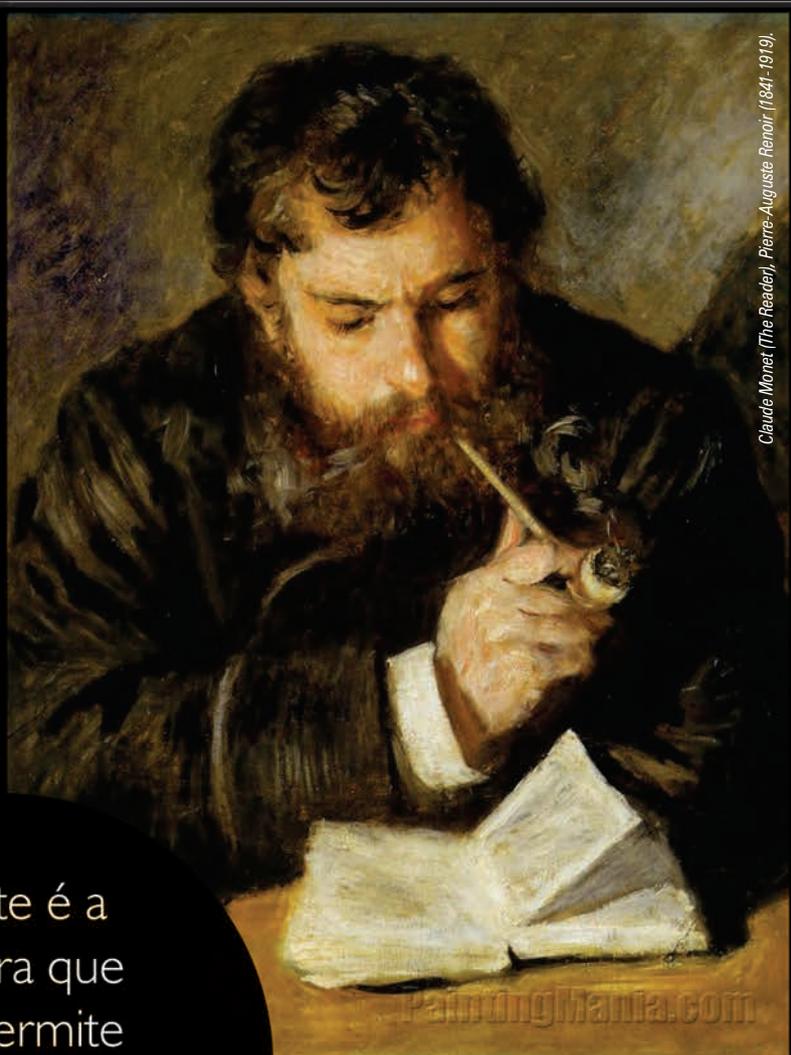
Os vários sabores

No contraste de sabores literários e visuais, a galeria traz um pouco da diversidade das belas-artes que estreitam estilos e talentos. Das pinturas ao traço caricato, passando pelo grafite de rua e do clássico mármore para alcançar a era da computação gráfica. Nesta viagem, incluímos trabalhos exclusivos de Paixão e Zimmermann para a edição e telas de Dalí, Arcimboldo, Renoir e Botticelli Para brindar aos leitores, ainda, a obra "Camões lendo", escultura do italiano Luigi Bertelli (1749-1823), raridade de acervo particular, à qual o IÁTRICO foi autorizado a reproduzir.





The Librarian, Giuseppe Arcimboldo (1527-1593).



Claude Monet (The Reader), Pierre-Auguste Renoir (1841-1919).

"A arte é a mentira que nos permite conhecer a verdade."
(Pablo Picasso)



The Virgin and Child (The Madonna of the Book), Sandro Botticelli (1445-1510).



Two Young Girls Reading, Pierre-Auguste Renoir (1841-1919).



CHIMERA

"Na obscuridade medieval a chimera virou um conceito abstrato satânico, cristalizado em Dante Alighieri."

A ideia pode ter origem oriental, nas chaminés que cospem

fumaça quente na Capadócia, onde habitavam os hititas, que tinham contato com os egípcios e deixaram imagens de leões cuspidos fogo 3.000 anos antes de Cristo. Por ali passaram seres humanos indo e vindo para o extremo Oriente e Índia desde sempre. A Chimera de Arezzo da ilustração é um bronze etrusco magnífico de 400 a.C., com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de cobra, que dispensa palavras e merece reflexão, como fizeram os gregos. Em Homero assume sua estrutura mitológica feminina, localizada na Lícia, ou em Corinto; é a mãe da Esfinge. Mais adiante aparece no folclore celta, como a *freemartin*, a fêmea imperfeita masculinizada estéril dos bovinos domésticos que só podia ser engordada e levada ao mercado.

Na obscuridade medieval, a chimera virou um conceito abstrato satânico, cristalizado em Dante Alighieri. Até a Idade da Razão já tinha se tornado uma fraude, um embuste. Em paralelo, na África Ocidental gêmeos humanos e suas mães eram fonte de terror, rotineiramente mortos até o fim do século XIX. Foi necessário muito esforço cristão para erradicar um costume que talvez ainda perdure em alguns locais.

Entre 1760 e 1800, um dentista escocês que fez os primeiros transplantes dentários virou parteiro, depois cirurgião: John Hunter estabeleceu muito do que se sabe de anatomia e fisiopatologia trabalhando e estudando em sua própria residência, em *Leicester Square*, centro de Londres, que pode ter sido o modelo para a do

personagem de Jekyll e Hyde. Seu material está no *Hunterian Museum no Royal College of Surgeons*. Entre zebras, baleias e outros animais exóticos, ele estudou as *freemartin*, talvez na época consideradas hermafroditas, e estabeleceu que sempre vinham de uma gravidez gemelar com um macho. Mas foi só em 1911 que Julius Tandler e Karl Keller, dois professores de veterinária em Viena, publicaram em um jornal de sua área a natureza exata das chimeras endócrinas, extremamente comuns nos bovinos, as *freemartin*, fêmeas gêmeas de um macho normal. Em Chicago, Frank Lillie, um professor de Zoologia e fazendeiro de gado interessado em genética, acreditava que eram hermafroditas, portanto chimeras genéticas. Estudando material de açougue vindo de sua fazenda, descobriu que estava errado: na verdade eram fêmeas; o problema estava em anastomoses vasculares resultantes do fato de que nestas gestações não cabem duas placentas, e o casal acaba vivendo de uma só. Quando não ocorriam anastomoses e ainda havia duas placentas, não tinha *freemartin*. Devido ao *timing* da gestação, o hormônio do macho masculiniza a fêmea. Lillie rapidamente publicou na *Science*, em 1916, os resultados que os austríacos tinham anteriormente obtido em laboratório. Keller e Tandler, agora alemães em guerra mundial, estenderam seus experimentos e publicaram novos resultados, também em 1916. Todos os três recebem crédito pela descoberta da base de grande parte do trabalho subsequente sobre o desenvolvimento da diferenciação sexual dos vertebrados. A ciência estabelecia de vez que as *freemartins* eram chimeras endócrinas. De nossa parte, continuamos usando "ch" para enfatizar a precedência mitológica do conceito.

Então, em 1945, Ray D. Owen publicou

uma pequena nota na *Science*, relatando que bovinos nascidos de partos gêmeares, fraternos, eram idênticos para os eritrócitos. Analisando as possibilidades, ele conclui que as anastomoses vasculares fazem com que um deles tenha sua medula óssea precocemente colonizada pela do outro quando a gravidez é monocoriônica. Como seus achados havia ocorrido em grande parte em animais adultos, tornava-se óbvio que eles tinham se tornado tolerantes devido ao *timing* e ao tipo de célula do implante. E assim se deu a largada na corrida da tolerância imunogenética às células-tronco hematopoiéticas.

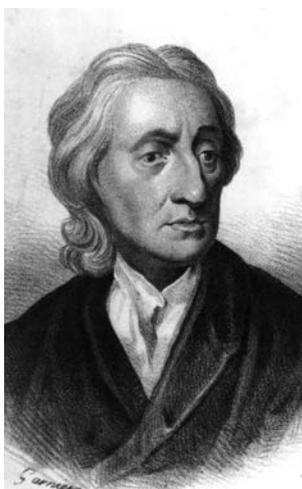
And now, entra um brasileiro de origem cristã maronita, Sir Peter Brian Medawar. Inicialmente em Londres, coordenando um grupo que realizou experimentos em primatas e aves, publicou na *Nature*, em 1953, o conceito da "*actively acquired tolerance of foreign cells*". Era uma janela de oportunidade na vida fetal de cada espécie quando o sistema imunológico recebia um estímulo que o tornava tolerante a depois receber um implante do mesmo doador. Em seguida muitos investigadores, inclusive Ray Owen já no *California Institute of Technology*, tentavam achar maneiras de induzir esta tolerância através de radio e quimioterapia, e de medicação contínua.

Já nos anos 60, George Wesley Santos, ex-MIT, depois na Marinha, fundador e hoje em dia o nome do serviço de transplante do Johns Hopkins, desenvolveu remédios que permitiram desenvolver a tolerância a transplantes sem radioterapia, em especial os utilizados no condicionamento para a mobilização e o transplante de células-

tronco hematopoiéticas, e especificamente o tratamento com ciclofosfamida. Em conjunto com pesquisadores japoneses, seu serviço desenvolveu em grande detalhe o tratamento com dose única elevada de ciclofosfamida como o mais eficiente tratamento para rejeição a transplantes. Aí entramos nós (PRMdeB) com publicações envolvendo outros autores na *Acta Neurologica Scandinavica* na *Multiple Sclerosis*, onde detalhamos nosso envolvimento no desenvolvimento do mesmo tratamento como um dos mais simples e eficientes para esclerose múltipla; outros grupos desenvolveram a mesma forma de tratamento para outras doenças autoimunes, inclusive doenças novas, sendo ainda descritas como a encefalite antirreceptor NMDA. E o efeito é explicado por várias formas de chimerismo sanguíneo. Macro, micro e misto.

Um problema grave neste campo de trabalho tem sido o preconceito. Irreal, claro, fantástico, medieval, mas utilizado nas trincheiras. Primeiro o sexual. Depois o da clonagem, que fica a anos luz do chimerismo sanguíneo autólogo hematopoiético. Chimeras genéticas de ratos, coelhos, ovelhas e de outras várias espécies de mamíferos foram produzidas com fins científicos, porém primatas não se desenvolveram com as técnicas de células-tronco embrionárias e transferências nucleares de células somáticas, como mostraram Tachibana e colegas na *Cell* em 2012. Mas o problema aí está, ético, moral, histórico e, *last but not least*, científico.

**Dra. Giuliana Gelbecke Kasecker Botelho e
Dr. Paulo Rogério Mudrovitsch de Bittencourt (PR).**



PALAVRAS DE FILÓSOFO

"Caso me perguntassem o que move o desejo, eu responderia: a felicidade e somente ela. Felicidade e infelicidade são os nomes de dois extremos, os confins de que não temos conhecimento; aquilo que o olho não viu, o ouvido não ouviu, nem o coração do homem soube conceber (1 Coríntios 2.9). Mas, em algum grau, temos de ambas as impressões vários exemplos de gozo e de alegria de um lado e de tormento e de desgosto de outro; coisa que, para maior brevidade, englobarei sob os nomes de prazer e dor. Existem prazer e dor da mente, além daqueles prazeres do corpo... Felicidade, em seu grau máximo, é, portanto, o supremo prazer de que somos capazes, e infelicidade a suprema dor."

John Locke



Você

Você sabe
Eu a vi apenas uma vez
É provável que nunca precise vê-la
Você já morava em mim
Sua imagem foi fotografada
Pela minha imaginação
O prazer de vê-la coincidiu
Com o que eu sentia.
Você não pode mais desaparecer
Porque já foi revelada!

Dr. E. O. Wittig (PR).

MEMES

O que precipita, esforço ou frio; o que alivia, repouso ou nitrito; e o caráter, dor em opressão, como uma mão que aperta a região retroesternal; isso é o que mais importa para o diagnóstico de angina do peito. O ECG pode ser normal.

A dor torácica súbita e grave (como se fosse a pior dor já sentida) em pacientes com hipertensão, gravidez, coarctação de aorta, trauma torácico ou estigmas de síndrome de Marfan, são pistas para aneurisma dissecante.

Dor torácica em seguida a longa viagem aérea sugere embolia pulmonar.

Se a dor torácica for dolorosa à palpação deve indicar doença de parede torácica.

Dor torácica associada a choque e turgência jugular pode ser encontrada no tamponamento cardíaco, infarto do miocárdio ou embolia pulmonar maciça.

Hiperestesia ou alodínia em faixa permitem o diagnóstico de herpes zóster antes da erupção cutânea.

Dor torácica agravada por movimentos do pescoço sugere doença discal cervical.

Choque sem motivo aparente deve dirigir a investigação para infarto do miocárdio.

Bradycardia significativa é um sinal importante para diferenciar choque neurogênico do de outras causas.

Tumefação pruriginosa na sede de uma injeção é uma chave importante para reação anafilática sistêmica.

A gangrena de Fournier é uma celulite anaeróbia que envolve o escroto, períneo e parede abdominal anterior;

os microorganismos anaeróbios mistos se propagam ao longo dos planos fasciais externos e causam extensas perdas de pele. Diabéticos são mais suscetíveis.

Esclerose tuberosa, neurofibromatose, síndrome de von Hippel-Lindau e síndrome de Sturge-Weber são facomatoses que representam doenças neurocutâneas. Formuladores de provas se encantam com essas síndromes.

Molusco contagioso são pápulas umbilicadas com coloração da pele. Se aparecem na face pense em aids.

Erupção descamativa e inflamatória associada à hiperglicemia deve fazer lembrar tumor neuroendócrino (glucagonoma).

A causa mais comum de tireotoxicose é a doença de Graves. Nenhum outro diagnóstico é provável se o paciente tiver proptose bilateral e bócio.

Três opções para tratar o Graves: medicação antitireoidiana, cirurgia ou radioablação. A oftalmopatia pode não melhorar com nenhuma das três.

A ablação da tireoide com iodo radioativo, muito eficaz, desenvolve hipotireoidismo na maioria dos pacientes, necessitando posterior suplementação hormonal.

A doença de Graves pode entrar em remissão ou recidivar, como muitas doenças autoimunes. Tratados com drogas, um terço à metade dos pacientes se tornam assintomáticos em 1 a 2 anos.

A maioria dos nódulos quentes de tireoide (hiperfuncionantes na cintilografia) nunca são malignos. Já os frios, embora na maioria não sejam malignos, requerem aspiração com agulha fina, para avaliação e possível excisão.

Disfagia concomitante para sólidos e líquidos no início de doença esofageana deve levantar o diagnóstico de acalasia; ao contrário do câncer de esôfago que, classicamente, se inicia com disfagia para sólidos e só depois para líquidos. O diagnóstico se faz com exame contrastado com bário.

O megaesôfago da doença de Chagas se apresenta com sinais e sintomas de acalasia. Atente para outros “me-gas” (côlon; ureteres) ou cardiopatia.

A miocardiopatia chagásica se apresenta como insuficiência cardíaca direita. Aos raios-x de tórax: cardiomegalia global e pulmões limpos. São comuns distúrbios de condução antes da insuficiência cardíaca (tipicamente, bloqueio completo de ramo direito com bloqueio da subdivisão anterior do ramo esquerdo), ou outras arritmias. Tromboses venosas com embolia pulmonar também são comuns.

A icterícia das septicemias se apresenta com aumento da bilirrubina direta, conjugada, acompanhada de fosfatase alcalina e transaminases normais, ou ligeiramente elevadas.

O íleo paralítico é a causa mais comum de obstrução intestinal; e sua forma mais frequente é o íleo do pós-operatório imediato. São comuns nos primeiros três dias. Obstrução mecânica intestinal pós-operatória geralmente ocorre entre o sexto e o décimo dia.

Dor abdominal em cólica sincrônica com peristaltismo hiperativo é o sinal físico mais seguro de obstrução intestinal mecânica.

Vômito persistente, acompanhado de diarreia, sugere gastrenterite.

Vômito persistente, pouco depois do início de dor abdominal, sugere obstrução intestinal alta.

E vômito inicialmente alimentar, seguido de bilioso e, finalmente, fecaloide, indica obstrução intestinal baixa.

Vômito recorrente, seguido de dor no hemitórax esquerdo e hidropneumotórax esquerdo indica ruptura espon-tânea de esôfago (síndrome de Boerhaave).

Melena consiste em fezes negras com sangue digerido, significando hemorragia digestiva alta (acima do ligamento de Treitz), embora ocasionalmente possa ser do cólon direito ou região proximal do transverso. São fezes de eliminação frequente, pastosas, pegajosas, fétidas, ao contrário das fezes pretas de ferro que são mol-dadas, não pegajosas e de pequeno volume.

Hematoquezia é a passagem de sangue vivo pelo canal anal.

Fezes claras, de cor bege claro ou “em massa de vidra-ceiro”, indicam obstrução completa do colédoco (câncer de cabeça de pâncreas ou de vias biliares).

Sabia que o humano pode ter fezes “bovinas”? São vo-lumosas fezes diarreicas que ocorrem na esteatorreia.

E chega de coprofilia!



PALAVRAS NA AREIA

José de Anchieta compôs o *Poema à Virgem*, com seus 4.172 versos, enquanto estava no cativeiro dos índios tamoios e, diz a lenda, que o havia escrito em latim clássico nas areias da praia e que, graças a sua memória excepcional, somente mais tarde o teria transcrito para o papel. No óleo sobre tela de 1900, o paulista Benedito Calixto de Jesus (1853-1927) retrata Anchieta escrevendo os poemas com seu bordão na areia, na praia de Iperog (hoje Ubatuba).

POR FIM, E NÃO MENOS IMPORTANTE

"A sensibilidade que experimentamos frente ao sofrimento alheio no fim da vida alivia, de certa forma, a nossa angústia pela própria finitude."

Gosto dos desafios impostos pela vida e pela profissão que escolhi. Um dos bons desafios chegou no ano de 2012 com um convite para assumir uma disciplina na Faculdade de Medicina. Como médico clínico e reumatologista, imaginei algo dentro dessas especialidades, às quais sou muito grato por me permitirem grandes momentos de auxílio ao próximo. No entanto, a disciplina versaria sobre Reabilitação e Cuidados Paliativos. O desafio era maior do que eu poderia suportar. Nunca havia dado aulas sobre esse assunto, mas como disse, gosto de novidades, principalmente quando desafiadoras. Convite aceitei, preparar as aulas era o próximo grande passo. Ler e estudar sobre um assunto presente em nossa vida médica com grande frequência, mas que não temos como rotina, os cuidados no fim da vida conseguiram me cativar e o que se seguiu após esses estudos, pesquisas e leituras foi a questão mais temida: lidar com a própria finitude.

Falar do óbvio é, talvez, a parte mais difícil em qualquer segmento, mas torna-se seguramente mais difícil quando o óbvio é a finitude do ser humano, mais ainda quando olhamos para dentro de nós mesmos. Procuramos não pensar no fim da vida, mas é impossível não permitir que o assunto ve-



At the Seashore, Helen Allingham (1848-1856).

nha à cabeça em momentos diversos em que atendemos nossos pacientes.

Dar aulas sobre isso abriu outras oportunidades de leitura sobre a transitoriedade da vida e a obviedade da morte. A grande tarefa seria permitir que os alunos, ainda no terceiro ano, ainda tão jovens, tão inexperientes com a vida, com a Medicina e principalmente com o tema, pudessem experimentar sua sensibilidade em relação aos cuidados no fim da vida de seus pacientes, o que irá ocorrer inevitavelmente em algum momento.

Desde os idos tempos de juventude, quase sempre maravilhoso por sinal, procurei manter a minha sensibilidade frente ao sofrimento alheio e sobre as angústias que cercam esse momento de partida em meus pacientes, assim como em suas famílias. É preciso, sim, bastante sensibilidade para entender os anseios das pessoas, os apegos à vida, os apegos às coisas e objetos, mas é preciso mais sensibilidade ainda para entender o que se passa em suas mentes nos aspectos emocionais, religiosos, espirituais e o que se pensa acerca daqueles a quem deixamos quando partimos. Imaginar como ficarão nossas famílias com a derradeira partida pode ser um exercício bastante difícil e de sofrimento intenso. A sensibilidade que experimentamos frente ao sofrimento alheio no fim da vida alivia, de certa forma, a nossa angústia pela própria finitude, mas o temor pelo desconhecido gera expectativas as mais diversas, sendo que qualquer uma delas será fruto apenas da

imaginação de cada um.

Lendo o livro *De Frente para o Sol, Como Superar o Terror da Morte*, de Irvin D. Yalom (Agir Editora Ltda. – Ediouro, 2008), o autor nos mostra um lado epicurista de pensar sobre a morte, com o ceticismo que lhe é peculiar, mantendo a ideia de que tudo se acaba ao morrer, mas a propagação daquilo que se fez de importante continua para sempre. Deixar legados e preceitos àqueles que nos cercam é uma forma de continuar vivo na mente das pessoas, embora fisicamente não se esteja mais presente.

Assim, embora não esteja integralmente de acordo com Yalom no pensamento de que tudo se acaba, tenho procurado levar aos alunos um lado mais sensível com relação às pessoas que se vão e também às que ficam, ainda que isso seja temporário. Somos todos transitórios e é necessário encher nossas vidas de bons significados que possam servir como legado aos nossos filhos, nossos pares e àqueles que, de uma forma ou outra, nos admiram ou convivem conosco.

Você, leitor, deve estar perguntando o que faço para lidar com minha própria finitude. Pergunta difícil com resposta mais difícil ainda, mas vou me permitir copiar uma parte do texto de Yalom, onde ele sugere não haver uma fronteira entre o que penso e o que pensam meus pacientes sobre a morte, quando eles são os angustiados e eu, o curandeiro. O importante é aprender com as angústias de cada um, entender o significado de cada pensamento acerca do fim da vida para meus pacientes, “sem uniformes ou fantasias, sem o desfile dos diplomas, certificados profissionais e prêmios, sem a pretensão de um conhecimento que não possuo, sem negar que dilemas existenciais também me afetam, sem me recu-

sar a responder perguntas, sem me esconder atrás de meu papel e, finalmente, sem ocultar minha própria humanidade e minhas vulnerabilidades”. Tomo este texto para a forma de como procuro seguir minha vida.

Em meus trinta e tantos anos de clínica, encontrei pacientes de todos os tipos, com as mais diversas angústias e, pasmem, muitos deles que me disseram não ter medo de morrer. Particularmente não acredito neles, pois não consigo enxergar essa complacência com o fim da vida, embora inevitável.

Outra pergunta é “se tenho medo da morte”. Como todas as pessoas que já conheci, mesmo os que dizem não terem medo da morte, o medo do desconhecido afeta, sim, a todos nós e também a mim. Por isso mesmo, todo legado que pudermos deixar aos que ficam e tudo o que pudermos propagar terá valido a pena.

Cuidar do outro é uma belíssima tarefa e ainda acredito que é preciso muita sensibilidade para ser médico de verdade. Cuidar do outro que se encontra no fim da vida é uma tarefa ainda mais árdua, uma vez que, a cada momento em que isso acontece, somos obrigados a pensar na nossa própria transitoriedade e, por consequência, na nossa passagem. Uma boa forma de não sofrer com esses pensamentos é manter a ideia de que, como diziam Lennon e McCartney, “o amor que você recebe é igual ao amor que você dá”, completamente verdadeira. Isso reflete a distância entre o sensível e o insensível.

Conseguindo trazer algum conceito sobre o lidar com o sofrimento alheio aos meus alunos acredito que já terei feito algo que possa propagar.

Dr. Antonio Carlos Monteiro Ribas (PR).

"Cuidar do outro é uma belíssima tarefa e ainda acredito que é preciso muita sensibilidade para ser médico de verdade."

TÍTULOS DE ARTIGOS CIENTÍFICOS

" Write with precision, clarity and economy. Every sentence should convey the exact truth as simply as possible."

A escolha de um título para um trabalho é a principal parte do mesmo. Ele é a base para que outras pessoas procurem acesso ao assunto; é pelo título que buscamos acesso a determinado tema e é pelo título podemos arquivar a nossa biblioteca de fontes. Branson reforça a importância do título:

1. ele alerta ao leitor o tópico do artigo;
2. um título bem escrito cria a curiosidade e leva aos leitores a investigar a substância do artigo.

Porém, alguns títulos de artigos são interessantes. Outros, são... hammmm... inusitados.

Hummm... alertam para o tópico do assunto? Certamente despertam curiosidade!!!

Vejamos alguns:

1. *Comparing apples and oranges.* *J Thorac Cardiovasc Surg* 2002;123:8-15.
2. *Look Ma, No Hands.* *Ann Thorac Surg* 1996;61:10-11.
3. *The Right Thing To Do With the Wrong Thing.* *Ann Thorac Surg* 2012;93:1025-1026.
4. *Through the open door! Where has the ride taken us?* *J Thorac Cardiovasc Surg* 2002; 124:655-659.
5. *The "sternum calvary".* *J Thorac Cardiovasc Surg* 1999;117:410-411.
6. *The Hot Dog as Pathogen Carrier.* *JAMA* 1973; 223(5):558.
7. *The colonoscope strikes back: a diverticular Darth Vader.* *MJA* 2007;187:11-12.
8. *A Cross-Sectional Retrospective Study of Boda Boda Injuries At Mulago Hospital IN Kampal-Uganda.* *East and Central African Journal of Surgery* 2004;9(1):44-47.
9. *How to write consistently boring scientific literature.* *Oikos* 2007;116:723-727.
10. *Medical tourism: Sea, sun, sand and ... surgery.* *Tourism Management* 2006;27:1093-1100.
11. *A "Mickey Mouse" Coronary Anomaly: Aorto-*

-Left Atrial Fistula With Aneurysm. *Circulation* 2005; 111:e-162-e163.

12. *The "Mickey Mouse" sign.* *Emerg Med J* 2008; 25:359.

13. *'Hummingbird Sign', 'Penguin Sign ' and 'Mickey Mouse Sign' in Progressive Supranuclear Palsy.* *JAPI* 2012;60:52.

14. *Peter Pan: do Pó Mágico à Epidemia.* Available from: www.artistasgauleses.com.br/jaimeasi/...peterpan...

15. *The Patent Medicine Evil.* *California State Journal of Medicine* 1917:371.

16. *How an Aspirin, a Throat Swab From a Chicken, and Four Guinea Pigs Changed Thoracic Surgery.* *Ann Thorac Surg* 2012;93:1753-1760.

17. *Cheaper than chicken:protein foods ranked by supermarket prices.* *NZMJ* 2007;120:1259.

18. *O Sapo de Einstein.* *Rev Bras Cir Cardiovasc* 2011;26(2): iii-v .

19. *Mad cows or crazy communications ? Available from: www.foodsafetynetwork.ca/animal/mad_cows_or_crazy_communications.*

20. *Quo Vadis.* *Rev Bras Cir Cardiovasc* 2012;27(3): 491-2. (adendo: demorei aproximadamente 15 dias para adequar este título ao trabalho)

21. *If This Were My Last Speech, What Would I Say ?* *Ann Thorac Surg* 2012;94:1044-1052.

22. *The Whitechapel Murders.* *BMJ* 1888;188: 672.

23. *The Tailor of Gloucester: a jacket for the Marfan's aorta.* *Lancet* 2004;364:1582.

24. *Low Temperatures in Lunatics.* *Lancet* 1888; 132(4):583.

25. *Banning Benzocaine: Of Bananas, Bureaucrats, and Blue Man.* *Anesth Analg.* 2009;108:699-701.

26. *The Anarchy of Weaning Techniques.* *Chest* 2002;121(6): 1738-40.

27. *Is it a Bird? Is It a Plane? The Role of Patient Monitors in Medical Decision Making. Anesth Analg* 2009;108:707-710.

OBSERVAÇÕES:

1. Para não caracterizar o autor, os artigos apresen-

tam-se somente com o título e a publicação da fonte;

2. Quero, com este artigo, apresentar apenas curiosidades sobre os títulos de artigos, editoriais e, de modo algum, depreciar o conteúdo abordado ou o seu autor.

Dr. Hélcio Giffhorn (PR).

IÁTRICAS

SEM UNANIMIDADE

Prezado Melo,

Entendo bem o seu problema em relação ao **IÁTRICO** e o respeito. Também eu, no período de minha formação, lia certas revistas com dificuldade e me perguntava o porquê de sua existência, já que pouco absorvia. Mas, logo pensava: sua veiculação só fazia sentido se dessem lucro ou tivessem leitores. Ou sua concomitância. E insistia. E não raro fui obrigado a dar o braço a torcer; a insuficiência era minha, tanto que algumas estão aí até hoje.

Como no caso do **IÁTRICO** a mais-valia não é financeira, nem para o Conselho e muito menos para mim, seu editor, são os leitores que determinam sua persistência. Humildemente devo-lhe dizer que elaborar uma revista original, sem orçamento e, portanto, sem poder contar com todos os colaboradores que desejaríamos, é tarefa árdua. Pois, por opção, não temos matéria publicitária, o que implicaria em critério ético ainda mais rigoroso. E note o seguinte: uma publicação não-periódica impressa contendo no mínimo 49 páginas, excluídas as capas, é considerada um livro. Quer dizer que, não fosse o **IÁTRICO** periódico, estaríamos publicando um livro a cada edição. Isso me parece sobejo em termos de esforço.

Quanto às pautas, com conteúdo notoriamente variado, têm sido de agrado dos leitores, tanto que a correspondência recebida é, em sua maioria, favorável. E o leitor é nosso patrão.

Sinto não estarmos à altura de suas expectativas, e não podermos preencher suas necessidades, mas temos certeza de não estarmos clamando no deserto.

Agradeço sua reiterada disposição de ajudar, mes-

mo sendo contrária. Afinal, unanimidade não é boa coisa. Ah, ia esquecendo a pergunta: como oferecer sabedoria a quem só pretende ignorá-la?

ISENÇÃO

Prezado Lucas,

Nunca gostei da expressão “não li e não gostei”. Essa “boutade” que se não me engano surgiu no *Pasquim* na década de sessenta, tinha sua graça, mas altamente maléfica. Como valorizar o trabalho alheio sem ao menos contatá-lo? E isso ainda seria muito pouco. É necessário diante de uma obra, entendê-la, assimilá-la, refletir sobre a mesma, aceitar a argumentação como se fosse sua e, em face disso, então rejeitá-la. Com argumentos sólidos e lógicos. Só com esse esforço sincero, e bota esforço nisso, podemos ser isentos, e não fazer parte da corrente da mesmice ou do sectarismo, dois dos pecados capitais da menoridade intelectual. Sinceridade textual, é disso que falamos, meu caro Lucas. Continue seu esforço. Até.

POLÍTICA E GUERRA

Prezada Luciana,

O tom do último **IÁTRICO**, baseado na política e na guerra, para que possamos alcançar a liberdade e a autonomia, foi absolutamente proposital no seu tema central. Sabíamos ser algo delicado, que mexeria com corações e mentes, à direita e à esquerda. Mas não somos sectários, habitamos o espectro de possibilidades humanas sem nos comprometer ideologicamente. Isso não significa falta de compromissos, apenas queremos ter a visão alargada de quem olha um horizonte amplo e

opta pela isenção, mesmo sujeito a erros. Esperamos ter alcançado um pouco das intenções e ter cooptado a síntese de John Adams: “Devo estudar política e guerra de forma que meus filhos tenham a possibilidade de estudar matemática e filosofia, navegação, comércio e agricultura, para poder dar a seus filhos a possibilidade de estudar pintura, poesia, música e... porcelana”. E me sentir à vontade como avô. É tudo, e obrigado.

LIVROS

Prezado Elias,

Quando adolescente, e um pouco dedicado ao estudo e à leitura, meu pai com frequência apontava-me uma certa inutilidade. Para ele, era preciso ação, já que o mesmo não tinha muita inclinação à reflexão. E eu ficava dividido, entre o saber paterno e minha índole reflexiva. Mas isso sempre ocorreu, pais tendem a gostar de filhos mais aplicados ao movimento, incientes de que só é definitivo o que é lento. Até mesmo o escritor Joseph Conrad não sabia explicar à sua mulher que, no momento em que olhava pela janela, estava trabalhando. Ao perguntares hoje sobre livros, e ao ver os rastros de mim mesmo, confesso que a virtude, para variar, está no meio; meio ação, meio reflexão. Mas não basta o meio, só lê quem tem propensão. Ninguém consegue inculcar leitura onde não há receptores. Como estes são invisíveis, é preciso tentar, e torcer um pouco. Afinal, a esperança é apaziguadora. Agradeço a interação.

NÚMEROS

Prezado Alencar,

Tens toda razão, são números e mais números os mortos, e incontáveis os campos de concentração ao longo de todas as guerras. Mas o que podemos fazer é dar relevância a um ou outro episódio para exemplificar a barbárie de que somos capazes. Sinceramente não sei se para aplacarmos nossa culpa ou, como desejamos, para difundir o código de valores morais para que nos tornemos mais humanos. O povo polaco sofreu horrores como tantos outros, e espero que nunca mais sofra. Mas ficar alerta é dever de todos nós que batalhamos pelas liberdades humanas. A começar pela da expressão. Receba um abraço de quem luta contra todos os infernos. ❶

Cartas

*Escrevo cartas, caso não saibas,
escrevo, escrevo, escrevo...*

*Se descuidar, escrevo todos os dias,
em quase todas as horas.*

*Na falta de notícias falo de mim,
faço narrativas do que vejo
além das janelas, do
tropeço das ruas.*

*Trago para fora panos
puidos das vestes
de minhas ilusões, meu
olhar quebrado,
poeiras, esteiras onde se
deitam, cansados,
meus sonhos adormecidos.*

*Tem tanto a ser dito que, ai de mim,
não dou conta de tudo
que se tem a dizer.*

*E dá-lhe papéis, selos,
endereços, envelopes,
gente, cidades, remetente,
e um gosto de adeus a
cada carta que se vai.*

*Quem a recebe, recebe
retalhos do que sou,
ecos do meu silêncio,
pedaços distribuídos.*

*Tristezas, alegrias,
contemplações, ausências:
ainda não sei o paladar das letras,
mas quero-as apascentadas,
como as pipas no céu
inocentes, ingênuas, indiferentes,
sem trazer na feição
a dor ansiosa do
coração dos meninos.*

Zeca Corrêa Leite (PR).

UMAS E OUTRAS

❶ Os anos sessentas foram cancelados pela liberação sexual, das drogas, e da introspecção, o cada um na sua (“*to do your own thing*”). Só que não somos donos de nós mesmos, portanto, isso não levou a maior entendimento do eu, ao contrário, despertou a expansão egóica caracterizada pela indiferença ou pela agressividade contra a sociedade. A abolição da repressão levou à agressão, e a sempre necessária contenção à alienação. E continuamos numa ou noutra, ou, o que é mais comum, na metabolização pela sociedade dessas forças na forma de espetáculo ou de consumo.

❷ Os sessentas também liberaram a “*new age*”, a era de aquário, com sua espiritualidade difusa, diáfana, onde todos acreditam em tudo e, claro, em nada. A ponto de Millôr dizer que está tão difícil acreditar em qualquer coisa que vai acabar acreditando em Deus. Ou seja, embora se diga que o indivíduo queria estar na sua, na verdade queria é fugir de si mesmo e não ter res-

pensabilidades. Na literatura, essa horda mística levou à inconsciência da linguagem. Tudo virou uma emanção inconsequente. Mas não é de hoje, Nietzsche já afirmava: “As explicações místicas passam por profundas; a verdade é que não são sequer superficiais”.

❸ A propósito: A tentativa de dar sentido à existência é respaldada pela ideologia, religião e a arte, que servem a ou para tudo.

❹ O homem necessita de uma vida inventada. Entre tantas invenções inventou o amor, única coisa que, dividindo, aumenta.

❺ Romantizar o passado é o pasatempo preferido de quem não se dedica ao presente.

❻ O ser humano é produto de suas histórias, da preservação de suas memórias, numa palavra, de sua *narrativa*; e não do reajo, logo existo.

❼ A experiência ética nos faz enten-

der a profissão; formula vínculos pessoais. Não está na leitura, está na prática de quando e como devemos proceder.

❶ Sanidade e normalidade são difíceis de conceituar, estão em algum ponto a meio caminho da turbulência da vida e dos nossos princípios. Exigem flexibilidade.

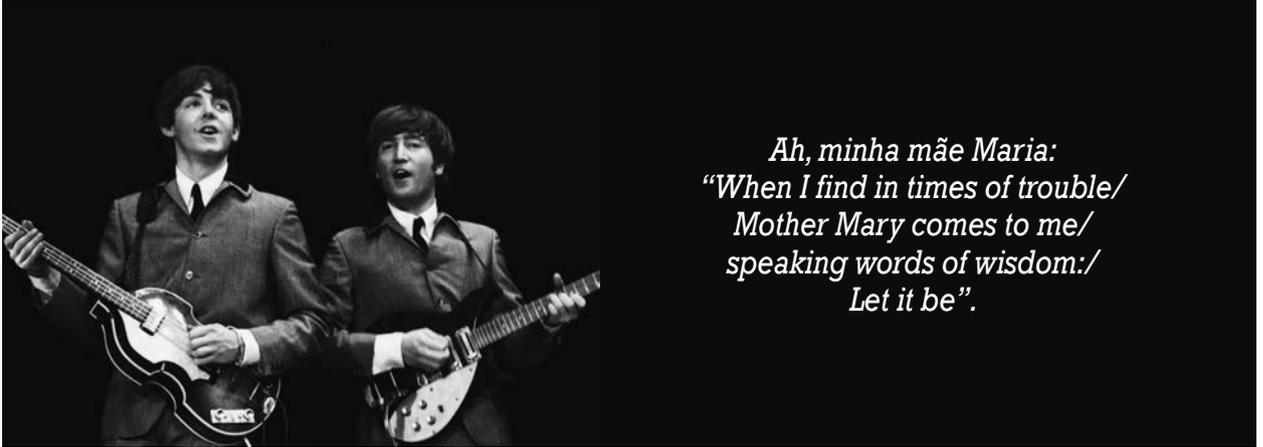
❷ Sanidade é metade genes, metade meio. Uma personalidade que modula bem temperamento (genético) com caráter (meio) encontra assertiva latina: “*in médio virtus*”. Polarizações são um inferno. Pessoal e dos circunstantes

❸ A literatura nos permite viver as pessoas que não somos. A poesia a encantar nossa própria vida.

❹ Sempre que releio *Memória* de Carlos Drummond de Andrade fico entre a exacerbação do encantamento e a redução da menos-valia: “Amar o perdido/ deixa confundido/ este coração./ Nada pode o olvido/ contra o sem sentido/ ape-



Ao folhear um livro de Sebastião Salgado, o fotógrafo dos pobres e oprimidos, exclamou Ivan Lessa: “Pobre, dependendo da iluminação e do ângulo, dá um dinheirão”. Tá um cara que não poupou ninguém nem a si mesmo. O nome disso é iconoclastia.



*Ah, minha mãe Maria:
“When I find in times of trouble/
Mother Mary comes to me/
speaking words of wisdom:/
Let it be”.*

lo do Não./ As coisas tangíveis/
tornam-se insensíveis/ à palma da
mão./ Mas as coisas findas,/ Mui-
to mais que lindas,/ essas ficarão”.
Uma ode à atemporalidade da
mente.

❶ A memória é a consciência inseri-
da no tempo.

❶ Toda carreira vive de lição e
exemplo.

❶ O verdadeiro comunismo foi o
jeans; o atual, o celular.

❶ Não há fatos, só interpretações
(Nietzche).

❶ Mário Quintana dizia que aquele
que ensina domina. Ao invés, sem-
pre ensinei para me dominar.

❶ Com que ânsia tão raiva
Quero aquele outrora
E eu era feliz?

Não sei:
Fui-o outrora agora
(F. Pessoa)

❶ Basílio Magno consagrou a triá-
de do espírito: estudar, contemplar,
trabalhar. Daí nasce a invenção.

❶ A arte existe para ajudar a en-
tender a vida e, claro, fruí-la; por
isso, às vezes, precisa exagerar,
deformar, romper propósitos e si-
metrias. Mas os gênios que conse-
guiram tais rupturas foram antes
mestres na tradição. Não eram em-
busteiros.

❶ A elaboração da leitura é muito
mais difícil do que a digestão de um
mau prato.

❶ Para Ferreira Gullar a arte não
ocorre sem espanto. O mesmo
espanto de uma criança que visita
um museu. Nesta cria recepção. No
caso do poeta, invenção. E qual se-
ria o maior espanto senão o da pró-
pria vida? Por isso, deixou grafado
o lado externo:

*“À vida falta uma parte
seria o lado de fora
para que não se visse passar
ao mesmo tempo que passa*

*e no final fosse apenas
um tempo de que se acorda
não um sono sem resposta.
À vida falta uma porta”.*

Ao que Fernando Pessoa redarguiria
com o lado interno:

*“Que sei eu do que serei
Eu que não sei o que sou?
Ser o que penso?
Mas há tantos que pensam ser a
mesma coisa
Que não pode haver tantos”.*

E ao que eu aponho:

E ao me lembrar de meus dois la-
dos, sinto uma frieza lacunar; olho
uma bolha que é vazio e errância, e
que pode espocar na imponderabili-
dade do que não fui.

❶ Olhar do avesso suas próprias
ideias é a prova dos nove.

❶ Supomos que nossa vida tenha or-
denação; é uma quimera, doce ilusão.

❶ Toda a fonte de hábitos morais é

boa, por isso aprendi muito com o fabulista grego Esopo. Quem não se lembra do lobo e do cordeiro? Precisamos ler mais fábulas para as crianças. Estaria encalhado no passado? Ou as fábulas ainda seriam lições para os tempos modernos! Afinal, toda retórica depende do valor moral do orador.

❶ Só aceite as coisas depois de observar, examinar e ponderar.

❷ Entrelinhas são as linhas invisíveis que tudo mostram e explicam.

❸ Entre os dez melhores poemas do século 20, todos os críticos inserem *Tabacaria* de Fernando Pessoa. Em certo momento do poema diz que não há metafísica no

mundo superior a chocolates. Pois bem, dileto leitor, sabe o que é metafísica? É a “ciência” segundo a qual existiria um mundo de formas eternas e plenas, invisível aos olhos, mas visível ao “espírito”.

❹ As duas se completam, mas não as confunda: imagem é síntese, palavra é análise.

❺ E uma flor irrompe do bueiro; é o estrume a florir. A beleza vindo do inesperado. E Otto Lara Resende, grande conservador, pontificava: “O ser humano é um saco de estrume ambulante, com direito a florir”.

❻ Não sei quem disse, mas é boa: “Uns fingem que ensinam. Outros fingem que aprendem. E tudo termina em diploma”.



Na minha época, aquela, conheci alguns existencialistas. Todos liam Sartre, e sabiam que a existência precede a essência. Até hoje corro atrás desta. Quer dizer, entre o ser e o nada, estou mais para o nada.

VIDA INVENTADA

"O homem continua sendo o único ser vivo que enterra seus mortos."

Cerca de 90 mil anos atrás, o ser humano “descobriu” (vale dizer, inventou) a vida eterna. Desde então, o homem continua sendo o único ser vivo que enterra seus mortos. Ao lado dos corpos – durante milênios e ainda hoje em algumas tribos – são deixados objetos necessários para que o defunto possa desfrutá-los no outro mundo. O que significa que, 90 mil anos atrás, com a vida eterna, foi criada a primeira grande consolação para aplacar a dor do desenlace e para substituí-la pela felicidade da esperança.

Mais próximos de nós, entre 17 mil a 18 mil anos

atrás, a humanidade presenteou a si mesma com outra grande consolação: à beleza da natureza – uma nuvem, um regato – acrescentou a beleza e a surpresa da arte.

A evolução de animal ao homem é uma transição lentíssima, ainda inconclusa: a descoberta do outro mundo (para compensar a morte) e a descoberta da beleza (para compensar a dor) são duas de suas etapas fundamentais.

Entre todas as expressões humanas, a religião e a estética são as que mais se incubem de nossa felicidade.

Domenico De Masi.

NEGOLIMA

*Pé de cana dá garapa e açúcar.
"O álcool, tomado com moderação,
não oferece nenhum perigo, nem
mesmo em grandes quantidades."
(Millôr)*

Que não se arrepiem os racistas, os racistas no avesso e nem os chatos-politicamente-corretos: era bem assim que o chamávamos, embora, cara a cara, preferíssemos apenas Lima, coisa que, aparentemente, não fazia a menor diferença para ele.

Da lima-fruta, que dá o ano inteiro, tinha a generosidade, mas sem o amarginho que muitas vezes acompanha o suco. Era ferroviário, suave, nunca visitou um dentista, falava pouco, mas bebia como gente grande: aos golinhos, degustando aos poucos sua pinga, durante horas em que permanecia no bar desde que deixava o trabalho até quando bem entendesse. Observava, sorria entre um sorvo e outro, ouvindo as patacoadas etilicamente turbinadas do "Bar do Vaíco". Sempre foi bebedor discreto. Nunca se soube que desbundasse em manifestações ruidosas, desafios ou provocações. Dele se poderia dizer, sem exagero, um *gentleman* de bar ou, um bebedor com boas maneiras.

Andava entre seus 50/60 anos; quem saberia? Era da conta dele. O cabelo não demonstrava, não exigia cortes e não creio que conhecesse pente, objeto supérfluo.

Mas não é por nada disso que me lembro dele com certa frequência, principalmente quando estou entre amigos daquela época, aliás, poucos, porque muitos já entregaram a alma ao Criador. Melhor começar pelo começo em respeito à ordem e compreensão.

A década era início de 60 e a cidade, Rebouças (PR), onde trabalhei muitos anos pouco depois de deixar a escola de medicina. Meio que negligenciando as cadeiras clínicas, preparei-me para a cirurgia, que



Contos de Fadas, Marina V. Chulovitch (1956).

me fascinava com emergências sanguíneas propícias a ousadias de médico noviço. Foi quando me deparei, também, com partos, abortamentos, acidentes, facadas frequentes e tiros, vez por outra. De minha parte, preferia os ferimentos a bala que, se não deixasse o freguês estendido no local, dava tempo para acudir com calma. De um plantão num pronto-socorro, lembro-me de um sabido que chegou falando alto, paleto dobrado no braço, dando adeusinho a todos, até pensei que fosse acompanhante. Não era: deu alguns passos sala adentro, rodopiou e se esparramou no piso. Eram assim os ferimentos por arma de fogo, só que nem todos.

Facada era outro papo: estragos na certa e grave muitas vezes, quase sempre exigindo intervenção nas quais ficávamos até altas horas tentando segurar o abençoado pelas redondezas. Até porque, em condições de falar, contava a história do ataque à traição que sofrera ("pularam em mim em quatro!"); a vingança pretendida era certa, lacrimosa e com morte jurada. Puro desabafo de macho em derrota. Geralmente, de mistura com borracheiras, rixas por bobagens, na maioria das vezes sem a menor preocupação com despesas porque o "INPS" já se arvorava em *Big Brother* e, afinal, estávamos ali para aquilo.

Onde está o "Negolima" nessa história? Sangue, minha gente! Muito sangue corria e precisava ser reposito. Aids por longe e ainda sem ibope. Tínhamos frascos com líquido para que o sangue não coagulasse e sangrávamos o doador a frio: garrote alto no braço, agulha

grossa, tubo de borracha ligando o frasco ao benevolente já treinado, abrindo e fechando a mão para bombear o precioso líquido rubro para o frasco, preparado com alguma pressão negativa.

Nosso banco de sangue era ambulante, com vários doadores cadastrados e, geralmente, as “Irmãs” controlavam para que as sangrias não fossem muito frequentes. Exames? Fazíamos sim: misturávamos uma gota do sangue doado com outra do ferido e observávamos para ver se havia alguma incompatibilidade visível a olho nu. Geralmente, nada havia e a transfusão era imediata: sangue quentinho, fresquíssimo e, ao contrário de hoje, ninguém tirava nada daquele sumo cheio de vida. Dava gosto ver o freguês ganhando novas cores e coragem. O Lima era um dos doadores e estava sempre no posto (digo no Bar), onde era apanhado, trazido ao hospital e sangrado. Nunca se recusava, ao contrário, ao nosso pedido, autorizava: “Tire... pode tirar; meio litro, um litro, tire tudo se quiser...”

Onde encontrar doador desse tipo? Seu sangue tinha a vantagem extra de conter boa dosagem alcoólica, que providenciava calor imediato.

Outro de nossos melhores doadores era o Adolfo Paluch: polaco imenso, alto de quase dois metros, veias da grossura de um dedo, vermelhão e barrigudo. Costumava dizer que tinha muito sangue e, por isso, precisava tirar para não se sentir mal; prontos, nisso colaborávamos. De voz tão possante que, ao gritar leilão na capelinha próxima ao hospital, o brado ecoava lá embaixo no miolo da vila. Cantava na Igreja e seu louvor sobressaía do congregado para ecoar nos arcos da Matriz.

Havia outros, de igual valor e destaque, mas nem sempre tão disponíveis. Os campeões eram o “Negolima” e o Paluch.

Certa ocasião, os gozadores de sempre resolveram

pregar uma peça no Lima. Ele morava numa casa da “Rede” (ferroviária) a uns quinhentos metros do bar, percurso que era feito sobre os dormentes da linha, em noites de visão zero, com um pontilhão a ser transposto.

O plano: adiantar-se, permanecer sob o pontilhão, cobrir-se com um lençol branco, fazer algum ruído supostamente de outro mundo, para assustá-lo. Tudo à risca, lençol, barulho de pôr medo e o “Negolima” puxa a mangueira e esvazia a bexiga tranquilamente, conforme ritual de costume, deixando ao desapontamento os fantasmas de araque.

Quando lhe contaram, não acreditou, dizendo que ali não era lugar de ‘espritos’. Sua simplicidade unida aos eflúvios da “marvada” dava-lhe coragem sobrenatural.

Noutra ocasião, uma senhora da sociedade local, ao “ganhar família”, sangra além da medida. Como era hábito, sou chamado em casa. Fui. Ao chegar, assustou-me a palidez prenunciando urgência: já para o hospital, panos, cobertor para empacotar a parturiente, vai de ‘fuque’ mesmo e, no rasante, atropelo um cachorro indiferente e mal habituado a dormir em frente à Delegacia – não soube mais dele e nem o vi mais cochilar em seu ponto. No hospital, soluções salinas, “me tragam o Lima” e Aleluia! – mãe e filho salvos graças à modernidade transfusional. O garoto, hoje homem feito, industrial, talvez até duvide de seu nascimento tão dramático. Sua mãe, árabe-brasileira (‘turca’) absorveu o sangue afro-brasileiro (negro) sem que houvesse qualquer incompatibilidade, uma vez que sangue de gente não está aí para fronteiras ou status social.

Abro um parêntese: cliente de um colega daquela época com tanta fé em sua habilidade médica que um dia promete: “Doutor, hei de morrer nos seus remédios”. Era a maneira de afirmar que, de tão con-

"Hoje, imagino-o um anjão negro, bonito, com dentes reimplantados, de bem com a morte e com todos, conforme viveu."

tente, submeteria sua saúde a ele até à morte. Fecha parêntese.

Anos depois, na enfermaria de outro hospital, quem vejo na visita? Ele mesmo, o "Negolima", minha fonte inesgotável de sangue de alta qualidade, só que agora, era ele o doente. Com a simplicidade de sempre, reconheceu e cumprimentou-me. Morreu "nos meus remédios", cuidado com amor e com a pujança dos meus conhecimentos, sempre relativos e fadados ao fracasso tantas vezes.

Hoje, imagino-o um anjão negro, bonito, com dentes reimplantados, de bem com a morte e com todos, conforme viveu. E seus pecados inevitáveis nesta danada condição humana? Todos zerados. E os golinhos a mais? Se pecado foi, não creio que chegasse a atrapalhar sua posição angelical, melhor do que algum bacana que nunca provou um gole. Mas, se o conheci bem, caso houvesse alguma reclamação, estou certo que diria:

"Suba prá cá que vou aí pra baixo...", tal era a natureza e generosidade do Senhor João Agostinho de Lima, "cidadão honorário de Rebouças: pela inteligência, iniciativa, coragem e sangue frio no desempenho de missões diversas durante a II Guerra Mundial".

É o que reza o diploma proposto pela vereadora Rosy Sarraf Perússolo – a gestante-sangrante da história –, e assinado pelo prefeito Jerônimo Cabral Perússolo, pai do garoto sapeca causador da correria; todos vivos e saudáveis pela graça de Deus, amém!

Dr. Edson F. Sampaio (PR).

Sonhos

*Lembra, mano, aqueles sonhos
De tentar mudar o país?
De buscar um espaço no mundo
E talvez ser um pouco feliz?*

*A esperança da casa na praia
E a família um pouco mais unida?
A procura da paz e da leveza
E tentar perder o medo da vida?*

*E criar raízes e ter fê e solidez
E abrir ramos e abraçar amigos?
E gerar sementes e futuro
E do medo fazer brotar os filhos?*

*Lembra, mano, do preconceito
Do clube que não queria negros,
De pessoas que não abraçavam pobres?
A mesma dor quando se pisa em pregos...*

*Do sonho de ter uma piscina?
Aquele dia que choramos vagando
Pela cidade cheia de murmúrios
Porque queríamos uma ceia de Natal?*

*Aqueles sonhos perdidos de outrora
Se perdem nos recantos adormecidos
De nossa memória e nos esquecemos,
Mas muitas crianças os têm coloridos.*

*Onde andas, mano, com os teus sonhos?
Apareça um dia com as tuas estórias!
Na imensidão em que caminhas agora,
Sei que estás coberto de paz e glórias!*

*Apareça, mano, apenas para um abraço,
Matar aquela saudade que queima e arde.
Nem que seja num sonho ou no vento,
Ou no dourado divino que incendeia a tarde...*

Dr. Luís Alberto Batista Peres (PR).

VERDADE E MENTIRA NA ARTE DA PALAVRA

"A noção de verdade é mais um fetiche de se descobrir os motivadores da história contada, o qual interessa muito mais aos leitores do que aos escritores."

Nos idos de 1998, Claudio Humberto, ex-porta-voz de Fernando Collor, publicou uma nota afirmando que Fernando Henrique teria chamado Chico de "ultrapassado" e "elitista", enquanto Gil e Caetano seriam "gênios".

Chico Buarque nunca gostou do exercício dos fãs em procurar os personagens reais que estariam em suas canções. Sempre desmentiu quando se fazia alguma relação. Por exemplo, a referência a Geisel em *Flor da Idade*: "Você não gosta de mim, mas sua filha gosta".

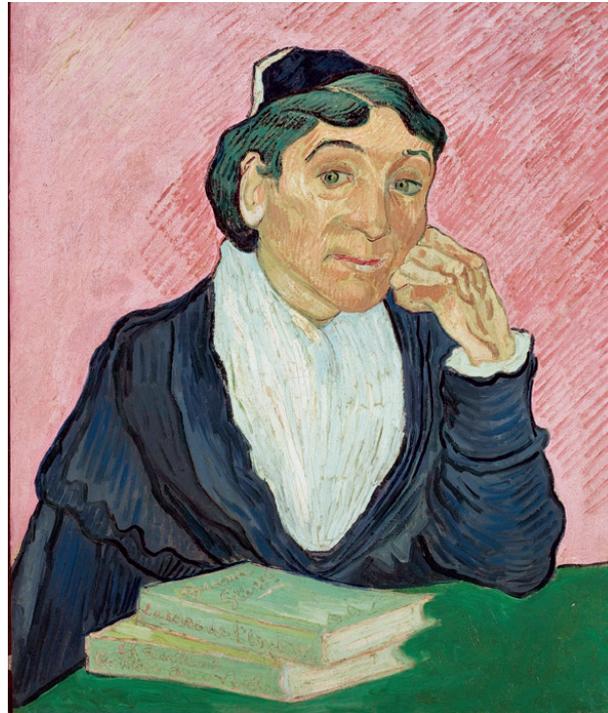
Mas, desta vez pareceu muita coincidência. A música que ladeia este artigo foi composta por Chico um pouco depois do episódio. O compositor carioca negou dizendo que não chamaria FHC de "meu bem". A semelhança parece inegável, mas o exercício maior parece ficar aos apreciadores de sua obra, que se deliciam com a tentativa. A graça talvez esteja em não se encontrar uma resposta definitiva.

Sobre a atividade de poética, Fernando Pessoa diz:

*O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

*E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.*

*E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.*



A Artesiana, Vincent Van Gogh (1863-1890).

Injuriado

*Se eu só lhe fizesse o bem
Talvez fosse um vício a mais
Você me teria desprezo por fim
Porém não fui tão imprudente
E agora não há francamente
Motivo pra você me injuriar assim*

*Dinheiro não lhe emprestei
Favores nunca lhe fiz
Não alimentei o seu gênio ruim
Você nada está me devendo
Por isso, meu bem, não entendo
Porque anda agora falando de mim*

(Chico Buarque)

Chico Buarque, em sua versão escritor, produziu um romance que escancara outra faceta desse jogo verdade&mentira.

Budapeste conta a história de um *ghost-writer*. Em tradução literal seria escritor-fantasma e diz respeito à atividade de escrever textos para outros assinarem, inclusive autobiografias. Seria mentira para quem a sabe; bela verdade para quem ignora.

Guimarães Rosa gostava de diferenciar “história” e “estória”. Classificando suas obras com esta, não aquela.

Muitos são os exemplos de obras que misturam o real e o ficcional. No entanto, a mais falada nos últimos tempos no Brasil é *O filho eterno*, que rendeu prêmio Jabuti ao escritor curitibano Cristóvão Tezza. Nessa obra, o autor rompe os limites da autobiografia e usa como suporte de sua ficção a sua própria vida; no caso, a sua relação com um filho portador de síndrome de down.

Diversos eventos são reais, contudo o tratamento dado é “romanceado”. A começar pelo narrador em terceira pessoa, impensado numa autobiografia. Ele faz um entrelaçamento do real e do imaginário de tal forma que chegou a ser “acusado” de estar contando coisas que não ocorreram.

Ocorre que a noção de verdade é mais um fetiche de se descobrir os motivadores da história contada, o qual interessa muito mais aos leitores do que aos escritores. Alguns destes, inclusive, chegam a considerar uma ofensa, uma vez que se estaria colocando em xeque sua capacidade de criar.

Tecnicamente falando, a distinção entre ficção e realidade pode ser considerada por correntes teóricas

como assunto periférico, esgotado ou que ainda possa ser visto como mesmo desnecessário para se estabelecer o que seja um texto literário. Já para Umberto Eco, refletir sobre essas complexas relações entre leitor e história, ficção e vida, pode constituir uma forma de terapia contra o sono da razão que gera monstros. Exercícios imaginativos sobre as relações entre o biográfico e o ficcional são importantes para a recepção, fruição, entendimento e estudo do texto literário. Porém, tornam-se menos importante para o deleite de uma grande obra.

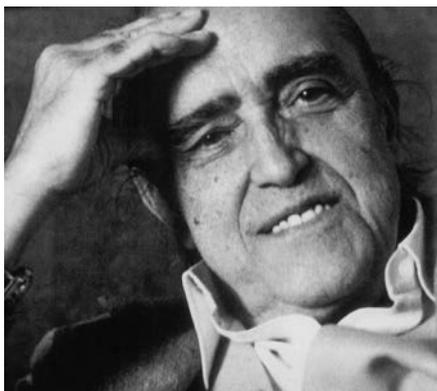
Termino com Fernando Pessoa, que explica – ou confunde – um pouco mais esta história (ou seria estória?)

*Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.*

*Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.*

*Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é,
Sentir, sinta quem lê !*

João Filipe Magnani (PR).



PALAVRAS DE ARQUITETO

“Não é o ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual. A curva que encontro nas montanhas de meu país, na mulher preferida, nas nuvens do céu e nas ondas do mar. De curvas é feito o universo. O universo curvo de Einstein.”

Oscar Niemeyer

A ORIGINALIDADE NÃO EXISTE

"Não existe autor que não tenha apresentado como seus os conceitos que nasceram de outras penas."

Em 1916, um obscuro autor alemão, Heinz von Lichberg, escreveu um conto. O *"Times Literary Supplement"*, anos atrás, publicou esse conto. História simples: um jovem estudante aluga um quarto de hotel e apaixonou-se pela filha pré-púbere dos donos. O final é lúgubre para a "ninfeta" em questão. Nome do conto? *Lolita*.

Quando li essa revelação, caí do céu. *Lolita*, o romance de Vladimir Nabokov publicado em 1955, é um dos meus livros da vida. Mas agora existia uma sombra de ilegitimidade a pairar sobre a obra: teria Nabokov roubado a história a Heinz von Lichberg?

Nas semanas seguintes, a polêmica instalou-se nas páginas do *"TLS"*. Conclusão possível: sim.

Nabokov provavelmente lera o conto durante a sua passagem pela Alemanha. Mas era impossível estabelecer com certeza se o roubo foi consciente ou inconsciente.

E não seria de excluir que, décadas depois de o ler, Nabokov tenha iniciado a sua *"Lolita"* como se a ideia fosse sua e apenas sua.

Eis a tese do neurocientista Oliver Sacks em ensaio magistral para o *"The New York Review of Books"*. Sacks não se ocupa de Nabokov, claro, embora o título do seu texto seja, ironicamente, um evocação do escritor (*"Speak, Memory"*). Sacks está interessado em analisar o fenômeno da "criptomnésia", que por vezes se confunde com o rasteiro "plágio".

Um erro, avisa Sacks. "Plagiar" é roubar de forma intencional e consciente o trabalho intelectual de terceiros. Mas "criptomnésia" é outra coisa: esquecermos as fontes do que lemos, deixando que a memória construa a sua própria "originalidade" sobre elas.

Isso é recorrente no trabalho intelectual e não existe autor – de Shakespeare a Coleridge, de Milton a T.S. Eliot – que não tenha apresentado como seus os conceitos, as ideias e até as frases que nasceram de outras penas esquecidas.



Seated Woman with an Open Book on her Lap, Rembrandt van Rijn (1606-1609).

Mas a "criptomnésia" não precisa do trabalho literário para tyrannizar a nossa memória. O próprio Sacks relata uma experiência da sua juventude na Inglaterra, durante a Segunda Guerra, que nunca foi uma experiência real. Sim, ele julgava ter escapado a dois bombardeamentos nazistas. Até escreveu sobre eles com impressionante vivacidade.

Mas foi preciso o testemunho de um irmão mais velho para que a "verdadeira verdade" substituísse a "subjéctiva verdade": ele, Oliver, experienciou o primeiro bombardeamento, não o segundo. Do segundo, lera apenas a respeito – e o impacto dessa leitura fez com que a memória diluísse a fronteira entre a "verdade histórica" e a "verdade narrativa". Ou, melhor dizendo, a "verdade narrativa" transformou-se em "verdade histórica".

A nossa memória é ambígua porque toma como verdade o que por vezes não foi verdade. Incorpora experiências, ou ideias, ou conceitos que não são radicalmente nossos. Mas que se oferecem como nossos quando as pegadas da originalidade já desapareceram do nosso areal interior.

Será isso uma fraqueza, que no limite impede

qualquer criação ou recordação "autênticas"?

Longe disso, escreve Oliver Sacks: a "criptomnésia" é fundamental para qualquer atividade criativa. Se o nosso cérebro fosse um arquivo rigoroso, catalogando cada experiência ou referência com precisão mecânica, nós seríamos incapazes de funcionar ou criar. Não pela consciência insuportável de que nada é nosso.

Mas pelo motivo mais básico de que todas as informações, mesmo as mais desprezíveis, ocupariam todo o "espaço" mental.

Paradoxalmente, criamos porque esquecemos. E esquecemos, de forma ainda mais paradoxal, o que a nossa memória registrou como significativo para nós: um reservatório de conhecimentos ou encantamentos onde iremos voltar um dia – anos depois, décadas depois – para construir as nossas "originalidades".

Por mim falo: escrevo porque leio. E esqueço o muito que li. Mas sei que nesse esquecimento a minha memória não dorme. Ela será sempre um ladrão silencioso e noturno, jogando para dentro da sacola uma ideia aqui, uma imagem acolá, uma provocação mais além.

Sem falar das minhas experiências de vida – as experiências vividas, as experiências escutadas, as experiências inventadas – e que já fazem parte do meu DNA.

Serei uma fraude, como o velho Vladimir e a sua "ninfeta"?

Melhor, leitor, muito melhor: como todos nós, sou uma fraude que se julga original.

João Pereira Coutinho (PT), da Folha.

Canção para ninar o mar

*Vem cinzelar nos céus.
O novo amanhecer
Com o rosa e dourado
Da aurora tão manhã
Quando desperta o mar,
A paixão no olhar,
Em suspiros de amor }bis
No colo de lemanjá. }bis*

*Vem comigo na areia
Pisando o entardecer,
Com teus sonhos de amor
Vestir o céu de cor
No ouro da ilusão
Vendo escurecer o mar
Com o cinza da partida,
Quando o sol em despedida
Passa p'ro lado de lá*

*E cantaremos baixinho
Doces canções de ninar
Fazendo coro com a brisa...
As ondas e o coqueiral...
Pianíssimo,
Tão pianinho
P'ra acalantar o mar...
Pianíssimo
Tão pianinho,
P'ra adormecer o mar...
Cerrando as longas pestanas,
Branças de espuma
Sonhando...
No colo de lemanjá!*

Dra. Margot Lobo Valente (BA).

Poesia premiada em 1º Lugar no XXIV Congresso Sobrames/2012-Curitiba

PROSA CRUEL E NECESSÁRIA: AS MÃES DO CRACK

"Separar a mãe do filho é experiência traumática que costuma devolvê-la mais depressa para as ruas."

É um experimento macabro da natureza que reduz seres humanos à situação de animais de laboratório.

Difícil avistar um grupo de usuários de crack em que não haja uma menina grávida. Desviamos o olhar para não correr o risco de encontrar o delas, embaçado pela escravidão da dependência.

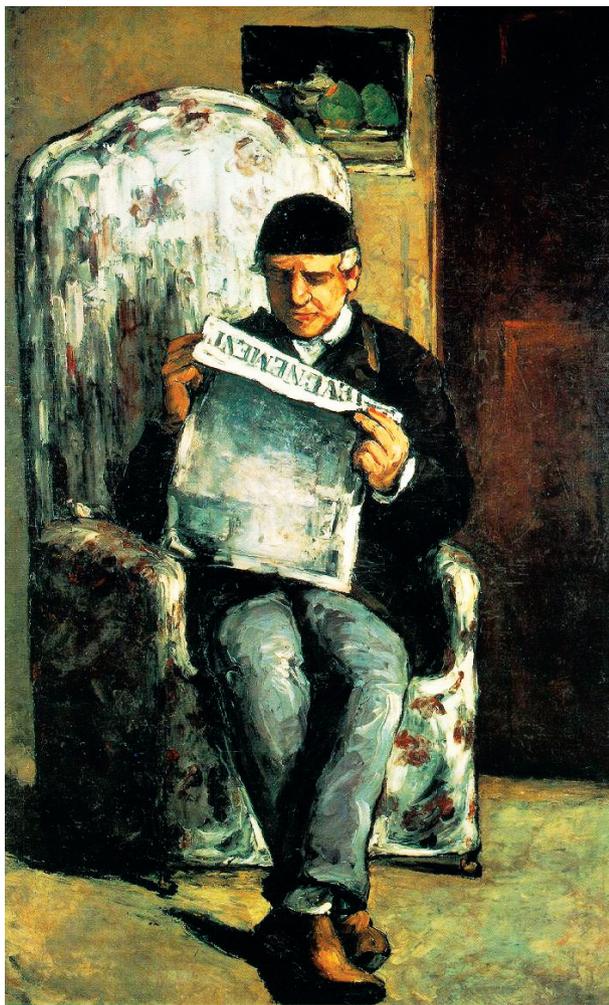
As razões que as levam a conceber um filho na miséria em que se encontram são óbvias: crack é droga psicoativa de uso compulsivo que destrói o caráter e subjuga o arbítrio. É um experimento macabro da natureza que reduz seres humanos à situação de animais de laboratório, condicionados a buscar a qualquer preço a recompensa que a cocaína lhes traz.

Quando o adolescente rouba a aliança de casamento da mãe viúva que pega três conduções para chegar ao trabalho, não é por falta de amor, mas pela necessidade. É a premência incoercível para sentir o baque da cocaína no cérebro, prazer intenso e fugaz como o orgasmo, que o leva a arruinar o futuro pessoal e a infernizar a vida dos familiares.

Como bem caracterizou um usuário: "Doutor, pense no desespero de correr para o banheiro no pior desarranjo intestinal. A compulsão do crack é cem vezes pior."

No caso das meninas dependentes, contingente que aumenta de forma assustadora, as consequências são mais trágicas. Muitas vezes iniciadas antes de chegar à adolescência, são elas as principais vítimas da crueldade das ruas para as quais foram arrastadas.

Às desprovidas de talento e coragem para furtar, assaltar ou pedir esmola, sobra o recurso derradeiro: vender o corpo. A preço vil, porque transitam num ambiente social formado por uma legião de desvalidos que perambula pelas cracolândias sem destino nem banho, para



The Artist's Father, Paul Cézanne (1839-1906).

quem sexo não é prazer que chegue aos pés do crack.

No meio desse refugio social, quando conseguem 20 reais por um programa é motivo de festa; caso contrário, aceitam dez, o bastante para uma pedra. Em dias de menos sorte cobram cinco por uma sessão de sexo oral, provação especialmente dolorosa quando os lábios estão queimados pelo cachimbo incandescente. Esse é o cenário de horror em que engravidam.

Sem que tenham consciência de seu estado, as primeiras semanas do desenvolvimento embrionário acontecem sob o impacto da cocaína. Quando descobrem a gravidez, a realidade dificilmente se altera.

No penitenciária feminina, atendi uma moça, que aos

13 anos deu à luz numa calçada da Rua Dino Bueno, anestesiada pela droga, sem entender que aquelas cólicas eram dores de parto.

Em São Paulo, a maioria das parturientes do crack são encaminhadas para o Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros, na zona leste, que procurou se adaptar para atender esse contingente que cresce a cada ano. Dez anos atrás, havia um ou dois partos de usuárias por ano, agora há pelo menos um por semana.

Como tratar dos bebês quando entram em crise de abstinência? Que destino dar a eles quando a mãe mora numa cracolândia?

Por lei, a maternidade é obrigada a entrar em contato com o Conselho Tutelar, que pode retirar o poder familiar da mãe, caso a considere incapaz de cuidar do filho. O recém-nascido vai para uma creche, enquanto a Justiça procura localizar alguém da família que se interesse em recebê-lo. Quando a tentativa falha, a criança é enviada para adoção.

Separar a mãe do filho é experiência traumática que costuma devolvê-la mais depressa para as ruas. Até a gravidez seguinte, durante a qual continuará a usar a droga. Elas assim o fazem não porque sejam mães desnaturadas, mas porque o crack é mais poderoso do que todas as vontades, mais forte até do que o instinto materno.

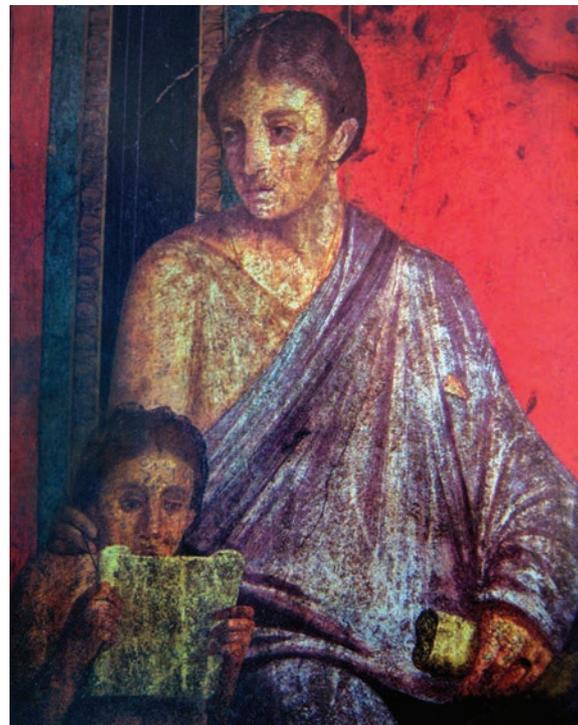
Exigir que sob o domínio do crack lhes sobre discernimento para a disciplina dos métodos contraceptivos, é arrogância dos ignorantes que desconhecem a ação farmacológica da cocaína; é tripudiar sobre a desgraça alheia.

Existem anticoncepcionais injetáveis administrados a cada três meses, ideais para esse tipo de situação. Como é insensato esperar que a usuária procure os serviços de saúde, não seria muito mais lógico levá-los até ela?

Antes que os defensores de ideologias medievais rotulem como eugênica essa solução, vamos deixar claro que não haveria necessidade de qualquer constrangimento, as dependentes aceitariam de bom grado a oferta do anticoncepcional.

Elas não concebem filhos com o intuito de viver os mistérios da maternidade.

Dr. Drauzio Varella (SP).



Menino lendo, [DETAHE], c. século I, Casa dos Mistérios, Pompeia, destruída pelo Vesúvio no ano 79 a.D. Afresco, Pompeia, Itália

Perdas

*Perdi a infância,
e parte de suas flores raras.*

*Perdi lances, times e filmes,
que não reconheço mais
como verdadeiros.*

*Perdi tendências ao alcance,
soltas na leveza da evaporação.*

*Perdi projetos, firmeza e fluência,
nos veios permeáveis do ser.*

*Perdi, e não senti, esperanças alheias,
erodidas ao correr do incerto.*

*Perdi, e senti, convicções possíveis,
percorridas em desafios impróprios.*

*Perdi, sobretudo, certezas e sonhos,
mas não perdi as dúvidas,
pêrolas do acaso.*

Fernando Faro (PR).

RENOVADA CHANCE

"A convivência nacional é realidade ativa e dinâmica, não é coexistência passiva e estática, como pedras no caminho."

Para muitos, o ano de 2014 é uma segunda chance para a vitória dos melhores do mundo diante da jubilosa plateia. Entretanto, poucos terão em conta o significado dos exatos 50 anos que se passaram, entre erros e acertos.

Esta curiosa tendência às minorias – para o bem ou para o mal – parece acompanhar-se da necessidade de exatidão e do vislumbre de uma renovada chance de aferição da perspectiva correta para entendimento do que acontece. Assim, tratar da realidade brasileira – ainda que no intento de ensaio ou resumo, mas sem aprofundar-se, por vários motivos, na complexidade do tema – pode instar o desinteresse por tal leitura e afastar o debate de ideias.

Muitos, daqueles poucos, selecionam temas e autores para dedicar seu tempo escasso, tomado por afazer importante ou não. Destes, alguns, melhoram assim sua chance de aguçar o conhecimento; outros, apenas optam pelo distanciamento do odor político. O acerto da primeira (des) motivação – o desencanto pelo novo – é quase inquestionável, mas o desinteresse por temas que podem ser da política é vício eticamente condenável na vida social.

O filósofo espanhol Ortega y Gasset encontra nesse distanciamento o motivo crucial para a crise europeia de século atrás, denominando-o de “ausência dos melhores na construção de um projeto para o amanhã”. Assim, a semelhança de nossa gente com a análise de Ortega pode aclarar nosso caminho, haja vista o que conhecemos do resultado europeu, inclusive de suas guerras e ditaduras posteriores à obra *España Invertebrada*, de 1922.

Devo esclarecer, busca-se aqui melhor compreender dois momentos de nossa época; não é analisar a política desse período. A meu juízo, um novo ciclo em nova circunstância, tanto em 2014 como então em 1964 – há exatos 50 anos – muda o rumo da trajetória nacional, sorrateira e costumeiramente chamada de país do futuro.

Não sendo a política o núcleo de interesse, não se

tenha por defesa ou crítica qualquer comentário que aqui se faça sobre os grupos atuantes em cada momento histórico. Se eu empresto o tema e reaproveito os conceitos, sigo também a estratégia de Ortega: *“No han de tomarse como actitudes de un combatiente. Intentan más bien expresar mansas contemplaciones del hecho nacional, dirigidas por una contemplación puramente teórica y, en consecuencia, inofensiva.”*

A TRAJETÓRIA

Em 1964: por um lado, a circunstância do auge da guerra-fria à busca da hegemonia geopolítica, principalmente na América Latina, a presença ativa das forças militares; de outro, um Brasil pobre e subdesenvolvido. Indústria nascente, trajetória de exportador de alimentos em produção de grande escala e êxodo da massa rural em direção às cidades. As consequências que agora conhecemos podem ser atribuídas ao despreparo das autoridades locais, à falta de lideranças e opinião pública consistente.

Em 2014: a circunstância de exaustão dos modelos de desenvolvimento americano-europeu à busca da conquista de novos mercados, principalmente na América Latina; a movimentação dos grandes capitais sem amarras; um Brasil emergente, indústria fragilizada; trajetória de fornecedor de insumos (minérios e muito mais), comprador de produtos e serviços em grande escala; êxodo dos que escapam da pobreza em direção ao mercado expandido.

O que queremos? O que queríamos no século passado? Qual é o plano?

Coincidência ou não, pairava então e paira agora um espectro de influência externa sobre nossa pachorrenta opinião pública. Essa paciência embotada parece causa e efeito da mídia de baixa qualidade, propagandista subliminar, afeita a jargão impensado. É a globalização!

Diante da violência, não reaja! Salve o planeta! Se beber um chope, não dirija!

Diante da circunstância do século passado, plantou-se a caça aos “comunistas” e inventou-se “ajuda” por intermédio da Aliança para o Progresso, confrontando a ação direta de grupos rebeldes diversos, isoladamente municidados desde o exterior. Na circunstância de agora, planta-se evento impulsionador do comércio, enorme aumento da circulação monetária, tipo copa do mundo de futebol, olimpíadas mundiais, Rio +20.

Em qualquer dos casos – de então e de agora – não são escolhas aleatórias nem sorteio festivo, muito menos fruto de candidatura autônoma construída pela política local. Vide o histórico dessas “escolhas”. Como sempre, é reconhecimento das condições locais que atendem ao interesse econômico iminente ou de traçado futuro. Vide as exigências de mudança de legislação interna; a imposição de procedimentos e marcas industriais; os apelos sociais, a transformação de antigas comunidades. O direcionamento de contrapartidas locais para o aporte de recursos externos, necessários para o crescimento do país e ao qual nenhum governante pode escapar.

Neste ponto, o rumo da trajetória é inexorável. Neste momento, mandam as circunstâncias de época e sua moralidade própria. Ainda que este rumo tenha sido pensado adrede, suas origens estão fora de alcance para o indivíduo comum.

Para muitos, a tentativa de entendimento desse processo ficará para sempre oscilante; resta a resignação ante a melhor das explicações possíveis: vontade divina.

Para poucos, Jânio tentou um golpe, mas condecorando Guevara com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, ficou no recado de forças ocultas. Arraes pregava caminho, mas apoiando as ligas camponesas de Julião denunciou-se pela solução rejeitada. Brizola tentava reação, mas, inventando outro partido político, pregava ao léu difusos interesses internacionais. Collor acenou renovação também de partido próprio, encenando desprezar o grupo dos “marajás”; atrapalhou-se no golpe das urnas e no financiamento espúrio.

Todos na jovial tentativa de impor suas próprias e parciais ideias.

ILUSÃO INTELECTUAL

Se o rumo da trajetória nacional é lançado sabe-se-lá-por-quem, o que então nos impede, agora, administrar o butim; assumirmos o comando da festa; defender nossos interesses; projetar o futuro que desejamos, definindo rumos com transparência? Salve Jorge!

Será fácil jogar a culpa em algo intangível, exógeno, seja para arregimentar inocentes úteis à causa particular, seja para omitir-se da ação ou fugir da participação política. Vindo de fora, ficamos livres da interior confissão, do *mea culpa* sincero, da contrição coletiva. Até dispensamos a reza, sempre necessária. Em compensação, cegados ao interesse nacional, aderimos às “nobres” causas de salvação de algo mais distante.

Na base da fraqueza de um povo, conceitua Ortega, estão duas causas fundamentais: uma, o estado de espírito dos grupos sociais denominado particularismo; e, outra, a consequente e desesperada tática utilizada nesse caso: a ação direta.

No particularismo, os grupos sociais que deveriam estar integrados como parte de um todo, passam a viver como um todo apartado. Na essência do particularismo, segundo o filósofo, cada grupo deixa de sentir-se a si mesmo como parte, e por consequência deixa de compartilhar os sentimentos dos demais. Não lhe importa a necessidade dos outros, não se solidariza nem os auxilia em suas esperanças. Por outro lado, desenvolve uma supersensibilidade para os próprios males. Parece intolerável qualquer dificuldade que, em tempos de coesão, seriam facilmente suportados.

Ortega adverte: não se trata, nem é desejável, coincidir os desejos e as ideias; o necessário e importante é que se conheça cada um deles, e em certo modo, se coloque no lugar do outro. Nem mesmo, necessariamente, se poderá exigir simpatia para com os demais. O problema é a ilusão intelectual de que os demais não existem com plena realidade social ou, quando menos, que não mereçam existir.

A segunda causa da fraqueza de um povo, Ortega

denomina ação direta. Decorrência inevitável do particularismo quando a alma dos grupos se desintegra da convivência nacional. O particularismo os torna obstinados em fazer adotar suas ideias próprias como interesse nacional. Às vezes por excessiva estimação de nós mesmo, outras por excessivo menosprezo ao próximo, somos tomados pelo sentimento enganoso de que somos independentes para querer e agir. Agrava-se esta ilusão quando temos a ilegítima ideia de que podemos agir em nome de outros, à parte de sua nação.

Segundo Ortega, a ação direta é tática daquele que se considera vitorioso, não a de um combatente. Para aquele, o que interessa não é a luta, mas tomar posse do poder público para sobrepor-se aos demais. Isto, a repetição da História parece nos ensinar nas últimas décadas – há exatos 50 anos – com incrível semelhança na situação descrita por Ortega: *“Cada día eston las cosas peor. Las masas de los distintos grupos sociales – un dia, la milícia; otro, la burguesia; otro, el proletariado – ensayan vanas panaceas de buen gobierno que en su simplicidad mental imaginaban poseer”* (destaques não são do original).

CONVERSAÇÃO, INSTRUMENTO SOCIALIZADOR

A convivência nacional é realidade ativa e dinâmica, não é coexistência passiva e estática, como pedras no caminho. Segundo aquele filósofo, a dificuldade exige a exatidão e a perspectiva correta quando é necessário persuadir, corrigir, reordenar. Ao contrário, traça-se uma linha mágica para tentar separar os bons e os maus. Neste sentido, o comentário de Ortega parece sob medida em nossa plaga:

“Pica, a la verdad en historia, la unanimidad con que todas las clases españolas ostentan su repugnancia hacia los políticos. Diríase que los políticos son los únicos españoles que no cumplen con su deber ni gozan de las cualidades para su menester imprescindibles. Diríase que nuestra aristocracia, nuestra Universidad, nuestra industria, nuestro Ejército, nuestra ingeniería, son gremios maravillosamente bien dotados y que encuentran siempre anuladas sus virtudes y ta-

lentos por la intervención fatal de los políticos. Si esto fuera verdad, ¿como se explica que España, pueblo de tan perfectos electores, se obstine en no sustituir a esos perversos elegidos?”

Esta hipocrisia – segue Ortega, sem isentar os políticos da inépcia social – demonstra incultura, falta de generosidade e ambições fantásticas, pois os políticos são fiel reflexo de nossos vícios. Esta repugnância aos políticos parece ser porque eles simbolizam a necessidade de que todas as classes devam contar com as demais. O político é a vitrine, a pele social, mas a enfermidade nacional é mais grave.

Para o filósofo Ortega y Gasset, nem mesmo o sintoma da imoralidade nem sinais de insegurança pública e falta de justiça é capaz de aniquilar um povo, pois, enquanto nos irritamos com isso, a realidade segue reproduzindo-se como ela é e não como pensamos que ela deveria ser. *“Sólo debe ser lo que puede ser, y solo puede ser lo que se mueve dentro de las condiciones de lo que es.”*

De fato, qualquer grupo pode desenhar uma organização social esquemática e desejável por todos. Mas esta tentativa de suplantiar o real pelo abstrato é característica, por genialidade, somente da infância. Assim, também não adianta normatizar melhoramentos éticos e jurídicos, pois tanto a sociedade como o homem possuem problemas que são estranhos à moral e à justiça.

Não será força nem poder, nem mesmo mecanismos de interesses que podem engendrar uma sociedade. Estas energias são geradas já dentro do círculo social, atestadas por conversação intensa, de irrestrita amplitude, com diferenças reais de opinião. Para Ortega, a conversação é o instrumento socializador por excelência. E assim, exige ação, empresa, projeto, para dar estrutura e coesão ao coletivo. Mas para intentar uma trajetória mais precisa, ainda segundo Ortega, será necessária a participação da minoria excelente.

É com liberdade plena que a vigilância intelectual de indivíduos íntegros pode fazer transformar, com graça persuasiva e astúcia cordial, as circunstâncias criadoras da realidade. Como disse Ortega em *Meditaciones del Quijote*: *“Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo”*.

Denis Santos-Rosa (PR).

OS NEOLOGISMOS DUCA DO PASQUIM

“Ao colocar a criatividade a serviço da molecagem, o jornal enriqueceu o vernáculo tupiniquim.”

O Pasquim completaria ano que vem 45 anos e as novas gerações devem àquele jornaleco contestatário muito dos usos e costumes que hoje se tornaram, digamos assim, normais no cotidiano dessa segunda década do século XXI.

Infelizmente, muito da iconoclastia do Pasquim, que marcou os anos 1960 e 1970 (a ponto de desafiar o regime de exceção vigente, levando para a prisão, vezes incontáveis, seus editores e colaboradores), estaria hoje condenada pelo incorreto “politicamente correto” que assola o País.

Quem aceitaria agora, sem botar a boca no trombone, a Bicha do Pasquim, o hilário personagem criado por Edélio Tavares, heterônimo do saudoso Ivan Lessa? Ou não reclamaria do nome da editora de livros do jornal, a Codecri – Comitê de Defesa do Criolêu, invenção de Henfil? Top, top pra quem não gosta disso.

Já escrevi, saudoso, sobre o querido Pasca, mas nunca é demais repetir o panegírico. Muitos de seus colaboradores talvez se deem conta de que a grande herança pasquímica foi o enriquecimento do vernáculo, a criação e popularização de expressões que entraram para a nossa língua luso-afro-indígena.

Ultimamente, a escrita semicifrada dos jovens internautas ou ciberlinguistas – cuja base não foge dos signos telegráficos – tem virado papo obrigatório nos torpedos, blogs, sites e redes sociais. Claro que expressões próprias são inerentes às tribos, principalmente as urbanas. Entretanto, a criatividade ou simples molecagem da patota do atrevido Pasquim criou neologismos duca. Um discurso quase pornô (que teve como seu abre-alas a famosa entrevista de Leila Diniz e seus asteriscos), cujo vocabulário foi imediatamente adotado pelos leitores, inclusive como forma de protesto.

Cheguei até a escrever, há tempos, que o genial nisso tudo foi que os vocábulos e expressões, agora corriqueiros, sugeriam, mas não diziam a coisa (Epa!), embora carregassem a força sonora da palavra por vezes chula, vulgar, de



baixo calão ou como quisessem classificar o impublicável (Opa!).

Putzgrila! é uma delas, das poucas cuja intenção não ruboriza o vernáculo, a exemplo de um “puxa vida!” Os Fradinhos do Henfil adoravam um putzgrila. Mas, num degrau acima da estupefação ou indignação nasceu o pô, que, a exemplo da palavra mater, há muito virou vírgula.

Pô, e o paca? Uma abreviação do ingênuo “pra chuchu”. Já o supracitado duca – cujo referente contemporâneo é caraca! – vem daquele palavrão cabeludo. Uma coisa duca é mais que demais. Quiuspa? Um verdadeiro desabafo para uma sacanagem de qualquer natureza, inclusive uma topada, que, à época, resultou na comportadinha safanagem, pois sacanagem a Censura riscava, certamente por pura sacanagem.

Negóseguin: se o saco estava cheio, era a glória mandar o interlocutor ir se roçar nas ostras e que de preferência voltasse cheio de arranhões. Porrалouquice e porralouca eram coisas de desbundado, aquele cara meio doidão, ou, dependendo da conjuntura, deslumbrado. Desbunde, o estado de chapamento do outro, virou elogio se dirigido a mulheres, manifestações artísticas, paisagem e festas. Todo desbundado (cabelos compridos, barba, camisa da Casa Pátria, japona azul-marinho, carregava uma bolsa a tiracolo, combinando com sandálias de couro cru e malcheirosas), gostava de dar um bom tapa. Tremendo barato, bicho!

Entubar uma brachola/Agasalhar um cro-

quete (duas das muitas “incoerentíssimas” contribuições de Ivan Lessa) serviam para se engolir um sapo da espécie dendrobata, ou mandar o companheiro escafeder-se. Mas sugeria, ainda, que a criatura em foco, se do sexo masculino, sentava. Aliás, a palavra bicha, hoje infantilizada, e derrotada pelo comportado homorótico gay, foi popularizada pelo Pasca. E sifu quem não gostasse. Essa foi uma das neoexpressões de maior aceitação nacional na época, com suas variantes

pronominais a saber: mifu, tifu, nosfu. Ou o popular e coletivo tamosfu, pois se estava mesmo.

Veio um dia e Henfil me disse: “Não adianta o Jaguar ficar insistindo, não há mais espaço pro Pasquim, ele já cumpriu o seu papel”. É que, naquele santo dia, a palavra merda aparecia tranquilamente, pela primeira vez, num texto do Segundo Caderno do Globo. Era mesmo o fim.

Carlos Leonam (RJ).
Colunista de Carta Capital.



Reading Rabelais, Jean Georges Vibert (1840-1902).

ENTRE NO FLUXO, APRENDA A PENSAR DEVAGAR

"O trabalho criativo, quando tocado com mais calma e suavidade, produz um gostoso e sereno fluxo de energia e concentração."

Nos últimos tempos, talvez por causa do ritmo

alucinado com que estamos levando a vida, têm surgido movimentos que fazem apologia de se levar uma vida mais devagar. Assim nasceram os *slow food*, *slow arte*, *slow money* e outras dezenas de especificações do gênero. No meio de tudo isso, desponta o "pense devagar" já com alguns livros abordando o assunto e tratado como se isso fosse a maior novidade. O filósofo romano Sêneca há dois mil anos já dizia: "Nada é ordenado quando feito precipitadamente".

Por força profissional, sou obrigado a pensar rápido e a maior parte das minhas sugestões a clientes nascem de trabalhos a ritmo de "para ontem". A prática me ensinou a gerar ideias a compasso industrial e, garanto, são sempre boas e ótimas soluções. Porém, nos últimos anos, talvez por causa da idade, tenho preferido me deter mais sobre os trabalhos que executo e, aos poucos, estou aprendendo a pensar de forma mais vagarosa. Isto tem me proporcionado um prazer que eu não sentia antes, o de acompanhar com calma o nascimento e o desenvolvimento das ideias. Voltando aos filósofos romanos, estou em ritmo de *festina lente*, isto é "apressar-se devagar". O imperador Augusto, que ficou mais de 50 anos no poder, costumava advertir os seus comandantes mais impetuosos com esta citação, a sua preferida.

Apreendi que o trabalho criativo, quando tocado com mais calma e suavidade, produz um gostoso e sereno fluxo de energia e concentração. Desse modo, quase não sinto o tempo passar e a minha produção torna-se mais rica, eficiente e com menos desgaste. Trabalhar com afobação quase sempre significa deixar a obra inacabada. Uma viagem é melhor e menos cansativa quando estabelecemos um ritmo constante, sem pressa.

Este estado de atenção sem esforço, fruto do pensar devagar, tem merecido atenção de pesquisadores e psi-

cólogos. Eles nos dizem que ao entrar em tal forma de trabalho, em vez de gastarmos parte da nossa energia tentando nos manter concentrados e livres de distrações, canalizamos esses recursos para a tarefa em si.

Os atores do *Circ de Soleil* têm como regra primordial considerar o tempo do preparo da maquiagem sagrado. Monta-se a base e as pinturas corporais em ritmo lento, com muita calma, com todo o tempo do mundo à disposição. Fazendo assim eles preparam seus espíritos e corpos para o que vem em seguida: um show alucinante capaz de arrebatado entusiasmo das plateias.

Há muito tempo entrevistamos para a revista Bame-rindus o músico Dorival Caymmi – ele, que tinha fama de ser preguiçoso, nos disse: "Eu sou é janeleiro, gosto de ficar na janela observando a vida passar. É deste estado de contemplação e introspecção que nascem as minhas composições, levo tudo com muita calma." – Ao analisar suas composições constatamos que em 70 anos de vida profissional ele só compôs trabalhos excelentes – clássicos, como: *O que é que a baiana tem*, *João Valentão*, *É doce morrer no mar*, *Eu vou prá Maracangalha*, *O mar*, *Dora* etc. Ele nunca pensou rápido, sempre muito devagar.

Treinados desde cedo na pressa do *fast food*, na rapidez da banda larga, nas imagens alucinantes do vídeoclipe, dos jogos eletrônicos e na superficialidade das mensagens da web, estamos nos desacostumando a fazer nossos trabalhos em ritmo mais lento e compassado. Resultado: estresse, doenças, acidentes e trabalhos superficiais.

Longe de querer um mundo dominado pela pasma-ceira, lassidão e preguiça, mas temos que aprender a controlar o nosso ritmo de pensar, quando precisar acelerar, aceleramos, quando precisar puxar o freio de mão, puxamos o freio de mão.

Eloi Zanetti (PR).

STOP DSM!

"Desde que foi publicado pela primeira vez sucederam-se revisões do DSM, gradualmente incluindo mais e mais condições clínicas sob o rótulo de 'desordem mental'."

DSM, como todos sabem, é a sigla pela qual se conhece o Manual de Diagnóstico e Estatística das Desordens Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) publicado pela Associação Americana de Psiquiatria. Trata-se de um poderoso instrumento, usado nos Estados Unidos e, em diversos graus, em outras partes do mundo, por clínicos, pesquisadores, agências reguladoras de medicação psiquiátrica, seguradoras, indústrias farmacêuticas e dirigentes de políticas de saúde. Atrai aplausos e críticas que o cercam de controvérsia.

Desde que foi publicado pela primeira vez sucederam-se revisões do DSM, gradualmente incluindo mais e mais condições clínicas sob o rótulo de “desordem mental”: DSM-I (1952), DMS-II (1968), DSM-III (1980), DSM-III-R (1987), DSM-IV (1994) e DSM-IV-TR (2000). Agora, maio de 2013, é lançada uma nova – e profundamente polêmica – versão.

O DSM é um sistema de classificação por categorias que funcionam como protótipos: um paciente cujo quadro de sintomas e sinais se aproxima de um determinado protótipo é dito portador daquela respectiva desordem. Cada desordem recebe uma codificação, que se pretende coincidente com um código do Código Internacional de Doenças – CID. Para quase metade das desordens listadas, os sintomas devem se apresentar com intensidade suficiente para causar dificuldades ou impedimentos funcionais na vida do paciente.

Os vários diagnósticos psiquiátricos acham-se organizados em cinco eixos, ou dimensões:

- Eixo I: Desordens clínicas, incluindo-se as chamadas desordens mentais maiores, as desordens do aprendizado e as desordens de uso de substâncias.

- Eixo II: Desordens da Personalidade e Desordens Intelectuais.

- Eixo III: Condições Médicas Agudas e Desordens Físicas.
- Eixo IV: Fatores Ambientais e Psicossociais que Contribuem com as Desordens.

- Eixo V: Abordagem Global do Funcionamento ou Escala de Abordagem Global de Crianças, para crianças e adolescentes com menos de 18 anos.

O DSM-IV-TR advertia – não sei se a advertência foi conservada na versão número V – que seu uso por pessoas sem o conveniente treinamento clínico pode levar à aplicação inapropriada de seu conteúdo. Reconhecia que o “uso apropriado” de critérios diagnósticos exige extenso e intenso treinamento clínico.

A Associação Americana de Psiquiatria (APA), por seu lado, faz notar que os rótulos diagnósticos prestam-se, exclusivamente, à comunicação entre profissionais. Adverte os leigos para que não usem o DSM para se fazerem diagnósticos e para que procurem ajuda profissional caso se encontrem em dificuldade. Acrescenta que um determinado diagnóstico ou rótulo pode ter diferentes causas e requerer diferentes tratamentos, reconhecendo que o DSM não contém informação relativa aos tratamentos ou às causas. Enfatiza que o DSM representa um extenso inventário de condições psiquiátricas e temas de Psicologia, mas não se presta como critério único para o que se pode considerar “doença”.

Tal advertência tem a sua dignidade. No entanto, ela dá margem, de imediato, a algumas perguntas instigantes:

1. Que treinamento clínico precisa alguém para aplicar um protocolo que tão somente contabiliza sintomas? A própria APA reconhece que até os leigos podem fazê-lo, tornando-se, então, necessário adverti-los para que não o façam. O que não impede a imprensa leiga de fazer uso das listas de sintomas para sugerir aos seus leitores que se autodiagnostiquem e que procurem o

tratamento, invariavelmente anunciado, de modo sensacionalista, como disponível e miraculoso. Curiosamente, o milagre propagado é sempre um medicamento, que desobriga aquele potencial doente de se implicar no seu próprio sofrimento e na sua eventual cura.

2. Como assim a relação de diagnósticos “presta-se tão somente à comunicação entre os profissionais”? De onde vem esta ressonância de que, para se comunicarem a respeito de seus pacientes, os profissionais podem relaxar o rigor do diagnóstico – assentado em bases clínicas, sustentadas por uma história colhida em detalhes? Com que direito os profissionais de saúde poderiam, para falar de seus pacientes, minimizar a complexidade extraordinária e singular do sofrimento mental?

De qualquer modo, não deve ser por acaso que o manual faz constar tais advertências: ele próprio está advertido da polêmica que o cerca. A nova revisão do DSM – o DSM-V – antecedeu-se de um verdadeiro levante de críticas, mobilizando pessoas e instituições em vários pontos do mundo. Pelo menos três manifestos vieram a público – em Barcelona, Buenos Aires e São João del Rei – fazendo objeções relevantes ao uso do DSM como critério único para o diagnóstico em saúde mental, no que ecoam parte da advertência da APA.

Independentemente de tais manifestos, de que falaremos a seguir, o DSM sempre esteve longe de ser uma unanimidade, sendo o questionamento da VALIDADE e CONFIABILIDADE de seus diagnósticos a mais fundamental crítica científica que lhe é endereçada. Grosseiramente, a questão se refere a saber se as desordens que o manual relaciona definem condições reais, apresentadas por pessoas do mundo real – e se tais condições podem ser consistentemente identificadas por seus critérios.

Críticos como o Psiquiatra Niall McLaren discutem sua VALIDADE, porque a classificação não guarda qualquer relação com um modelo científico consensual das desordens mentais – o que destitui de cientificidade as decisões tomadas com base em suas categorias; discutem sua CONFIABILIDADE, porque diferentes diagnósticos partilham muitos critérios, e o que parece um

critério diferente frequentemente não passa de uma renomeação da mesma ideia – significando que a decisão de se selecionar um diagnóstico ou outro fica, de certo modo, no terreno do preconceito pessoal.

Por definição, o DSM preocupa-se com sinais e sintomas das desordens mentais, recusando qualquer atenção às causas subjacentes. Entretanto, é preciso reconhecer que a falta de uma arquitetura causal ou explicativa não é privilégio do DSM, refletindo a falta generalizada de um entendimento fisiopatológico e etiológico das desordens psiquiátricas. Neste sentido, o DSM pode até consagrar uma ignorância (o que não é pequena responsabilidade) – mas não pode ser acusado de causá-la (embora colabore para sua perpetuação).

O DSM, ao obliterar a falta de um saber clínico, de natureza etiológica e fisiopatológica, contribui para que se paralise os esforços de investigação e sistematização de um saber sobre o Real em jogo na clínica psiquiátrica. No conforto de sua categorização, acomoda-se a ignorância quanto à causa do sofrimento mental. E a abordagem que recusa a causa enquanto implicada na complexidade da experiência sociocultural humana, também não a encontra no plano biológico e organicista, pois encontrar uma droga que anestesia os sintomas nada prova quanto à construção de um saber sobre o sofrimento humano.

OS MANIFESTOS

Os manifestos que se fizeram ouvir, além de referendar tais críticas, apontam ao fato de que a aplicação do DSM estaria produzindo efetivos prejuízos aos pacientes, não apenas lhes oferecendo uma falsa segurança quanto à cientificidade do diagnóstico, como também lhes criando o estigma de um rótulo, com todas as consequências que daí advêm. Por último, mas talvez o mais importante: um diagnóstico médico, com o consequente tratamento medicamentoso, acaba impedindo uma possível busca etiológica que poderia resultar em uma verdadeira cura: uma nova posição do sujeito, diante de sua própria vida, compatível com o amor e o trabalho.

O MANIFESTO DE BARCELONA (14 de abril de 2011)

"O DSM sempre esteve longe de ser uma unanimidade, sendo o questionamento da validade e confiabilidade de seus diagnósticos a mais fundamental crítica científica que lhe é endereçada".

declarou-se "a favor de uma psicopatologia clínica e não somente estatística". Chamou a "compartilhar, debater e consensar o conhecimento clínico (LOGIA) sobre o PATHOS psíquico – padecimento sintomático, e não doença – a fim de questionar a existência de uma saúde psíquica, estatística e normativa". Chamou a classificação que nomeia o sofrimento psíquico com os termos "desordem", "transtorno" e "doença mental", de "impostura clínica e intelectual" e denunciou "a imposição de terapias tipificadas para transtornos formatados, pelo menosprezo que supõe às diferentes teorias e estratégias terapêuticas".

O MANIFESTO DE BUENOS AIRES (17 de maio de 2011) intitulou-se "Por uma abordagem subjetivante do sofrimento psíquico em crianças e adolescentes: não! ao DSM." Este manifesto centraliza-se na patologização da infância e da adolescência, denunciando "uma clínica que não leva em conta a história, nem os fatores desencadeantes, nem o que subjaz a um comportamento, obliterando as possibilidades de se pensar e interrogar sobre o que ocorre a um ser humano – o que atenta contra o direito à saúde porque, quando se confundem signos com patologias, dificulta-se a realização do tratamento adequado para cada paciente".

O Manifesto de Buenos Aires é particularmente contundente ao chamar a atenção para o fato de que uma clínica apoiada em rótulos que se convertem em sentenças, pode produzir – e freqüentemente produz – efeitos devastadores. Isto porque tais sentenças são aplicadas a seres humanos que, na infância e na adolescência, "são sujeitos em crescimento, em processo de mudança e de transformação, que estão armando sua história em um momento particular, com progressões e regressões. Por conseguinte, nenhuma criança ou adolescente pode ser "etiquetado" como alguém que vai padecer uma patologia pelo resto da vida".

O MANIFESTO DE SÃO JOÃO DEL-REY (2 de agosto de 2011) foi o mais abrangente dos três, pronunciando-

se "em prol de uma psicopatologia clínica". Analisa o impacto produzido pelo DSM desde a perspectiva de quatro grandes eixos: a Ciência; a Formação de Profissionais e o Ensino da Psicopatologia; a Clínica e a Estatística; e a Política e a Economia. No eixo científico, o manifesto brasileiro critica a postura dita "ateórica" do DSM, lembrando que uma teoria é sempre um esforço de apreender a inteligibilidade do Real.

Este manifesto defende uma psicopatologia que:

- tenha por referência maior o sujeito e seus modos singulares de se haver com o sintoma e com o mundo que o cerca;
- se situe inteiramente na clínica, pois este é seu método por excelência;
- conheça sua história, suas correntes, suas controvérsias e suas diferenças sócio-históricas.
- por consequência, possibilite um ensino crítico e uma formação verdadeira de profissionais aptos a lidar com o sofrimento psíquico;
- não esteja submetida aos lucros da indústria farmacêutica, mas que tenha por política a "economia" subjetiva do sintoma;
- não esteja amparada em um ideal imaginário de ciência, mas em uma ciência moderna, cuja matemática inclui um esforço de demonstração de impossibilidades lógicas, antes que a afirmação de sistemas totais fechados;
- não promova a patologização da existência, a ilusão da prevenção e a padronização dos sujeitos.

NORMALIDADE E PATOLOGIA

Os manifestos faziam parte de uma proposta ampla de debate do tema, com intenções de formatar um documento e um rol de assinaturas a ser encaminhado à Organização Mundial de Saúde, fazendo constar a presença de uma voz de discordância radical ao encaminhamento dado à Psicopatologia no mundo contemporâneo. A publicação

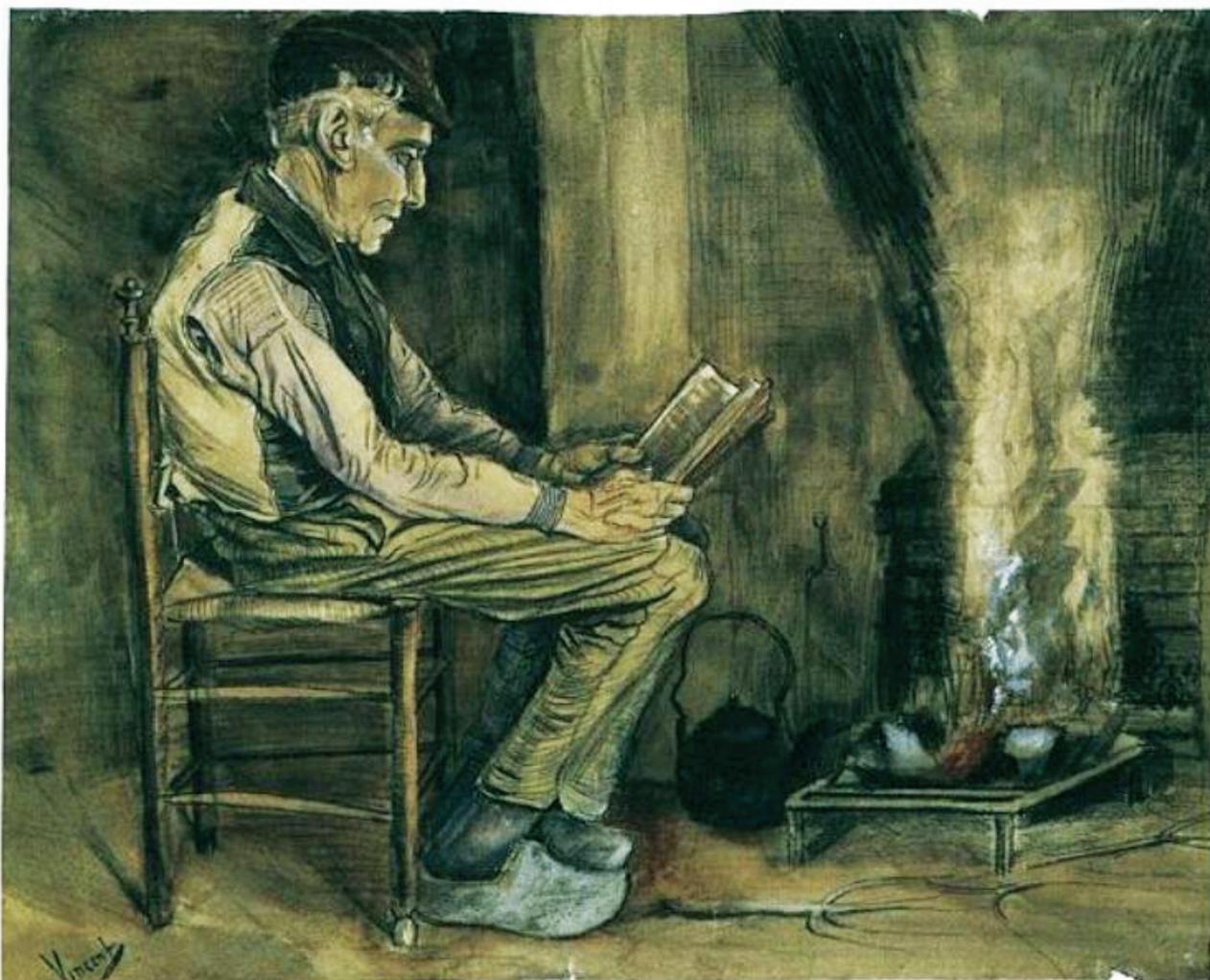
do DSM-V não põe uma pá de cal sobre o debate proposto – ao contrário, torna-o mais vivo e necessário do que nunca. Uma voz poderosa que se pronuncia na mesma linha dos manifestos vem da maior organização de pesquisa em saúde mental do mundo, o *National Institute of Mental Health* (Instituto Nacional de Saúde Mental, ou NIMH, na sigla em inglês), ligado ao governo americano.

O diretor do NIMH, Thomas Insel, anunciou que o instituto está “reorientando suas pesquisas” e se distanciando das categorias do DSM. “A fraqueza (do DSM) é sua falta de fundamentação. Seus diagnósticos são baseados no consenso sobre grupos de sintomas clínicos, não em qualquer avaliação objetiva em laboratório. Os pacientes com doenças mentais merecem algo melhor” – disse Insel, ao mencionar o Projeto de Pesquisa em Domínio de Critérios (Research Domain Criteria, ou RDoC, na sigla em inglês), em que o NIMH pretende desenvolver um sistema de

classificação de doenças mentais mais preciso, que inclua genética, ciência cognitiva “e outros níveis de informação”.

Para todos nós – como profissionais de saúde ou como simples membros da comunidade humana – resta, no mínimo, uma questão de fundamento filosófico quanto a distância que separa a normalidade da patologia. Esta questão vem tornar atual a tese de doutorado em Medicina que Georges Canguilhem publicou na França, há exatos 70 anos. Sua leitura não é fácil. Fundamental, entretanto. Um tema que rende uma tese, que acaba por inscrever este médico no elenco dos fundadores da Epistemologia contemporânea, não deve ser de tão fácil apreensão quanto nos indica, confortavelmente, o senso comum. Um entendimento mais profundo da dobradiça que articula o normal e o patológico talvez desse maior responsabilidade àqueles que se pretendem normatizar – e normalizar – a vida humana.

Dra. Vera Lúcia de Oliveira e Silva (PR).



Homem lendo, Vincent van Gogh (1853-1890).

O QUE É O VIGORÓN?

Será uma nova vitamina? Será um medicamento geriátrico? Ou um novo tratamento para impotência?

Nada disso! É uma comida típica da Nicarágua. Pelo que se tem notícia, foi criada por volta de 1914 em uma cidade colonial nicaraguense, às margens de um belo lago. Segundo a história de sua criação, seu nome veio justamente de um pôster de propaganda de um tônico medicinal, inspirando sua inventora, a Sra. Maria Luisa Cisneros Lacayo.

Fui apresentado a este prato por um colega médico nicaraguense, um dos melhores cirurgiões que já conheci e excelente cozinheiro. Também se disse grande pescador!

Enfim, quando meu amigo Gerardo Cristino Gavarrette Valladares o descreveu, imediatamente minha boca salivou torrencialmente e eu disse: me dê esta receita para colocar no **IÁTRICO!** Trata-se de uma salada refrescante baseada em repolho e mandioca, temperada com muito suco de limão e finalizada por torresmo (*chicharrones*, em espanhol) para dar crocância.

Na Nicarágua é uma comida de rua, geralmente acondicionada em folhas de bananeira para ser consumida, sem necessidade de uso de talheres.

Buen Provecho!!!



Ingredientes

- 2 kg de torresmo
- 2 kg de mandioca
- 1 cabeça de alho
- Sal e orégano a gosto
- 3 maços de coentro fresco
- 1,5 kg de tomates maduros
- 250 g de cebola
- 1 pimenta vermelha tipo dedo de moça
- Suco de 15 limões
- 5 limões para fatias
- Cominho a gosto
- 1 colher de sopa de açúcar
- 2 kg de repolho

Modo de fazer

- 1 - Descasque as mandiocas e corte em pedaços de 2,5 cm;
- 2 - Coloque-as em uma panela e cubra com água até 2,5 cm acima dos pedaços de mandioca;
- 3 - Cozinhe a mandioca e, quando estiver começando a amolecer, adicione a cabeça de alho, sal e orégano;
- 4 - Quando estiver cozida, drene a água e deixe esfriar;
- 5 - Esprema os 15 limões, adicione o açúcar e reserve o suco;
- 6 - Pique o coentro, o tomate, a cebola e a pimenta vermelha em pedaços pequenos;
- 7 - Coloque-os em uma vasilha funda e misture;
- 8 - Adicione o suco de limão à vasilha;
- 9 - Adicione sal, pimenta e cominho a gosto (cuidado com o cominho!);
- 10 - Corte finamente o repolho;
- 11 - Fatie os limões restantes;
- 12 - Monte os pratos individuais colocando em sequência o repolho, três pedaços de mandioca, dois pedaços de torresmo e quatro colheres da mistura de vegetais da marinada; e
- 13 - Sirva com fatias de limão para que cada um tempere a seu gosto.

Dicas:

- 1 - O torresmo pode ser grosseiramente picado e aquecido, sendo então espalhado sobre a salada;
- 2 - Ao invés de um prato, faça como na Nicarágua e monte a salada em uma folha de bananeira levemente fervida ou passada por segundos no micro-ondas para amolecer;
- 3 - Esta receita serve umas 15 pessoas;
- 4 - Ao invés de usar somente suco de limão, use parte de limão e parte de vinagre.

COZINHANDO PARA UMA BELA MULHER

Talharim com camarão. Um jantar para Dominique. Com direito a carinho e um bom vinho. Sentada no balcão, posicionado bem próximo ao fogão, ela acompanhou o ritual.

Panela com água ao fogo, comecei a lavar os camarões, que já vieram descascados e limpos. Coloquei-os em uma vasilha e os reservei. Tirei as cascas e as sementes dos tomates e cortei-os em pequenos cubos; descasquei alguns dentes de alho. Cortei-os, minimamente, e fiz o mesmo com meia cebola roxa pequena. Lavei algumas folhas de manjerição. Coloquei uma frigideira ao fogo e, nela, um pouco de azeite de oliva. Um a um, sequencialmente, despejei o alho, a cebola, os camarões e uma pitada de sal e pimenta. Em seguida, coloquei os cubos de tomates, uma colher de manteiga, as folhas de manjerição e ainda flambei tudo com cachaça. A água da panela já borbulhava em fervura. Assim, acrescentei um fio de azeite, uma pequena medida de manteiga, sal grosso e a massa. Desliguei a chama que aquecia a frigideira. A massa estava *al dente*; escoei-a. Reacendi a chama da frigideira e misturei a massa ao molho de camarão. Pronto, decorei nossos pratos com cebolinha verde e açafrão. Servimo-nos e nos deliciamos. Uma iguaria somente servida para Dominique. Com direito a brindar de novo com o bom vinho.

Luiz Arthur Montes Ribeiro (PR).

Boas receitas merecem ser compartilhadas. Revele seus segredos culinários e envie para o IÁTRICO a fórmula de sucesso dos seus pratos, junto com alguma história ou curiosidade sobre ele. Só não vale história de pescador!



TALHARIM COM CAMARÃO

Ingredientes:

- 400g de massa talharim/grano duro
- 4 tomates médios (sem pele e sementes) cortados em cubos pequenos;
- 1/2 cebola roxa pequena
- 4 dentes de alho cortados minimamente
- 50g de manteiga sem sal
- 400g de camarão limpo
- 1 ramo de manjerição fresco
- azeite de oliva, sal e pimenta a gosto
- 1 pitada de sal grosso
- 1/2 dose de cachaça
- 1/2 maço de cebolinha verde
- 1 pitada de açafrão.

DE ALGO QUE “NÃO ANDA” NA MEDICINA

O livro cuja resenha aqui apresento – *El dolor y los lenguajes del cuerpo* (Grama Ediciones, 2009) – resulta de uma investigação realizada pelo Dr. Santiago Castellanos de Marcos, médico e psicanalista, para a obtenção de seu *Diploma de Estudios Avanzados*. O objeto de seu estudo é a enfermidade denominada FIBROMIALGIA, classificada pela OMS com o número M79.0 (CID10).

Vindo de uma experiência de anos em que trabalhou administrando cuidados paliativos no tratamento da dor de causa orgânica, nas situações limites da vida, constatou, na prática clínica, que “na experiência do tratamento da dor sempre há algo que escapa à lógica da eficácia do fármaco ou da gravidade do dano orgânico – e qualquer médico com experiência sabe que a subjetividade opera de forma decisiva”.

Esta participação decisiva da subjetividade na determinação da magnitude do fenômeno doloroso foi reconhecida pelo *Committee on Taxonomy of the International Association for the Study of Pain (IASP)* quando, em 1979, estabeleceu a definição de dor mais aceita até o momento: “A dor é uma experiência sensorial e emocional desagradável, associada a um lesão real ou potencial, ou descrita – por quem a experimenta – em termos de dita lesão”. Tal definição vem ratificar concepções anteriores de que “dor é tudo aquilo que o paciente afirma que o é ou dor é o que a pessoa que a experimenta nos refere, no momento e no lugar em que a sente, com a intensidade que diz que a tem”. Ou seja: o conceito vigente de dor entrega a quem a sofre a soberania para dizer de sua realidade e de sua magnitude.

Com este enfoque e com a visão freudiana de que há uma articulação entre o psíquico e o somático, numa dobradiça denominada pulsão, desde onde o fenômeno doloroso se apresenta como experiência subjetiva, o Dr. Castellanos atendeu numerosos casos de fibromialgia, tanto no sistema de saúde público como na clínica privada. Ao cabo de cinco anos de experiência clínica, vem relatar, neste livro, seus resultados. É bom que se esclareça que sua decisão de se ocupar destes pacientes surgiu da constatação da incidência epidêmica da doença no Centro de Saúde onde traba-

lhava. O Serviço de Reumatologia do hospital de referência do mesmo centro coibira o encaminhamento de portadores deste diagnóstico, pois seu número estava colapsando as consultas dos especialistas.

Diante deste quadro ele se perguntou se seria possível um tratamento da fibromialgia, com a orientação da Psicanálise, pela palavra, e propôs que lhe fossem encaminhados os portadores deste diagnóstico. Seu projeto de investigação e tratamento foi aceito por toda a equipe do Centro de Saúde.

O objetivo do projeto era duplo: investigar o sintoma fundamental da fibromialgia – a dor – e verificar a possibilidade de um tratamento clínico eficaz, desde a psicanálise de orientação lacaniana. Na abordagem dos pacientes, seu primeiro trabalho era sempre desmanchar a identificação do paciente com o diagnóstico fibromialgia – que anula a particularidade do sujeito que padece a dor e lhe atribui uma causa-padrão, emprestada desde o dicionário médico, e que nada diz da causa própria do fenômeno doloroso naquele paciente em particular. Era desde a dor – como realidade destituída de causalidade orgânica – que ele podia tentar instituir uma questão sobre sua causa. Com este passo ele convida o paciente a “sair do discurso médico e entrar no discurso analítico, para que se pudesse realizar um tratamento com as ferramentas da Psicanálise”.

Este divórcio declarado entre os discursos médico e analítico, necessário ao tratamento, desde a perspectiva técnica, não perturbava a aliança terapêutica com a Medicina, “dado o grau de afetação corporal que a mesma – a fibromialgia – produz nos pacientes e, em ocasiões, dada a utilização de determinados fármacos que têm efeitos claramente benéficos” – para o alívio dos sintomas, diga-se, sem tocar a causa e sem visar uma cura.

O autor cobre o seguinte programa, sempre ilustrando suas afirmações conceituais com os casos clínicos atendidos:

O capítulo 1 aborda o porquê de a Medicina se encon-



trar em um impasse no que diz respeito à compreensão do padecimento da fibromialgia: “a consideração do corpo como uma soma de órgãos e aparelhos, cujo funcionamento pode ser explicado através do modelo das máquinas, impede que, naquelas patologias somáticas em que está implicada a subjetividade, como é o caso da fibromialgia, a Medicina possa responder com um tratamento eficaz.”

O capítulo 2 expõe o caso de Isabel de R., publicado por Freud em 1895, no qual são identificáveis as coordenadas clínicas do que hoje se diagnostica como fibromialgia – com o testemunho da cura efetivada através do tratamento psíquico: um tratamento desde o psíquico, através da palavra, a partir daquilo que Isabel tinha a dizer sobre o seu sofrimento. A partir do caso clínico, desenvolve-se a teoria da causalidade em Freud e seus aportes conceituais em relação à dor. Para ele, e os praticantes da Psicanálise puderam agregar seu testemunho ao longo de um século de exercício clínico, a dor corporal que não está ligada a uma lesão orgânica é sempre um testemunho de uma dor pretérita, que não passa. Mais adiante na investigação freudiana, um poderoso obstáculo ao tratamento seria descoberto: um quantum de satisfação agregado a este sofrimento, revelando-se a dor desta natureza como uma forma enigmática de gozo – um modo de obter uma satisfação que não pode ser vivida como tal e que se apresenta como fenômeno doloroso.

O capítulo 3 aborda, de forma esquemática, a concepção de corpo em Lacan, em diferentes momentos de seu ensino, concebido o sintoma analítico como um acontecimento do corpo, entendido como um organismo marcado pela palavra. Se à Psicanálise só se pudesse atribuir uma única descoberta absolutamente original, ela seria esta: o discurso com que é recebido cada novo ser humano neste

mundo decide o modo como perceberá e viverá o funcionamento de seu organismo, bem como sua aptidão para fazer sintoma. Lacan levará a descoberta do estatuto do sofrimento como vivência de satisfação a seu acabamento máximo.

O capítulo 4 aborda a fibromialgia como fenômeno de caráter transclínico, incidente em diferentes estruturas clínicas (não só na neurose, mas também na psicose), desmistificando a concepção de que se trata de uma nova apresentação da histeria: a fibromialgia aparece em muitos trabalhos como correspondendo a uma “epidemia de histeria do século XXI” – afirmação que o trabalho de Castellanos não corrobora. O trabalho também faz objeção à terapia cognitivo-comportamental que “toma como orientação fundamental a adaptação à dor, em um tratamento para que o paciente possa viver com a dor, sem nada interrogar acerca de sua função nem da relação que possa ter com os avatares de sua vida.”

O livro finaliza com a conclusão de que a Medicina sabe cada vez mais acerca do organismo, com os aportes que a Ciência lhe faculta. Entretanto, no registro do corpo, onde a subjetividade não pode ser excluída, sempre lhe restarão enigmas; sempre restarão quadros clínicos onde o saber médico “não anda”. Se é verdade que a fibromialgia escapa à compreensão etiológica e resiste ao tratamento farmacológico contemporâneo, então “o padecimento da fibromialgia pode ser considerado como exemplo daquilo que ‘não anda’ para a Ciência [Médica]”.

Para isso que “não anda” é que a Psicanálise reserva um lugar: desde as suas origens, com Freud, até sua atualidade, com Lacan, a Psicanálise sempre esteve comprometida com o tratamento e a cura de doentes para os quais a Medicina “não anda”.

Dra. Vera Lúcia de Oliveira e Silva (PR).

24.ª EDIÇÃO DO CONCURSO DE MONOGRAFIAS

As inscrições para a 24.ª Edição do Concurso de Monografias sobre Ética Médica, Bioética e Profissão Médica do Conselho Regional de Medicina do Paraná estarão abertas até 18h de 12 de agosto. O tema é “Privatização na Saúde Pública – Qual o futuro dos princípios da equidade, universalidade e integralidade do SUS?”. Podem participar todos os cidadãos brasileiros, independentemente de formação ou profissão. As obras devem ser inéditas, podem ter mais de um autor e devem atender aos termos do regulamento, disponível no portal do CRM (www.crmpr.org.br). Com o propósito de estimular o pensamento e o debate ético sobre temas de interesse da sociedade e da comunidade médica, o concurso foi criado em julho de 1987 e no ano seguinte teve a sua primeira edição, abordando a “Esterilização”.

VIDA APÓS A MORTE!

"Do cemitério dos vivos ao voo pela esperança de escrever uma nova história."

Infância pobre, fã de *heavy metal*, visual sórturo e histórico de pequenos delitos. Em 1994, aos 18 anos e vivendo no Arkansas (EUA), Damien Echols era um jovem singular a milhões de outros que, em qualquer região do mundo, não estava nem aí com o amanhã. Se o futuro se apresentava pouco promissor, que dirá depois de preso com dois amigos sob a acusação de matar três garotos de oito anos de idade num ritual satânico. Num processo cheio de erros e contradições, Damien foi condenado à morte e seus amigos à prisão perpétua.

Para Damien, foram 18 anos no corredor da morte e toda 'sorte' de humilhações, angústias e também esperança, como quis o destino. Documentário produzido pela HBO dois anos após o crime, com direito a sequências, gerou críticas à investigação e deu origem a uma campanha em defesa dos jovens, possibilitando adiar a pena de execução de Damien. Numa manobra jurídica que eximiu a Justiça de Arkansas de erros processuais, o trio foi solto em 2011. No ano seguinte, a história reaparecia no documentário *West of Memphis*, de Peter Jackson, que enfatizava provas de DNA e transferia a suspeita de autoria para o padrasto de um dos meninos.

À herança do convívio carcerário, Damien soube assimilar ingredientes para a construção de um futuro em meio a tantas incertezas. Ele conta ter lido "milhares de livros", esgotando todos os temas, com ênfase em literatura, psicologia e guerra civil americana. Além disso, pode costurar a reinserção social casando-se ainda na cadeia, em 1999, com a arquiteta Lorri Davis, que foi conhecê-lo após assistir ao filme de sua história. Eis que estes componentes

todos resultaram no livro *Vida após a morte*, onde em 416 páginas Damien reúne memórias pessoais desde a infância e o relato da vida reclusa, denunciando as más condições do sistema penitenciário americano, a convivência com outros presos e a tortura psicológica intermitente imposta pelos guardas.

Aos 38 anos, ele se declara pronto para enfrentar o futuro, inclusive como escritor de não-ficção. Pensa em reunir numa obra extrato do volume de cartas trocadas por 12 anos com a – agora – mulher e, ainda, um livro sobre meditação. Para quem passou tanto tempo preso, no corredor da morte, Damien revela que em muitos momentos se via em mutação de personalidade, sem saber de fato quem era. A reabilitação plena ele espera com a condenação dos verdadeiros culpados. Com perspectiva ou não, a história de Damien e seus amigos ainda podem render outros tantos roteiros cinematográficos.

CONTRASTE BRASILEIRO?

José da Silva por certo nunca se interessou por *heavy*, muito menos tinha ouvido falar de Woodstock e tropicalismo ou se interessado pelo movimento da Bolsa de Chicago. Sofreu com infância e juventude pobres e com seus "parafusos soltos", mas teve acesso às letras, mesmo que de forma primária. Final dos 80, num entre e sai de empregos e traição da companheira, foi parar nas ruas. Deprimido, esquelético, roupas surradas e higiene abandonada, aos 28 parecia que tinha 50 ou mais. Aparência medonha. Valores éticos ou morais tinham ficado de vez no armário da última morada convencional.

Andarilho, alcoólatra e desgostoso da vida, encontrava companhia em parceiros de infortúnio – e com quem dividia mocós, sobras de comida e cachaça. Mais um "zé da silva" entre milhares que formam contingente de segregados, migrantes do campo, alienados sociais ou mentais... Eis que vai parar no noticiário de jornais e rádios de Curitiba. Não no obituário, mas nas manchetes policiais. Na defesa da vida e da garrafa de pinga, brigou e matou três dos parceiros. Como arma usou um "T-bone" no zero. Herói ao seu modo, ganhou apelido de "Zé do Osso", com o qual foi se apresentar na cadeia.

Raquítico, 1,60m e olhe lá, "Zé do Osso" foi parar no Pre-

sídio Provisório (do Ahú), a primeira penitenciária de Curitiba e do Paraná, inaugurada em 1909 no local onde funcionava o “Asilo para Alienados Nossa Senhora da Luz” e, desde então, palco frequente de rebeliões, fugas, formação de facções e guerra pelo poder dos presos, com seus conflitos e mortes. Ali, estava mais para “zé sem futuro”, avizinhandose muito mais que dias angustiantes. A morada provisória ganhou contornos de definitiva quando, levado a júri popular, tomou 25 anos de reclusão.

Sob as regras do habitat, com seus vícios, gírias, cotidiano de violência e falta de perspectivas, “Zé do Osso” aderiu aos ensinamentos de sobrevivência: sujeitar-se às regras do lugar e ordens dos mais poderosos. Trabalhando em serviços de faxina, viu reacender seu instinto assassino ante a humilhação a que passou a ser submetido, juntamente com seus companheiros, pelo detento que comandava a cozinha e a facção mais poderosa da cadeia. Como relataria mais tarde, foram seis meses arquitetando um plano e trabalhando na confecção de um “estoque”, arma branca pontiaguda feita de metal. A oficina de artesanato era, naquele momento, pretexto para moldar sua “obra”.

Mauriti Carneiro, sujeito de 2 metros, 150 kg e histórico de muitos crimes, espancava a todos a que lhe interessava para intimidar a massa e exercer o seu domínio. Postura humilde e reverenciadora, “Zé” foi sorrateiro para desferir certo golpe no incrédulo chefão, que desabou com a lâmina cravada no baço. Sob olhar espantado de centenas de detentos no refeitório em horário de al-

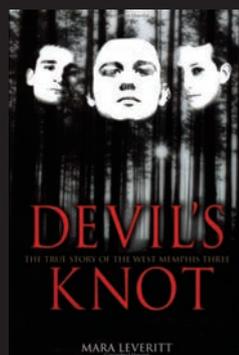
VERSÕES DO DRAMA



VIDA APÓS A MORTE

Livro

Em *Vida após a morte*, Damien Echols reúne as anotações de suas memórias no cárcere, registros que ele manteve por todos esses anos sem identificar as datas, pois considerava “doloroso demais ver os dias, meses e anos passando, a realidade fora do meu alcance”.



DEVIL'S KNOT

Livro

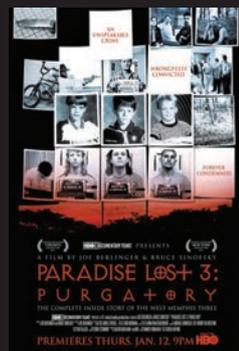
A premiada jornalista norte-americana Mara Leveritt lançou o livro *Devil's Knot*, explicando os procedimentos legais que resultaram na condenação dos adolescentes. Hoje, *Devil's Knot* está a caminho do cinema e, no Brasil, o livro será lançado este ano.



WEST OF MEMPHIS

Filme

Documentário indicado ao Oscar, com produção de Peter Jackson e Damien Echols. O filme faz uma análise da investigação policial do assassinato dos três meninos, em 1993, revelando novas evidências sobre a prisão e condenação de três homens inocentes.



PARAÍSO PERDIDO

Filme

Série de 3 documentários produzidos pela HBO. O último filme da série, *Paraíso Perdido 3: Purgatório*, vai além da saga dos jovens acusados, fala de preconceito e desmascara a convenção de que a justiça é perfeita e a polícia competente. Mas a culpa não se restringe somente às autoridades. O povo que, apesar de ter suas razões para culpar os jovens, se torna uma ameaça “nuclear” quando consumido pela fúria. A sociedade fica cega e irracional, e piora quando um “suposto” ritual satânico, como neste caso, é envolvido no processo.

moço, o sujeito ainda desenterrou a arma para desferir sequência de “estocadas” até a chegada dos seguranças. Começava ali outro processo por homicídio, mas também uma nova vida para o “Zé do Osso”, até então mais uma “alrunha” num rol que não poupava ninguém. Ganhou algum respeito naquela prisão, onde mortes e motins continuariam a ocorrer e a envolver outros tantos personagens. Do “bem” e do “mal”.

Em 2004, “Zé do Osso” continuava entre os 2,9 mil detentos ali acomodados, número três vezes maior que a capacidade. A esta altura, buscava conjugar leitura, artesanato e religião, tendo ainda a oportunidade de se casar. Estava na iminência de obter o regime semiaberto pelo cumprimento parcial da pena e bom comportamento. Fez o caminho inverso de muitos dos quais conviveu. Tirou lições da cultura do cárcere. Quando a quase centenária unidade prisional foi desativada, em julho de 2006, José da Silva já tinha alçado seu voo. Sessentão, não deixou memórias lavradas de seu punho, mas deve ter levado melhor aparência na alma e sonhos que nunca experimentara, como escravo da miséria, ignorância e do preconceito.

Praga de “Zé”, dos primeiros moradores alienados ou de injustiçados, como as muitas vítimas da repressão

militar que ali foram parar nos 60-70, o cadeião sucumbiu e suas paredes hoje em degradação são apenas testemunhas silenciosas de tantas histórias fragmentadas de dor, tristeza, humilhações e de sangue. Como a registrada em 17 de maio de 1931, na que seria a primeira rebelião de presos no Estado. A ação comandada por Papst e Kindermann resultou em mortes, feridos e fugitivos. À sombra de toda repulsa da sociedade na época, experimento com pretensão literária tentou dar estigma de heróis aos bandidões. A história curitibana rejeitou o livro tanto quanto personagens cruéis que alimentam nossos noticiários até hoje.

Damien Echols esteve no corredor da morte. José da Silva esteve no corredor, no solário e na cela abraçado com ela. Como morador de rua, driblou as doenças, como a tuberculose (com 60 vezes mais chance do que em condições normais) e a guerra diária pela sobrevivência. Na prisão, por quase três décadas, viveu o “inferno” até achar o atalho para saída. Dos pontos que Damien e José convergem, o de que a vida precisa fazer sentido. Com suas ideias e ideais, cada um encontrou, ao seu modo e destino, um fio de vida onde se prenunciava desesperança e morte.

Hernani Vieira (PR).

PRESÍDIO VIRA MEMORIAL DA RESISTÊNCIA

A Caravana da Anistia foi organizada para mapear os locais ligados à violação dos direitos humanos e encontrar pessoas que merecem ser homenageadas pela sua coragem de lutar pela liberdade no país. Cenário de tortura e de repressão, o Presídio do Ahú foi escolhido em Curitiba como uma das sedes do Memorial da Resistência, em espaço cedido pelo Tribunal de Justiça, hoje detentor da área e que ali construirá o Centro Judiciário.

Ex-presidente do CRM-PR e atual conselheiro federal, Gerson Zafalon Martins foi um dos muitos presos políticos que passaram pela unidade. Em 1970, prestes a se formar, ficou ali para cumprir parte da pena de ano e meio a que foi condenado. Recentemente voltou ao local com representantes do Fórum Paranaense de Resgate da Verdade, Memória e Justiça para escolha da ala da unidade desativada que será restaurada e preservada, sendo incumbido de falar em nome dos ex-presos políticos. Lembrou os dias difíceis e exaltou a coragem daqueles que lutaram contra o totalitarismo, sobretudo os estudantes, alguns de Medicina, como ele. Com o Ahú, Curitiba já inaugurou quatro dos sete marcos previstos do Caminho da Resistência.



Pioneiros da Medicina do Paraná

1873

O Primeiro Médico Parnanguara Dr. Leocadio José Corrêa

Leocadio José Corrêa, filho de Gertrudes Pereira e de Manoel José Corrêa nasceu em Paranaguá, Paraná, no dia 16 de fevereiro de 1848.

Após completar a educação primária em Paranaguá, foi para o seminário em São Paulo e depois para o Colégio Episcopal de São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro. Em 1868 deixou o seminário e matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Obteve o grau de doutor com a tese "*Da Litotricia*", aprovada com distinção em 28 de dezembro de 1873. Foi o primeiro paranaguense a se formar em medicina, a partir de 1874.

Em 1872 o célebre professor Torres Homem publicou as clássicas "*Lições de Clínica Médica*" e no prefácio escreveu "*que foram compiladas pelo discípulo Leocadio Correia*".

Em Paranaguá trabalhou na Santa Casa de Misericórdia, o primeiro hospital fundado antes da emancipação da província. Em 1875 foi nomeado Inspetor Sanitário dos Portos de Paranaguá e de Antonina e passou a ter importante papel nas ações de saúde pública nas epidemias como a varíola, o cólera e a febre amarela.

Os laços familiares com o primo e cunhado, Barão do Serro Azul, e com o tio, Eufrásio Correia, então presidente da Assembléia Provincial, tornaram inevitável que Leocadio se envolvesse na política. Elegeu-se deputado provincial do Partido Conservador nos mandatos de 1876/77 e de 1878/79 e em seguida vereador em Paranaguá.

Na vida social paranaguense, distinguiu-se nas tertúlias do Clube Literário como literato, orador e teatrólogo. Em 1885 foi nomeado Inspetor Paroquial de Ensino em Paranaguá.

Embora não haja qualquer indicação de que em vida tenha tido ligação com o espiritismo, o carisma do Dr. Leocadio perenizou-se no imaginário popular e revestiu-se de um novo componente, o de seu espírito continuar a ação benfazeja após a morte, conforme a crença difundida pelos adeptos do kardecismo. Morreu, em Paranaguá, em 18 de maio de 1886, devido à "*febre algida maligna*" conforme seu registro de óbito.



Túmulo do Dr. Leocadio, em Paranaguá
16/02/1842 - 18/05/1886



CRM-PR
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ

www.crmpr.org.br